

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:
Lima Figueirêdo

GERENTE:
João Baptista de Mattos

ANNO XXII

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1935

N.º 251



S U M M A R I O

	Pags.
O Ministerio da Guerra ao Exercito.....	355
LITERATURA, HISTÓRIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA	
Capitão Ariosto Daemon.....	338
Historia da guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai.....	339
Actualidades scientificas, Major Jayme de Almeida.....	345
SECÇÃO DE INFANTARIA	
Manobra de ala.....	352
Lendo a Revista de Infantaria Franceza, Major F. Brayner....	355
Conselhos para resolver uma situação tactica, Cap. da Silva Chaves	363
SECÇÃO DE CAVALLARIA	
O Cérne de Cavallaria, Cap. F. Portugal.....	374
SECÇÃO DE ARTILHARIA	
Sobre a preparação dos tiros de artilharia, Traducção do Major Veríssimo.....	380
SECÇÃO DE ARTILHARIA DA COSTA	
Determinação de distâncias, Cap. W. Seixas.....	390
As novas fortificações Francezas, Cap. João Ribeiro Pinheiro....	396

SECÇÃO DE ENGENHARIA

A passadeira rolante, <i>Traducção do Cap. Lima Figueiredo</i>	402
--	-----

ESTUDOS SOCIAES E PEDAGOGIA

O valor do dinheiro, 1.º Ten. José Salles.....	408
O exercito e a publicidade, Gen. Munson.....	410
Pedagogia e educação, Mile Diwkeim.....	411
O individuo e a rotina, Van Loon.....	412

SECÇÃO DE VETERINARIA

Impressões do Rio Grande Pastoril, 1.º Ten. Armando Rabello de Oliveira.....	416
--	-----

VARIEDADES E NOTICIARIO

O tempo do serviço militar na França.....	420
“A Defesa Nacional”.....	420
O protesto das Nações.....	422
Expedição Iglesias.....	422
Teremos novamente sangue na linde Colombo-Peruana ?.....	423
Livros novos.....	423
Formulario.....	425

O Ministro da Guerra ao Exército

"Ha um complexo de signaes na atmosphera moral e social de cada povo, que indica, com presaga segurança, as proximidades das grandes crises revolucionarias de sua historia. São ellas presentidas por todos os espiritos com essa especie de instincto da instabilidade, que innunda, com a sombra do que vêem, mesmo as consciencias menos perspicazes.

As horas que vivemos não deixam de ser prenhes de inquietadoras apprehensões. Percebem-se no tumulto dos ultimos tempos, entre confusões irritantes e o caudal de embustes e intrigas, forjados para produzirem effeitos derrotistas, as ideologias mais contrictorias, que estabelecem contactos de correntes antagonicas, insaciaveis, no afan de desordem e de anarchia com prejuizo para a estabilidade nacional.

Em meio de tanta insatisfacção, de tanto choque de idéas e appetites, é esquecido o Brasil que se debate na ancianidade de ordem, de trabalho e de progresso.

A nós, militares, não deverão escapar a falta do sentido social e a do sentido patriotico de taes esforços, nem a inclassificavel ausencia de altruismo das tentativas dos que tudo promettem e com tudo acenam, sequiosos de mando e plenos de ambição desmedida.

Impõe-se, então, que eu repita aos meus camaradas do Exercito, o que a Nação de nós espera, da nossa capacidade de sacrifício e de abnegação, para servir a bem, fóra e acima de todos os partidos e competições mesquinhos, livres de preoccupações, interesses e luctas facciosas.

Na verdade, nunca se fez tanto sentir, como agora, o imperio do dever de ajustarmos, dentro da nossa farda, almas e coisas, não consentindo em quaesquer desbordamentos, sejam estes guiados por inseguras inclinações doutrinarias ou pelas tração de posições e riquezas, que os falsos pretextos mal encobrem. Sobre as razões da politica interna, indicadas, pairam ainda — impondo-nos o fortalecimento pela união — as da politica externa, maximé no momento em que o mundo

civilisado marcha, sem duvida, novamente para os horrores da conflagração universal.

Quando os partidos, as facções ou os grupos se enovelarem na confusão dos interesses proprios, pondo á margem os sagrados e imprescindiveis interesses da Nacionalidade, o Exercito, convicto e calmo, sereno e forte, dentro da tormenta desencadeada, sem mesmo a mais leve esperança da gratidão presente, projectará no futuro os resultados da sua acção, por ser elle, sem duvida, o baluarte da sociedade em crise, o esteio da segurança nacional, a garantia, em taes horas, do mundo civil e dos poderes emanados do povo. Para esse fim, o Exercito deve ficar attento, coheso e disciplinado, para não seguir qualquer direcção falsa.

Recollocado o Paiz dentro de suas fronteiras moraes e sociaes, é sómente na vida sadia e reconfortante da caserna — guiando e amando os nossos soldados no encanto desse mistér que elegemos em sacerdocio e apostolado, profissão humilde mas viril — que o Exercito será grandioso, com a renuncia e o sacrificio de que formos capazes.

Cada Povo encarna uma orientação especifica. Cada Nação possue o seu segredo, o seu *substratum*, bases reaes e dogmaticas do seu proprio crescimento, mysterio da sua evolução, leis evocativas da sua marcha através das idades.

Não vos deixeis illudir, meus camaradas. Não divagueis além das raias que o destino, firme, nos traça, para que se descubra, com os olhos do espirito, entre as sombras e os disfarces, entre todos os clamores e solicitações, a imagem da GRANDE PATRIA, a unica que merece o nosso culto systematico.

O coração do soldado deve distinguir, no tumultuar das paixões desencadeadas, o interesse real do povo de que provem, em contraposição com o dos agitadores que procuram perturbar o rythmo ascensional para a justiça e o equilibrio social.

E, em consequencia, meus camaradas, direi que esse rythmo e esse sentido, a que alludi, são pontos fixos da trajectoria que nos levará á grandeza da PATRIA, pela disciplina e pelo trabalho".

Literatura

Historia

Geographía

Sciencia

CAPITÃO ARIOSTO DAEMON

Cap. FREDERICO C. BUYS.

Para que se accenda em descampado, ao vento, um pequenino fogo, que de trabalho se despende para evitar que a chamasinha tremula succumba ás rajadas fortes e como se acutelam os primeiros lampejos mortícos da chamma insignificante, assim de que elles se desenvolvam e se engrandeçam e possam por fim, fortes de si mesmos e só de si mesmos dominar as iras dos ventos, no vigor do proprio esforço e na gloria luminosa de suas irradiações.

E' a virtude, na grande massa dos homens, como esta chamma pequenina e humilde, indecisa em meio ás tormentas da vida lamentavel, luctando para affirmar-se, trabalhando para abrir as trevas vigorosas e geladas um pouco de luz e de calor. Digno de aplauso de assistencia é o combate ferido no intuito de que ella se mantenha respeitável a vigilancia de todas as horas para que ella perdure, admiravel e carinho para que ella subsista. Mas a virtude das virtudes é a das grandes fogueiras, accésas não se sabe como nem por quem, soberbas e avassalantes e em que os ventos, longe de as apagarem mais as desencadeam e incapazes de as serenarem, mais as reanimam...

São raras as grandes queimadas, excepcionaes são as grandes fogueiras... Miseria da vida contingente, desgraçada condição da vida relativa. Porque os homens, no geral, neste mundo de virtudes escassas, não são virtuosos. A virtude para elles, está no esforço que a ella conduz e não na propria virtude, quasi nunca attingida.

Virtudes masculinas, militares, superiores, virtudes que se não inspecionavam, que se não cuidavam, que se não graduavam, virtude unica. No Capitão Ariosto Daemon a virtude era espontanea, natural, brotava-lhe do coração sem esforço, com impetuosidade, sem que elle proprio della se apercebesse. Culminou, assim, na virtude quem nella viveu sem observar que era virtuoso. Ingenuidade na virtude, tipicamente um soldado, verdadeiramente um forte.

Desvendemos agora, não a curiosidade de todos mas ás homenagens de muitos, um recanto da historia do que foi toda esta vida, honrada e viril como poucas: como insistissem parentes e amigos junto a jovem viúva desolada para que se medicasse afim de esperar, em melhores condições de serenidade os despojos mortaes do esposo amantissimo embarcados de Curytiba para o Rio, esta a tal se recusou, allegando, estoica e animosa, não querer roubar á Dor que a acabrunhava toda a brutalidade dos seus direitos e qualquer nada do seu imperio e que seu marido todos os sacrificios merecia.

Sinta-se, na tragica simplicidade desta recusa, o alto valor moral do homem capaz de acordar em outro coração, a nobre e grandiosa elevação de tão intenso sentimento e na mulher que o experimenta, a alta dignidade de uma patricia romana da epoca aurea.

Vida intrepida. Vida bravia. Vida virtuosa.

Cap. ARIOSTO DAEMON



* Viveu como um justo.

† Morreu como um passaro.

História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguay

II

GENERAL TASSO FRAGOSO

IMPRENSA DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO—1934

No segundo volume da sua obra, descreve o General Tasso Fragoso as operações na Mesopotamia Argentina e no Rio Grande do Sul. "Inicia-se nelle — adverte o autor no prefacio — o estudo da guerra propriamente dita, isto é, dos successos do theatro principal. Explica-se a formação da Tríplice Aliança e seu plano de operações, cotejam-se as forças em presença, lança-se rápida mirada ao terreno, relata-se a invasão paraguaia ás Províncias de Corrientes e do Rio Grande do Sul, e todas as operações dos aliados para bater os invasores e obrigar-lhos a voltar a seu paiz repassando-lhe a fronteira fluvial.

Descreve-se a seguir a travessia do Paraná pelas tropas da Aliança, acto preparatorio da invasão do territorio inimigo, e depois a marcha delas contra Humaytá.

O volume contem 418 paginas e comprehende a *segunda parte* da obra, com quatro capítulos, e a *terceira*. Estuda os acontecimentos desenrolados depois do convenio de 20 de Fevereiro de 1865, que pôz fim á luta na Republica Oriental e permitiu ao Brasil reunir todos os seus elementos de defesa e lançá-los contra Lopez.

Analysa o deslocamento do exercito de Menna Barreto, de Montevideo para a região de concentração inicial, e as operações da esquadra em combinação com elle, commentando essa primeira phase da campanha em que o commando em chefe coube ao Almirante Tamandaré e, a Francisco Octaviano, a representação do pensamento politico do Imperio no theatro da guerra.

Dá-nos o General Tasso Fragoso, na integra, o plano de operações do almirante, por elle exposto ao Ministro da Marinha em officio reservado de 3 de Março de 1865, plano "que é em substancia o que Caxias já havia formulado cerca de dois mezes antes, isto é, a 25 de Janeiro", quando consultado pelo governo imperial, conforme accentua o autor da obra.

E' impressionante a concordancia de opiniões revelada, a esse propósito, pelos dois grandes chefes militares, um de terra outro de mar, em condições pessoas tão diversas, ao planejarem as operações da campanha, cujos lances principaes seriam, no fundo, os mesmos; o facto evidencia o valor profissional dos cabos de guerra a quem a monarchia entregava a di-

reção de suas forças armadas nas lutas memoraveis que sustentamos com o estrangeiro.

A proposito desse plano de operações, cuja modalidade de execução mais vantajosa exigia a travessia do territorio argentino, o que não nos era permitido fazer sem a autorização da nação vizinha, ventilla o General Tasso Fragoso a questão debatida por escriptores platenses, dos passos dados, em vão, pelo governo imperial, junto a Mitre, com o fim de obter delle a necessaria licença para aquella travessia, deixando o assumpto perfeitamente claro.

Das negociações então levadas a effeito resultou o protocollo de Outubro de 1864, concertado entre Fellippe Leal, nosso ministro em Buenos Ayres, e Rufino Elizalde, ministro das relações exteriores de Mitre, *para o caso de o Paraguai violar o territorio argentino*, hypothese em que, para repelir o invasor, a Argentina associaria os seus esforços aos do Brasil e permitiria a este levar o seu exercito a qualquer ponto das províncias argentinas do littoral.

"Esse documento, diz o General Tasso Fragoso, é o verdadeiro germe do Tratado da Triplice Aliança."

Expõe a seguir o autor a tentativa de Lopez com o fim de obter de Mitre identica permissão, e a resposta serena e firme do presidente argentino, recusando-lhe igualmente o transito de suas tropas através de Corrientes e Entre-Rios, o que provocou a resolução do dictador paraguaio, de *llevar todo por delante...*

A reconstituição desses acontecimentos, tratados pelo autor com um notável poder de synthese, caracteriza-se, na narrativa do General Tasso Fragoso, por inexcedivel clareza, mau grado o emaranhado do assumpto, motivo de tantas notas diplomáticas, cartas e officios dos agentes dos tres governos. Ahi encontra o leitor uma valiosa documentação, de que fazem parte o Tratado da Triplice Aliança e o Protocollo annexo, que regula certas providencias de ordem militar, applicaveis ao Paraguai, depois de vencido.

Ainda no primeiro capítulo, estuda o theatro provavel das operações e dá balanço ás forças de terra e mar dos belligerantes, descreve o ataque dos paraguayos á cidade de Corrientes e a sua marcha posterior, ao longo do rio Paraná, sob o commando de Robles e o malogro desse movimento, de alcance estratégico duvidoso, contra a resistencia dos argentinos, efficazmente auxiliados pelos navios da esquadra brasileira e os contingentes militares levados a seu bordo.

A batalha do Riachuelo, cuja importancia decisiva para o exito da campanha é posta em evidencia pelo autor, é ahi estudada á luz de farta e valiosa documentação.

No sengundo capítulo, trata da marcha realizada pela columna paraguaia que, parallelamente á de Robles, invadiu por nordeste a província

de Corrientes, sob o commando de Estigarribia, para atacar o Rio Grande do Sul. E' a força mandada organizar sigilosamente por Lopez em Encarnacion, no mez de Abril de 1864, e concentrada no começo do anno seguinte nas margens do Pindapoi, ao norte da província argentina. Descreve o seu deslocamento para leste e a passagem do Uruguay, invadindo o território riograndense nas immediações da villa de São Borja, tomada e posta a saque pelo general do dictador.

As operações no Rio Grande, emprehendidas por Estigarribia ao longo do rio Uruguay, até Uruguayaná, em que se encurralou e foi pôr fim vencido, estuda-as o autor meticulosamente, reconstituindo-as, o quanto permitem as deficientes informações procedentes dos dois adversários. Explora, em seguida, as medidas tomadas para a defesa da província do Rio Grande do Sul, tão mal apercebida para a luta, apesar de antiga ameaça de Lopez á nossa soberania nacional. A dispersão das tropas brasileiras no momento da invasão, a insuficiencia do seu commando, em mãos de um chefe fraco e pouco capaz, a pequena resistência que oferecemos ao inimigo, durante sua marcha ao longo da fronteira, são factos commentados vivamente pelo General Tasso Fragoso, que sobre elles borda reflexões de que se poderão colher, ainda hoje, preciosos ensinamentos.

A nomeação do General Barão de Porto alegre para chefear o exercito em operações no Rio Grande, a 20 de Julho de 1865, corrigiu, embora tardivamente, os erros e fraquezas que caracterizaram o emprego das nossas tropas na primeira phase da luta, e permitiu aproveitar a experiência desse illustre militar nas operações contra Uruguayaná, em que se portou mais uma vez com altivez e competencia.

Encerram o capítulo algumas páginas sobre a cooperação prometida por Urquiza aos aliados e que elle não pôde prestar, e as causas prováveis da debandada da cavallaria entreriana, com que contava Mitre para repelir os paraguayos do territorio da Mesopotamia.

Segue-se, no capítulo terceiro, a marcha do exercito de Osorio, das cercanias de Montevideó para o norte, e a sua reunião junto ao rio Dayman, affluente da margem esquerda do rio Uruguay, perto de Salto, concluída a 10 de Julho de 1865; ahí veio ter, a 22 do mesmo mez, a cavallaria de Menna Barreto, aguardando toda a tropa cerca de um mez que os dirigentes da guerra assentassem no plano das operações a adoptar, do qual resultou a passagem do nosso exercito de Dayman para Concordia, isto é, da margem esquerda para a direita do rio Uruguay.

"A operação da travessia do rio durou 17 dias (estava concluída a 11 de Julho) — diz o General Tasso Fragoso — e pôz á prova a actividade e o ardor dos brasileiros". Para avaliar a envergadura da operação, basta recordar que o efectivo de Osorio subia a 19.000 homens.

Analysa depois o autor os entendimentos havidos entre Osorio e Tamandaré com Mitre e Flores, de que resultou a remessa de contin-

gentes do exercito brasileiro para collaborar no cerco de Uruguaiana. Trata, por fim, da reunião das tropas aliadas em Concordia, depois de tão longas marchas e de haverem transposto tres grandes rios. Ainda nesse capitulo examina o pensamento estrategico de Mitre, seus entendimentos com Urquiza, em cujo concurso punha tanta confiança, e o plano das operaçōes que formulāra, no qual diz o General Fasso Tragoso, só tres coisas havia de positivo: o primeiro objectivo a attingir — Humaytā, a linha de operaçōes para conquistal-o e a concentração prévia na província de Corrientes. E expõe, em continuação, a sequencia natural dos pensamentos do presidente argentino, que se accentuam á medida que o tempo corre, que os movimentos do inimigo se caracterizam e que os contingentes aliados se aprestam para a luta, valendo-se, na exposição, da abundante correspondencia trocada por Mitre com Urquiza, Gely y Obez, Paunero e outras personalidades. Expande-se ahi, com toda a segurança, o espirito logico e clarividente do autor, que nos proporciona paginas de intensa vida, escriptas com extraordinario vigor.

Concentrados os aliados em Concordia e imposta a rendição a Estigarribia, a cuja arrogancia estava reservado tão duro castigo, inicia-se a marcha contra o inimigo que avançara para o sul ao longo do rio Paraná. Estuda o autor os movimentos de Paunero contra o exercito de Robles, depois de Resquin, fornecendo preciosos dados concernentes ás operaçōes e aos effectivos, de forma que o leitor adquire uma idéa exacta daquelle grande esforço preliminar, exigido dos aliados como condição para poderem attingir em seu territorio ao temerario aggressor. Ha, nesse longo capitulo, muitas outras questões do mais alto interesse, tratadas exhaustivamente, taes como a do commando em chefe das forças aliadas em frente a Uruguaiana, de que se sahiu galhardamente o Barão de Porto Alegre, a do restabelecimento das boas relações entre o Brasil e a Inglaterra, a viagem de Pedro II a S. Borja pelo rio Uruguay e o processo mandado instaurar contra os culpados da frouxa resistencia offerecida aos invasores do Rio Grande do Sul.

O quarto e ultimo capitulo da *segunda parte* da obra começa pelo estudo do plano de operaçōes dos aliados, formulado depois da rendição de Uruguaiana, que o autor analysa detidamente, e em virtude do qual voltaram á margem direita do rio Uruguay as forças dos tres exercitos que cooperaram no assédio áquelle praça. Trata, a seguir, do exercito brasileiro de observação nas Missões, cujo nucleo inicial foi o corpo comandado por Porto Alegre, e passa a relatar as empresas levadas a cabo pela columna de Resquin. A esse proposito recorda ao leitor já ter feito sentir "a profunda ignorancia em que nos encontramos com respeito aos pormenores das operaçōes dos paraguayos durante a invasão de Corrientes pela margem do rio Paraná. Não será, pois, de admirar — ajunta o autor — que sempre me limite a informações demasiado incompletas".

Estuda, em continuação, a marcha dos aliados para Corrientes e a ordem de batalha de Osorio, cujo exercito apresentava nessa occasião um effectivo de 35.000 homens (22.000 brasileiros, 4.000 orientaes e 11.000 argentinos).

A terceira parte da obra do General Tasso Fragoso não está dividida em capítulos: comprehende os preparativos para a invasão do territorio paraguayo, a travessia do rio Paraná e a marcha na direcção de Humaytá.

Começa por apresentar algumas reflexões sobre a invasão de Matto Grosso e das províncias de Corrientes e do Rio Grande do Sul pelas forças paraguayas, procurando reconstituir o plano de operações que guiou a Lopez nesses movimentos, "a primeira grande incognita da guerra do Paraguay", affirma o autor, incognita que "ninguem até hoje conseguiu determinar".

Só m-se reflexões sobre as primeiras operações dos aliados, bordadas e ornado dos acontecimentos imediatamente ligados ao inicio da campanha, resumidos com admirável clareza. Discute as resoluções tomadas por Mitre para a cobertura do exercito aliado concentrado em Concordia, a escolha dessa região para a concentração e o itinerario da marcha contra o adversario, dando as razões por que teria sido preferivel subir pelo rio Paraná, conforme fôra assentado a principio. São paginas ricas de ensinamentos, não só historicos, mas diplomaticos e militares. Analyza nessa occasião os planos de guerra de Caxias e de Pimenta Bueno, documentos do mais alto valor e tão pouco conhecidos entre nós, concluindo por affirmar que "o plano aliado de invasão do Paraguay, examinado hoje como se fossem contemporaneos dos acontecimentos, figura-se-me logico e o mais convinhavel naquella occasião".

Aprecia, a seguir, a situação dos aliados na confluencia do Paraná com o Paraguay, onde estavam reunidos mais de 40.000 homens, que teriam de se mover depois, "em terreno de que não havia cartas topographicas e, pôde-se dizer, completamente desconhecido". Relata os golpes de mão de Lopez contra os aliados, na margem esquerda do Paraná, e descreve os preparativos destes para a invasão do Paraguay, de que estavam separados pela immensa caudal; commenta as decisões tomadas por Mitre, Tamandaré, Osorio e Flores, na primeira reunião dos chefes aliados realizada a 25 de Fevereiro de 1866, no quartel general do presidente argentino.

Com o fito de facilitar a intelligencia das primeiras operações, estuda de perto a região formada pela confluencia do rio Paraná com o Paraguay, socorrendo se da carta hydrographica levantada pela nossa marinha de guerra naquella época, e analyza em seguida as explorações procedidas para a escolha do ponto mais apropriado á invasão do territorio inimigo.

Fixada definitivamente a escolha desse ponto, depois de meticuloso estudo por parte dos chefes aliados, de que o General Tasso Fragoso nos dá um relato succinto, esclarecendo as razões da divergência surgida a principio entre Mitre e Tamandaré, vemos executar-se, com o mais completo exito, uma das mais ousadas e imponentes operações da campanha: a travessia do rio Paraná pelo exercito aliado, forte de 65.000 homens (37.870 brasileiros, 25.000 argentinos e 2.800 orientaes), para a penetração no territorio paraguayo.

A partir desse momento, a narrativa occupa-se das operações militares dos aliados no territorio inimigo.

O desembarque na margem esquerda do rio Paraguay, cerca de meia legua da confluencia com o Paraná, e o avanço na direcção de Itapirú e do Passo da Patria, realizados com resolução e denodo pelas tropas aliadas sob o commando de Osorio, são narrados com impressionante realidade com appoio no testemunho dos que tomaram parte nesses memoraveis feitos de guerra. A narrativa transporta-nos ao rincão pantanoso em que tomaram pé as nossas tropas e faz-nos viver aquelles dias de trágica vibração. Assiste o leitor a retirada de Lopez para o norte, abandonando o Passo da Patria, que os aliados occupam; o combate encarniçado do Estero Bellaco, em que a intervenção de Osorio salvou a situação dos aliados por momento compromettida; a passagem destes para o norte do Estero, procurando acercar-se de Humaytá — primeiro objectivo da campanha; o estacionamento em Tuyuty, onde as forças se reorganizam depois de tão longo esforço, e, finalmente, a batalha de 24 de Maio, de que o General Tasso Fragoso nos dá uma empolgante descrição enriquecida por seus commentarios oportunos de historiador arguto e abalisado conhecedor da arte da guerra.

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

Actualidades científicas (1)

Subsídio para o concurso á E. E. M.

Major JAYME DE ALMEIDA

II — RADIOTELEGRAPHIA

Apreciação sobre a utilisação da radiotelegraphia em geral. — Valvulas thermo-ionicas e suas principaes funcções. — Vantagens e inconvenientes da T. S. F. como meio de trasnmissão. — Ideia sobre radio-gonometria e suas importantes applicações.

A) — APRECIAÇÃO SOBRE A UTILISAÇÃO DA RADIOTELEGRAPHIA EM GERAL:

A radiotelegraphia foi a precursora da radiotelephonia.

No decorrer dos ultimos annos os progressos realisados em materia de transmissões pela telegraphia sem fio têm sido verdadeiramente notaveis; para isso muito tem concorrido o emprego de meios mais praticos e aperfeiçoados, tanto no ponto de vista dos transmissores como dos receptores e, principalmente, a criação e uso de amplificadores telephonicos possantes, que vieram tornar possível attingir os maiores alcances.

Hoje a telegraphia sem fio constitue um meio ideal de transmissão a distancia, preenchendo todas as exigencias de perfeito funcionamento, substituindo, em certos casos, os cabos submarinos, levando os despachos até onde não podem alcançar os fios telephonicos, permittindo a comunicação com os navios em alto mar e aviões em vôo, facilitando as ligações imprescindiveis entre os exercitos em campanha, assegurando, em summa, a transmissão rapida de toda especie de informações, notadamente as previsões metereologicas.

B) — VALVULAS THERMO-IONICAS E SUAS PRINCIPAES FUNCÇÕES:

As valvulas thermo-ionicas ou electronicas, cujas propriedades curiosas realizaram admiraveis progressos em transmissão do pensamento por meio das ondas electro-magneticas, foram descobertas por Edison e aplicadas á radio-technica por Fleming. Posteriormente, De Forest, empregou uma valvula mais aperfeiçada, constituída então de tres electrodos.

O principio em que se baseia o funcionamento das valvulas é, em resumo, o seguinte: admittindo a teoria atomica como uma verdade e, aceitando que o atomo possa ser constituído de um nucleo electrizado positivamente em torno do qual gravitam, com rapidez incessante, certos corpusculos negativos que se denominam "electrons", é possivel concluir que, em estado normal, esses "electrons" não podem abandonar o nucleo central porque, em conjunto, as suas cargas positiva e negativa representam uma somma nulla.

Nessas condições, pois, pode-se afirmar que, em cada elemento da matéria, os corpusculos electricos estão, de certo modo, em equilibrio es-

(1) Continuação do n.º 249

tavel, equilíbrio este que perdurará enquanto não surgir uma causa exterior que venha perturbá-lo.

Si submettermos agora o corpo considerado á acção de uma alta temperatura, produz-se, assim, uma agitação thermica que vem destruir o equilíbrio do sistema, occasionando a acceleracao da velocidade de rotação dos "electrons", em torno do nucleo central.

Agindo, ao mesmo tempo, sobre esses "electrons" por meio de uma atração positiva, verifica-se, no sistema, uma agitação violenta que dá lugar que as particulas negativas que se achavam antes em equilíbrio estavel sejam arremessadas para o exterior, em todos os sentidos e animadas de grande velocidade.

Na realização pratica desse phénomeno utilizou-se um vaso fechado, no qual se fez o vacuo, a semelhança das lampadas communs.

Dentro da empoula collocou-se um pequeno filamento vertical, (cathodo), aquecido por uma bateria e, a distancia conveniente uma pequena placa isolada com uma certa carga positiva — (anodo).

De accôrdo com a lei das attracções e produzindo-se o aquecimento do filamento os "electrons" serão atraídos para a placa, com uma velocidade que se pode considerar instantanea, (10.000 kms por segundo), dando formação, assim, a uma corrente electrica no espaço filamento-placa, desprovido, como vimos, de qualquer substancia condutora.

Essa corrente tem sentido contrario ao do fluxo electronico que permite a sua passagem, isto é, parte do polo positivo para o negativo, ao passo que os electrons que são de polaridade negativa partem sempre para o polo positivo, para a placa.

Comprehende-se, porém, que ha leis que regulam a corrente filamento-placa; com effeito, para um dado aquecimento do filamento e uma certa carga da placa, ha uma quantidade determinada de "electrons" que são projectados na unidade de tempo.

Accrescendo a carga da placa e conservando-se o mesmo valor para o filamento teremos consequentemente um augmento de passagem dos "electrons", o que equivale tambem a uma accrescimo de intensidade da corrente, até attingir um limite, que é chamado de saturação.

Si introduzirmos agora, entre os dois elementos filamento e placa um terceiro electrodo, a grade, constituída de um fio em forma de helice, teremos assim um meio mais pratico de influir sobre a corrente, regulando-a e controlando-a de accôrdo com um desejado grão de potencial, em relação ao filamento.

Si dermos á grade uma carga fortemente negativa em relação ao filamento ella repellirá os "electrons", interceptando a sua passagem para a placa, tornando, deste modo, praticamente nulla a corrente filamento placa.

Diminuindo essa tensão negativa e a atração da placa attingindo um valor maior que a repulsão da grade começará a se formar novamente a corrente no circuito filamento placa.

Continuando a diminuir a tensão negativa da grade até attingir um valor nullo, a sua acção não se fará mais sentir e os "electrons" terão livre passagem afim de attingir a placa.

Finalmente dando á grade uma tensão positiva ella tornar-se-á tambem um centro de atração, aumentará o numero de "electrons" emitidos pelo filamento, intensificando a corrente.

A grade desempenha, como acabamos de ver, o papel de uma perfeita valvula, abrindo-se ou fechando-se conforme o valor de sua tensão, quer seja positiva, quer seja negativa.

Eis, em traços ligeiros o principio de funcionamento das valvulas

* * *

As principaes funcções das valvulas electronicas são as seguintes:
Detectoras

Amplificadoras } de radio ou alta frequencia
Oscilladoras } de audio ou baixa frequencia

Moduladoras

Detecção : A detecção é, em ultima analyse, uma rectificação da corrente. E' sabido que as correntes de alta frequencia não vibram as membranas dos phones, porque uma alternancia negativa annula sempre o efecto de uma precedente e, inversamente, antes que esta tenha tido tempo de exercer a sua accão.

Conseguindo, porém, introduzir uma dyssemetria nesse modo de producção das alternancias, isto é, tornando as positivas maiores que as negativas correspondentes, torna-se patente que estas ultimas não mais anularão o efecto d'aquellas, dando, ensejo, assim que os phones sejam ligeiramente deformados.

Ha, pois, uma perfeita transformação da corrente alternativa em continua ou de frequencia musical: diz-se, então, que a corrente foi detectada.

Si agora essas oscillações se sucedem, em trens, o phone emittirá sons correspondentes, perfeitamente audíveis.

Amplificação — : A amplificação, quer seja de baixa ou alta frequencia, consiste, em resumo, em se obter variações maximas de voltagem da grade para se conseguir assim oscillações tambem maximas da corrente do circuito da placa. Para isso, torna-se mistér provocar, por um meio qualquer, uma queda de potencial nos dois circuitos, empregando o transformador ou a resistencia.

As lampadas de tres electrodos são empregadas para amplificar as correntes de alta frequencia-antes da detecção, e as de baixa frequencia depois da detecção.

D'ahi o seu duplo emprego.

Oscillação : A valvula de tres electrodos é uma fonte de oscillações mantidas que se presta, adu iravelmente, à transmissão da palavra e da musica.

O seu funcionamento, nesse particular, é função de uma das condições principaes do seu trabalho — *a propriedade de oscillar*.

Sabendo-se que o circuito grade-filamento consome uma potencia minima comparado com o da placa, a oscillação consiste em captar do circuito placa essa pequena potencia e mantel-a em circulação.

E' evidente, porém, que para que tal se verifique é indispensavel que os dois circuitos attinjam seus valores maximos positivos ou negativos, simultaneamente.

Para se ter uma idéa mais clara sobre essa propriedade das valvulas, basta, apenas, citar o exemplo do pendulo que, recebendo um impulso começa a oscillar.

Essa oscillação, todavia, não perdurará é vae se amortecendo gradualmente até que o pendulo entra em repouso. Si, porém, durante um curto espaço de tempo receber novo impulso, com a mesma intensidade

do primeiro e se essas impulsões forem se sucedendo, em intervallos de tempos eguaes, o pendulo manter-se-á indefinidamente em oscillação.

E' perfeitamente o mesmo phenomeno que se passa nas valvulas oscillantes.

Modulação — : A modulação consiste, em rapidas palavras, em superpor as ondas sonoras, de frequencia musical, emitidas pelos micro-phones, sobre a corrente que circula no circuito oscillante de emissão, corrente esta de alta frequencia.

Esta função importante em transmissão é tambem desempenhada pelas valvulas thermo-ionicas.

C) — VANTAGENS E INCONVENIENTES DA T. S. F. COMO MEIO DE TRANSMISSÃO.

A radiotelegraphia, como sabemos, é um meio de transmissão de informações que utiliza os signaes Morse.

As suas vantagens principaes são:

1.º — Pouca visibilidade de suas installações e por isso mesmo pouca vulnerabilidade.

2.º — Organisação de transmissões regulares entre duas auctoridades, quando estas não se podem comunicar pelo telephone seja, pela intervenção do inimigo, seja em consequencia de obstaculos do terreno ou em virtude de grande distancia entre elles, originada pelo facto de uma delas estar a bordo de uma aéronave, ou dentro de qualquer condução que se desloque no campo de batalha.

3.º — Transporte facil dos postos de T. S. F. o que lhes permite acompanhar os P. C. em seus deslocamentos, assegurando-lhes a transmissão após o tempo estritamente indispensavel para a montagem de suas installações.

4.º — Capacidade de diffusão muito notável, permittindo a varios postos receptores captarem informações de ordem geral, enviadas por um unico emissor (como sejam as indicações metereologicas, dados balisticos, transmissão da hora, etc.) e, ainda, o facto de permitir a diversas auctoridades receberem, ao mesmo tempo, uma informação ou ordem.

Inconvenientes principaes:

1.º — A indiscreção, inconveniente grave, permittindo que todo posto emissor possa ser ouvido pelos postos inimigos de escuta convenientemente installedos á distancias muito maiores que o alcance normal dos mesmos, graças á dispositivos especiaes. (Os postos franceses de T. S. F., na batalha do Marne, conseguiram captar e decifrar todas as mensagens allemaes).

2.º — A possibilidade dos postos de T. S. F. serem localizados pela radiogoniometria o que, combinado com uma organisação methodica de escuta, faculta ao inimigo tirar conclusões importantes acerca da ordem de batalha, localização dos postos de commando e, assim penetrar de certo modo nas intenções do chefe. Em consequencia disso, muitas vezes o alto commando é obrigado a interdizer parcial, ou totalmente, as comunicações pela T. S. F.

3.º — Fraco rendimento; com pessoal treinado pode-se conseguir um rendimento horario de 180 a 200 palavras, donde, portanto, a necessidade de evitar a transmissão, pela T. S. F., de despachos longos.

4.^o — Possibilidade de perturbação das transmissões pelos postos inimigos e, principalmente, pelos phenomenos atmosphericos.

5.^o — Necessidade de empregar um pessoal seleccionado e perfeitamente instruido.

6.^o — Obrigação de permanencia em escuta, visto não comportar o material apparelhos de escuta.

(Regulamento n.^o 84 — Emprego dos meios de transmissão pelas tropas de todas as armas).

D) — IDEIA SOBRE A RADIAGONOMETRIA E SUAS IMPORTANTES APPLICAÇÕES:

1.^o — Ideia sobre a Radiogonometria:

A radiogonometria é, em synthese, o problema das transmissões dirigidas; pode ser considerada, ainda, como um methodo de procura e determinação de um posto emissor, por meio do quadro dirigido.

Os processos usados para a transmissão dirigida, são:

- a) — dispositivos especiaes de antennas
- b) — o methodo do reflector
- c) — o emprego dos quadros.

Dentre esses o de maior applicação é, certamente, o de quadro dirigido.

O quadro consiste em um circuito fechado de grandes dimensões e apresentando diferentes fórmas: triangulares, rectangulares e hexagonaes.

A sua propriedade essencial se baseia em que a energia irradiada é maxima no plano do quadro e nulla numa direcção perpendicular ao mesmo ou, de outro modo, que um posto receptor é muito sensivel quando recebe oscillações de um emissor situado no plano de seu quadro e, insensivel, quando recebe essas mesmas oscillações num plano perpendicular ao de seu quadro.

2.^o — Suas importantes applicações:

As mais importantes applicações dos postos radiogonometricos, assim se classificam:

1.^o — Utilisação de postos radios pharões hertzianos para servir de guia aos submarinos e navios.

Foi muito empregado pelo allemaes na ultima guerra, com a finalidade de guiar e dirigir os seus possantes submarinos.

Em resumo, este processo se funda na determinação do ponto em que se acha o navio, pela intersecção de duas direcções tomadas em relação a dois postos radio-pharões, installados em terra.

2.^o — Identificação dos postos inimigos, em caso de guerra, permitindo organizar uma carta de rede desses postos.

Nesse trabalho os postos radiogonometricos são coadjuvados pelos de escuta, cujo fim é acompanhar o trabalho e actividade dos postos inimigos, determinando a sua posição, os seus deslocamentos, etc.

Essas diferentes informações facultam aos estados maiores organizar o seu grupamento em rede.

3.^o — Identificação dos aviões de regulação dos tiros de artilharia inimiga.

Os postos radiogonometricos, ligados por um meio de transmissão rapido, localisam a zona de evolução dos aviões inimigos assim que estes começarem a emitir os seus signaes para terra. Determinada a sua posição no espaço, torna-se possível combatê-los e persegui-los.

4.^o — Orientação das aéronaves.

Essa orientação é feita de bordo da aéronave que necessita conhecer a sua situação no espaço e que envia, para tal fim, signaes radios convencionados a tres estações de terra as quais, por sua vez, fornecem-lhe tres direcções determinadas que se interceptam no ponto em que se encontra o dirigível.

Após essa determinação, isto é, depois de calculados as coordenadas geographicas do ponto em que se acha o dirigível, uma qualquer das tres estações transmitte-lhe a sua posição exacta, em latitude e longitude, no momento da emissão.

Esse processo foi muito usado, também, pelos allemães para orientar os seus Zeppelins sobre o territorio francez, durante á noite, afim de bombardear as cidades e centros importantes daquelle paiz.

As condições atmosphericas porém, obrigaram muitas vezes, os dirigiveis a se afastarem das suas rotas, o que occasionava a sua perda, por falta de orientação.

Ha, ainda, outro meio que convém de preferencia aos aviões e que consiste em montar um quadro fixo, perpendicular ao eixo longitudinal. Por meio deste quadro, o avião capta os signaes de uma estação poderosa de terra. Para mantel-o em direcção á estação de terra é suficiente que o piloto o dirija de modo tal que os signaes de terra não sejam ouvidos.

5.^o — As montagens duplex das grandes estações mundiaes que servem á recepção e á emissão ao mesmo tempo.

Finalmente existem, ainda, outras applicações da radiogonometria devidas á Mr. William Loth, physico francez, que conseguiu determinar as radios estradas aereas, a orientação pelos cabos submarinos e aterrissagem dos aviões em pleno nevoeiro.

“.. sabichosos e infallíveis, na medida do seu indice bovárico não acabam comsigo mesmo perdoar a reles ignorancia. Os erros dos outros são sempre colossas e eternos erros, os delles, se possíveis, ephemeros descuidados. Muitos ha que encaram em todo o espirito productivo um adversario, um usurpador, e na obra alheia uma provacção”.

Secção de Infantaria

Redactor: Floriano Brayner

Auxiliares: Segadas Vianna
Nilo Guerreiro
Manoel Guedes
Coelho dos Reis
Ignacio Rollin

A MANOBRA DE ALA

As operações de guerra na AMERICA DO SUL, caracterizar-se-ão ainda por muitos annos, pela morosidade das concentrações de forças iniciaes em theatros de operações longiquos e mais ou menos desprovidos de meios de comunicações. Assim, é de preve-se que os primeiros choques venham a produzir se entre as proprias forças do tempo de paz, apenas accrescidas dos effectivos de um primeiro escalão de mobilisação. A pobreza dos materiaes de toda a ordem, utilisados por esses reduzidos effectivos, ao par da extensão e características mesmas dos theatros de operações, nos levam á certeza de que, pelo menos no inicio destas, não teremos frentes continuas nem resistencias obstinadas com flancos apoiados em obstaculos intransponiveis, etc. etc.. Haverá, portanto, larga margem para a *manobra* de grande envergadura, particularmente a *manobra de ala*, uma das formas estrategicas essenciaes que o Chefe procura realizar na batalha. Essa manobra, que visa um dos flancos e por vezes mesmo, os dois flancos do adversario, será fatalmente objecto das cogitações constantes dos nossos chefes, em todos os escalões, em face dos argumentos que apontamos.

Meditando bem sobre essa grande realidade, vemos quanto é opportuno o trabalho recente do General LOIZEAU: "As Duas Manobras".

Delle extrahimos o trecho que se segue, para o qual pedimos a attenção dos estudiosos, particularmente daquelles que, possivelmente, terão de arcar com a responsabilidade de *Chefe*..

"A experiecia da ultima guerra illustrou este facto indiscutivel: *o ponto sensivel do inimigo, é e continuará a ser sempre, o seu flanco*. De facto, numa determinada frente, a potencia e o alcance dos engenhos de fogo modernos — canhões e metralhadoras — permittem sempre ao defensor, resistir durante muito tempo, com meios menos numerosos, e sobre

uma posição, mesmo sumariamente organizada. E, mesmo que o assaltante, graças á accumulação progressiva, nessa frente, de um material possante e abundante, consiga fazer uma brecha, não obtem, na maioria das vezes, em face de um defensor resoluto e em estado physico e moral conveniente mais do que uma simples bolsa exposta ás reacções das reservas e ao envolvimento. A batalha frontal não pode, em tais circunstancias, realizar o sucesso decisivo; acarreta, apenas, a immobilisação e a usura do adversario, o que, é bem verdade, já constitue um grande resultado.

Contra o flanco inimigo, ao contrario, o assaltante *pode desenvolver, ao maximo, todos os seus meios offensivos de fogo e movimento.*

A iniciativa de sua manobra, o avanço realizado no dispositivo, posteriormente no ataque, o ascendente moral que lhe proporcionam a sua posição envolvente e a superioridade dos seus fogos, tudo enfim, concorre para preparar seu sucesso. Para o adversario, ao contrario; o flanco constitue uma zona de menor resistencia, esmagada sob os fogos convergentes do ataque, em relação ao qual o defensor se vê consagrado a tomar disposições frequentemente de ultima hora, num campo de acção restricto, e com reservas muitas vezes afastadas. Seu moral será tanto mais abalado quanto mais o atacante conseguir realizar a surpreza e ameaçar suas comunicações.

Ora, é bem certo que, na situação dos armamentos, os effectivos e o material posto em linha inicialmente, de um lado e de outro, não permittirão realizar, pelo menos imediatamente, no theatro de operações, uma frente continua e densa.

Certos exercitos terão seus flancos mais ou menos descobertos; haverá *intervallos* entre elles.

Os dois flancos do dispositivo geral não serão necessariamente apoiados a um obstaculo: fronteira neutra, rio ou mar. Haverá nas alas, *espacos livres*.

No inicio de uma guerra, por conseguinte, considerando que a potencia das armas modernas tornará difficult, — quiçá

impossível em virtude dos meios limitados de que se dispõe — a penetração sobre uma frente extensa, a manobra pelas alas permitirá ao resoluto ser forte no ponto em que o seu adversário é fraco".

O fim a que se propõe o Commando será sempre, portanto, procurar a destruição do inimigo — fim supremo; mas, este resultado será solicitado á "Manobra dos espaços livres", visando, com potencia e velocidade, os pontos sensíveis do sistema das forças adversas, e isto:

— na *Manobra pelos intervallos*, afim de separar seus exercitos, desorganizar seu dispositivo, ameaçar suas retaguardas;

— na *Manobra pela ala exterior*, afim de desbordar o dispositivo geral, e ameaçar as communicações vitaes do inimigo.

Uma tal manobra, bem entendido, será sempre combinada com um ataque frontal, indispensável para fixar e provocar o emprego prematuro das reservas adversas.

Se as operações deste periodo não permittirem realizar o sucesso decisivo e conduzirem progressivamente os belligerantes a se defrontarem sobre uma frente continua e com as duas alas apoiadas em obstáculos, é ainda, como em 1918, pela *Manobra nas zonas de menor resistencia*, nos azares da sorte duma acção que, primeiramente terá obtido a ruptura de uma parte importante da frente inimiga e provocado o emprego das suas reservas, que o Commando attingirá o fim que lhe foi proposto.

Assim, quer se trate de espaços livres ou de frente continua; de manobra pelas alas interiores ou exteriores do dispositivo adverso, retornamos sempre ao conceito napoleónico da batalha geral:

— engajar-se primeiro, para fixar e gastar o inimigo;
— procurar, em seguida, a decisão pela ruptura do seu sistema de forças, num ponto sensível e de menor resistencia.

O fim da manobra de ala permanece sempre de acordo com os grandes principios da guerra: economia de forças, concentração no ponto decisivo, liberdade de acção. Sómente os processos variam, com as condições de tempo de espaço e de meios".

Lendo a Revista de Infantaria

Mez de Dezembro

Major F. BRAYNER.

Apresentamos aos nossos leitores neste numero uma succinta apreciação sobre o exemplar da "Revue d'Infanterie" do mez de Dezembro do anno findo.

I — Como vem acontecendo ultimamente, é ainda Paul Tuffrau, o brilhante estylista francez que, sob o pseudonymo "Tenente E. R.", quem enche as primeiras paginas da revista com uma collaboração intitulada: "Nossos dias de Gloria". São recordações de Novembro de 1918 na Lorena e no Sarre. Indaga o autor: "Nossos dias de gloria ! Vivemol-os verdadeiramente ?

Como todos antigos combatentes, eu tenho o meu cofre de lembranças. Cá estão os meus "Carnets" de marcha, cartas, recortes de jornaes já amarellecidos; um discurso de Clemenceau.....; o "Matin" do dia 12 de Novembro exhibindo em titulos garrafas:

— A ALLEMANHA CAPITULOU

O ARMISTICIO FOI ASSIGNADO — AS CONDIÇÕES DA VICTORIA

E em baixo da pagina:

"A GUERRA ESTA' GANHA !

Tuffrau alinha recordações desses momentos de alegria allucinante que fizeram estremecer de loucura toda a França. Em seguida, a propósito mesmo dessas explosões de alegria, o autor expende a sua impressão pessoal sobre as emoções do armistício, respigadas de certa dose de amargura. E' um pouco daquelle desanimo e pessimismo que Remarque aponta e que envenenou a alma de toda uma geração que voltava das trincheiras, sem saber se devia rir ou chorar.

Diz: "... Para mim, o armistício apresenta um outro aspecto; não é uma efervescencia ruidosa, mas, uma alegria silenciosa, — esta alegria pungente que eu vi correr como uma onda nas tranquillas aldeias da Lorena, onde se preparava a offensiva de Castelnau. Como, se explicava esse recolhimento dos combatentes, inesperado, quasi religioso ?

Por muitos motivos: — pela surpresa mesma do acontecimento; pela brusca ruptura do esforço, no momento em que elle atingir ao apo-

geu; pela irrupção tumultuosa em cada consciencia das recordações tornadas esperanças, repentinamente; pela noção subitamente esmagadora, da enorme tarefa levada a termo, quando vimos diante de nós, a horrrosa machina de guerra definitivamente desmantelada, o espaço aberto até o Rheno, e essa profunda e mysteriosa Allemanha, agitada pelos vendavaes da derrota e da revolução, na qual iamos penetrar como dominadores”.

Prosseguindo nas suas divagações Tuffrau se refere ao grão de exaltação a que attingiu o espirito de corpo no fim da guerra, ao ponto de suscitar entre as diferentes armas e entre os diferentes elementos d'uma mesma divisão, antagonismos semelhantes aos do Primeiro Imperio. Descreve a anciedade dos ultimos dias da guerra, com o seu nervosismo caracteristico, esperanças e desalentos, para se deter mais, em descrever os acontecimentos de 11 e 12 de Novembro de 1918, principalmente os que envolveram com o seu Btl. o 4.^º/208.^º R. I., tropa de elite, de “fourragé jaune”, largamente experimentada em toda a campanha.

Finalmente Tuffrau descreve algumas passagens da ocupação da região do Sarre, particularmente da cidade de Sarrelouis, que pediu socorro aos franceses por estar sendo pilhada por agentes dos bolshevistas nos primeiros dias que se seguiram ao armisticio. Não esconde ahí, a sua decepção pelo que viu de profundo germanismo, nessa região que os franceses pensaram em annexar, mas, que em bôa hora resloveram entregar aos designios de um plebiscito, na qual votaram a favor da Allemanha cerca de 480.000 sarrenses e pela França menos de 3.000. Os primeiros contactos dos franceses com a população de Sarrelouis, com os seus administradores e com os seus costumes, são descriptos por Tuffrau com alto senso psychologico e perfeita observação dos factos. Impressiona pelo respeito á verdade e pelo que se pode avaliar dos dissabores e humilhações porque passa um paiz que tem a desdita de perder uma guerra.

II — Passemos á collaboração seguinte

TRABALHO TECHNICO DE METRALHADORAS

Tiros longíquos

Trata-se de um estudo do Capitão Flouquet, sobre o tiro indirecto abordando determinados pontos de sua realização. A Revista apresenta-o como modelo de precisão e clareza. Entretanto, uma nota mesma da redacção assignala que o Cap. Flouquet não cogita da preparação completa dos tiros indirectos, a executar por uma meia Companhia (corres-

ponde a uma Cia. Mtrs. da nossa organização). De facto, elle se preocupa em resolver o problema do obstáculo (tropas amigas e massa co-bridora) e calcula os elementos dos tiros possíveis, sem abordar a determinação do eixo de tiro, dos angulos de transporte, da convergência e da ceifa.

Dentro desse quadro restricto, ha logar, apenas, para uma discussão relativa á localização do material e estabelecimento das folhas de cálculo. Tudo é feito, porém, com um innegável valor educativo, particularmente para os que servem em unidades de metralhadoras.

O assumpto é tratado através de um caso concreto na carta de ... 1:20,000, de Chateau-Sallins. A situação inicial focalisa um determinado **partido vermelho** installado defensivamente que, a partir de um dia D, entra em contacto com um adversario azul. Os Vermelhos, sob a ameaça de uma acção em força dos azuis, decidem romper o contacto e se retrair na noite de D + 4 para D + 5, para uma região de alturas, atraç.

O movimento é feito sob a protecção de uma regatuarda que no caso é um Btl. X. que ocupará previamente uma determinada linha.

Continúa a se exercer a pressão inimiga. O Btl. X consegue detê-lo mas, diante dos preparativos de um ataque de Infant. e Carros, apoiado pela Art., o commandante do Btl. decide romper o combate e recuar para uma outra posição, tendo em vista uma segunda resistência.

E' neste momento que elle attribue ao Cmt. de uma meia C. M. de um outro Btl. Z. (posta a sua disposição para realizar tiros longíquos), a missão de concorrer á defesa da nova posição, transportando-se para uma região B onde preparará tiros sobre C, D, E, e si possível F e G.—Fornece o ultimo boletim de sondagem: vento, temperatura, pressão atmospherica e altitude de referencia. Os problemas a estudar, são assim seriados:

- 1.) — O problema do obstáculo, para cada um dos tiros pedidos;
- 2.) — Determinação dos elementos dos tiros possíveis.

— O primeiro problema se resume na questão do desenfiamento, isto é, escolha da posição para o material, em relação ao obstáculo que o defronta. Localizada a peça directriz, impõe-se verificar, pelo exame da carta e da tabella das ordenadas, se os tiros são possíveis. Normalmente, para determinar a distancia exacta das máscaras, é necessário preparar um ou mais perfis.

— Quanto ao segundo problema a sua solução consiste no preparo das folhas de cálculo onde figuram dois quadros: um primeiro em que se registram todos os dados referentes a cada um dos objectivos, á origem dos tiros, á tropa amiga e ao obstáculo; e no outro quadro, as correcções em alcance e em direcção, para cada objectivo.

Entre nós, o tiro indirecto está absolutamente descurado, sob a allegação de que se trata de um processo oneroso dada a nossa pobreza em munições.

O argumento é ponderável, mas não é bastante. Discordamos dessa orientação simplista. A prática do tiro indireto obrigaría os nossos metralhadores a estudar e melhor conhecer o nosso material.

III — Flanqueamentos e grandes frentes

E' o trabalho que se segue, firmado por M. — Trata-se de um conjunto de reflexões a propósito de dois artigos aparecidos em números anteriores da Revista: um sobre o flanqueamento e outro sobre a defensiva nas grandes frentes.

Assignala o autor, de inicio, que esses estudos, tanto quanto ao fundo como quanto aos princípios, estão intimamente entrelaçados, demonstrando assim uma absoluta unidade de doutrina, uma vez que ambos se apoiam nos regulamentos em vigor.

O seu objectivo é aplicar os princípios e methodos enunciados no estudo dos flanqueamentos, às modalidades de que se pode revestir o movimento, u'uma situação defensiva em grande frente.

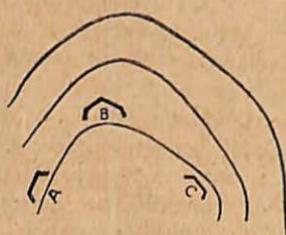


FIG. 1

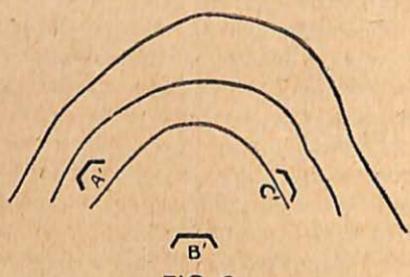


FIG. 2

No desenvolvimento do estudo desta ultima situação como no da primeira, os autores tem a preocupação incessante de tirar o maior partido do terreno, o que, aliás é lógico e justifica a prioridade dada a este factor nos trabalhos indicados. Em seguida focalisa, a propósito do caso concreto estudado, um schema em que é tomada, ao acaso, uma garupa qualquer enquadrada, do terreno da operação, representando-a topographicamente na fig. 1:

Admittindo que o inimigo procure abordal-a (fig. 1) pelos pés das vertentes, a applicação do princípio extremamente geral dos flanqueamentos nos conduz a aceitar que o ponto de apoio estabelecido sobre essa garupa comprehenderá, em principio, e essencialmente:

1.º) — Em cada vertente, uma organização cuja missão principal será flanquear o ponto de apoio vizinho; suas missões secundarias, inteiramente compatíveis com a primeira, consistirão em flanquear as organizações vizinhas, do mesmo ponto de apoio, e a bater as vertentes intermediárias — E' o caso das organizações A e C. (fig. 1);

2.º) — Na frente, uma organização cuja missão essencial é flanquear as organizações vizinhas, do mesmo ponto de apoio e a missão secundária de bater as vertentes accessíveis ao assaltante. E' o caso da organização B (fig. 1).

O conjunto constitue o schema da fig. 1., isto é, um triangulo deformavel. Está subentendido que as convenções que indicam as organizações A, B e C, representam, cada uma, um grupamento de posições de tiro appropriadas ás diferentes armas e correspondendo a um mesmo fim tactico.

Imaginemos agora, ao contrario, que a organização B tenha sido installada atraç das organizações A' e C' (fig. 2). Verifica-se logo que o assaltante desde que pretenda se apoderar de A', mascarárá simplesmente a organização vizinha do ponto de apoio que está á sua direita, e agirá livremente. No caso da Fig. 1 elle cahiria ainda sob a acção dos flanqueamentos reciprocos, que muito difficultariam sua tarefa.

— Em seguida o autor applica esse dispositivo ao caso concreto relativo á defensiva em grande frente.

Considera os pontos sensiveis da posição a defender e nelles organisa pontos de apoio com as características acima indicadas, no sentido de realizar os flanqueamentos reciprocos completados pela intervenção de outros órgãos de tiro curvo (morteiros, V. B.).

-- Desejando obter escalonamento em profundidade, apella para o reconhecimento rigoroso do terreno, para verificar a possibilidade de diminuir as armas e engenhos empregados no 1.º escalão. As metralhadoras assim disponíveis, seriam empregadas em 2.º escalão, para enfiar os grandes caminhamentos, flanqueando a grande distancia os pontos de apoio de 1º escalão, ou para bater os pontos de passagem obrigatoria; etc.

— Finalmente, o autor encerra o seu trabalho, estudando, ainda no caso concreto indicado, as modalidades do movimento, que se poderão verificar sob duas formas: deslocamento das posições de tiro e jogo das reservas. As posições de tiro poderão ser deslocados no curso da manobra defensiva, para fazer face a situações que accorrem muito commumente.

Esse deslocamentos são particularmente realizados pelo 2.º escalão. Poderão ser preparados com antecedencia, segundo hypotheses razoaveis: locaes e itinerarios reconhecidos, balisados e melhorados se necessário.

O trabalho firmado por M. é complementar dos que apareceram na Revista de Agosto de 1934. Comporta um estudo minucioso que a falta de espaço não nos permite fazel-o. O autor encarece, como é natural, a importancia da questão das grandes frentes, intimamente ligada ao problema da cobertura no inicio de uma guerra, e mesmo no curso de uma campanha. Este será certamente o nosso caso.

Reporta-se, em seguida, a importancia preponderante do fogo e ao

valor das reservas; e conclue que, em tais circunstâncias o chefe precisa estar incessantemente ao corrente das peripecias da luta em condições de transmittir rapidamente as suas ordens.

Necessita, portanto:

- 1.º) — bons observatórios e meios de transmissões aperfeiçoados;
- 2.º) — reservas extremamente moveis, considerando que a sua articulação não é mais suficiente; é o seu transporte para todos os terrenos, que se impõe.

IV — Nota sobre o tiro de flanqueamento e sua eficácia.

Decididamente este numero da Revista se caracteriza pela preocupação de focalizar os aspectos interessantes dos flanqueamentos. É o caso do artigo do Cmt. Metz, de Engenharia, sob o título acima. O autor estabelece um confronto entre dois estudos:

— um, do General Lugand, apologista intransigente da eficácia desse gênero de tiro e da noção da "barreira intransponível", baseado na experiência da guerra;

— outro, do Cmt. Trebous, de Artilharia, sobre o Tiro longínquo das metralhadoras, em que o autor, baseado nos dados da balística externa e no cálculo das probabilidades, escandalizou os "cathedralicos", assegurando que, o "consumo a prever para um tiro de flanqueamento é sempre superior ao que corresponderia a um tiro frontal da mesma eficácia, desencadeado sobre uma frente igual ao comprimento do tiro de flanqueamento". — "O tiro de flanqueamento é, teoricamente, menos eficaz que o tiro frontal".

O Commandante Metz não se conforma com as conclusões do Cmt. Trebous, que importariam em destruir a doutrina em voga, neste particular.

Alinha uma série de considerações teóricas para destruir os argumentos negativistas do seu camarada de Artilharia e consegue-o vassajosamente. Aliás, o assunto é frágil para comportar polémica, muito embora nos pareça irrealisável o flanqueamento ideal e, por isso mesmo, se imponha uma certa restrição ao fetchismo com que muitos encaram a questão.

Os ensinamentos da guerra, diz o Cmt. Metz, e notadamente os referentes a "barragem intransponível" das Armas Automaticas agindo em flanqueamento, necessitam na opinião do General Lugand, ser "repetidos de tempos a tempos, sem o que, por um fenômeno vulgar, serão pouco a pouco encampados pela pura teoria".

O tiro de frente é o do egoísmo, enquanto que o de flanqueamento é o do altruismo. Ora, o altruismo nem sempre, é praticado facilmente.

Conclusão: Superioridade indiscutível do flanqueamento:

— sempre que se possa estabelecer um obstaculo á frente da posição;
— mesmo não havendo obstáculo, desde que o inimigo disponha de cobertas approximadas;

— e ainda, toda vez que o numero de armas automaticas não seja grande, e que se trate de aplicar o principio da economia de forças.

Estamos de pleno acordo com o autor. Esta ultima conclusão é bem brasileira. D'onde, se impõe o estudo continuado dos tiros de flanqueamento entre nós.

V — Firmado pelo Ten. Coronel Z. apparece neste numero da Revista um magnifico trabalho sob o titulo: "Um estudo sobre o desenvolvimento do combate no interior do dispositivo inimigo — Decisões do campo de batalha".

Trata-se de uma collaboração digna de uma completa divulgação e não de um simples commentario, que nos é imposto pela deficiencia de espaço. O objectivo do Coronel Z., aliás, perfeitamente conseguido, foi collocar os executantes em presença de situações do campo de batalha, de carácter chaotico e conduzil-os a dellas se descartarem, tomando decisões rapidas, expedindo ordens curtas e completas, apezar de redigidas em pleno perigo. Realmente, concordamos com o autor, em considerar esse metodo de estudo de vantagem indiscutivel para o desenvolvimento do golpe de vista, discernimento, iniciativa, carácter e espirito de decisão de um chefe, qualquer que seja o escalão hierachico em que se encontre.

O trabalho está dividido em quatro partes.

A 1.^a parte é consagrada á exposição da situação tactica; a segunda, focalisa um Commandante de Btl. forçado pelas circunstancias a tomar decisões, dar ordens, partes e endereçar pedidos á autoridade superior.

Na terceira parte intervém o Cmt. do RI, a que pertence esse Btl.; e, finalmente, a quarta parte enfeicha o trabalho coordenador do Commandante da I. D. dentro da mesma situação. O estudo é todo elle de um interesse palpitante porque foge ás linhas classicas, para se ater a visão nitida das realidades do campo de batalha e a um conhecimento aprofundado das possibilidades da Infantaria.

VI — Demonstrando um invulgar interesse pelas questões de motorização, a Revista encerra a parte editorial com uma minuciosa noticia sobre "O salão do automovel em 1934 — seu interesse militar" repleta de dados technicos sobre as mais recentes criações deste ramo. Mais adiante, na Chronica das Revistas estrangeiras, reproduz uma opinião italiana sobre a motorização e a mechanisação a serviço da guerra futura da autoria do Ten. Coronel do Exercito Italiano Adolfo Infante.

Citando os casos da Inglaterra, França, Suissa encara a situação da Italia que, apezar dos esforços do Inspector do material automovel, ainda

não conseguiu resolver a questão em toda a sua amplitude. O estudo do Coronel Adolfo Infante se estende sobre: o pessoal, o material, as regras geraes de emprego e a constituição organica.

Reconhece, de inicio, que a solução do problema apresenta na Italia, difficuldades particulares, devidas á falta de carburante, á insufficiencia das installações industriaes é á presenca de terrenos montanhosos e boscosos.

A falta de carburante no territorio nacional implica a liberdade das communicações maritimas.

Nas suas conclusões o autor acha que a Italia não pode tardar a solução do problema, no seu duplo aspecto: industrial e militar.

A questão industrial será abordada no seu triplice objecto:

- estimular á industria automovel appropriada ao emprego militar;
- aprofundar os estudos do carburante nacional;

- equipar as usinas para uma fabricação rapida de engenhos couraçados.

A questão militar conduz a uma revisão total da organização do Exercito.

Eis ahí as bases da solução do problema.

Entre nós ainda não se cuidou de tão relevante questão. Os nossos theatros provaveis de operações comportam largamente o emprego dos meios motorisados; já possuimos, embora de modo incipiente, o carburante nacional.

Falta-nos a industria de guerra.

Por que não procuramos a solução para esse problema no Brasil?

A imprevidencia é uma pessima qualidade.

Resguarde o seu futuro inscrevendo-se na

CAIXA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS

DO MINISTERIO DA GUERRA

SYSTEMA COOPERATIVISTA

Avenida Rio Branco

Edificio do Jornal do Commercio - 3.^o and.

Conselhos para resolver uma situação tactica

Pelo Cap. A. DA SILVA CHAVES

SUMMARIO

- I — Valor de um methodo
- II — Trabalho preparatorio
- III — Exame da situação
- IV — Decisões.

I — VALOR DE UM METHODO:

Para solução de uma situação tactica temos necessidade de examinar uma serie de factores que teem influencia decisiva nas resoluções a tomar.

O exame desses factores deve ser feito sem nenhuma idéa preconcebida, afim de que possamos sentir nitidamente a reacção de cada um delles na solução a ser adoptada.

E' preciso não se ter a preocupação de encontrar uma solução para a questão apresentada, logo após a leitura de seus dados; isto conduz o solucionador a um prisma visual estreito que lhe não permite sentir claramente a influencia de varias minucias de importancia, para a decisão final.

E' imprescindivel estudar cuidadosamente todos os dados da questão para, só depois de ter uma perfeita idéa do conjunto, tomar uma decisão.

Para aquelles que não tem o habito de lidar com questões de tactica parece, a primeira vista que, numa situação real, dada a premencia do tempo e as influencias da actuação inimiga, não será possivel, pelo menos aos chefes mais em contacto com o inimigo, dispor da calma sufficiente para o estudo do problema, mediante um methodo seriado das ques-

tões; e que isto só é possível nos grandes quarteis generaes ou nos gabinetes de estudo em tempo de paz.

Devemos porém lembrar-nos que, quando um problema tactico é resolvido sem uma meditação profunda, somos forçados a ir modificando no decorrer da leitura a solução tomada no inicio desta. Tales modificações alongam insensivelmente o tempo necessário á decisão final. Além disto, como a situação não foi examinada detidamente, surgem os seguintes inconvenientes:

a) — O Chefe não tem confiança na solução que adoptou e esta falta de confiança em sua decisão é involuntariamente transmittida a seus subordinados pela falta de precisão nas ordens;

b) — Se o tempo decorrido entre a distribuição da ordem e a sua execução for longa, novas idéias surgirão no espírito do Chefe que dará contra ordens ou instruções completamente dispensáveis, tudo como resultado da falta de confiança na solução inicial e causando balbúrdia aos executantes;

c) — No decorrer da execução das suas ordens, surgirão imprevistos que constituirão verdadeira surpresa, e com a surpresa, desastres.

Assim o tempo, que parece perdido com o exame minucioso das questões necessárias a uma perfeita decisão, é fartamente compensado com a confiança que o Chefe tem na solução adoptada, a precisão nas ordens dadas e a previsão das modificações prováveis.

Um método, qualquer que elle seja, desde que racional, tem a vantagem de se incutir no sub-consciente do militar e nos momentos os mais críticos, se apresentar nitidamente ao seu espírito facilitando-lhe o trato das questões supervenientes.

E' baseado neste princípio que o R. E. C. I. em seu n. 76, pag. 68, prescreve: "Trata-se de crear no soldado durante o seu curto tempo de serviço, ACTOS REFLEXOS E EFICAZES, solidamente enraizados no seu sub-consciente, de modo que possam persistir durante a vida civil e garantir

quando fôr necessário e apezar das emoções do combate, a execução dos movimentos indispensaveis á acção“.

Identicamente, se um official se habitua a tratar as questões de tactica, segundo um methodo unico, este se enraizará de tal forma em seu espirito que será sempre applicado, qual quer que seja a urgencia e as preoccupações do momento.

A principio terá que consultar as notas sobre o methodo; depois precisará de um esforço de memoria para se reportar a elle durante a resolução das questões; finalmente applical-o á institivamente, inspirado apenas pelos reflexos.

Se cada official, portanto, adoptar um methodo racional e procurar treinar a sua applicação, nos momentos precisos suas decisões serão rápidas, precisas e concisas.

Dentro dessa ordem de idéas e com a experiência propria resolvemos auxiliar os nossos camaradas mais novos, divulgando o methodo que nos foi ensinado e que nos tem proporcionado facilidades na solução dos nossos trabalhos, sempre que são aplicados convenientemente.

II — TRABALHO PREPARATORIO:

a) — TEMA:

Ler o tema com atenção para fazer uma idéa da natureza do trabalho que vai emprehender.

Ler o tema uma segunda vez sublinhando todas as partes importantes; ler em seguida todos os documentos anexos ao tema.

Ler o tema uma terceira vez sublinhando duplamente todas as partes fundamentaes para o trabalho a executar.

NOTA — Em exercícios e no caso de se tratar de commandos subordinados, ler a ordem recebida dispensando-lhe as mesmas attenções acima.

b) — CARTA:

Após a primeira leitura do tema, tomar a carta e cobrir

com lapis azul todos os rios da região em que se vai trabalhar ou pelo menos os rios mais importantes dessa região; cobrir com lapis encarnado, ou outro qualquer, as estradas e caminhos da zona considerada.

Durante a segunda leitura do thema, sublinhar, na carta, todas as localidades e pontos que sirvam de referencia á situação e á missão.

Para o trabalho feito nos pequenos escalões de comando e em exercicio no terreno — após a primeira leitura da situação o solucionador deverá tomar a carta e fazer um giro do horizonte, de modo que fique senhor do terreno; — durante a 2.^a leitura da situação deve identificar, no terreno, todos os pontos de referencia citados;

— durante a terceira leitura é de todo conveniente que a carta já esteja guardada e que os pontos do terreno sejam vistos directamente.

NOTA — Esta maneira de agir, varia de acordo com o escalão, pois no Batalhão e unidades superiores, embora no terreno, o commando terá necessidade da carta para se orientar sobre pontos que não sejam vistos.

III — EXAME DA SITUAÇÃO:

Para resolver qualquer situação tactica necessitamos estudar quatro factores que condicionam as decisões a tomar;

MISSÃO — TERRENO — INIMIGO — MEIOS

a) — Estudo da missão:

Uma missão, em geral, comporta uma parte essencial e uma ou mais partes subsidiarias.

Por exemplo: Uma unidade que, estando em A deve marchar para B e lá atacar, defender-se ou ficar em condições de..... tem como parte essencial da missão aquillo que deverá fazer no ponto B e como subsidiaria a marcha de A para B.

Esta distincão é necessaria, porquanto o dispositivo de marcha, além de corresponder ás necessidades desta, deverá tambem permittir a rapida realização do dispositivo em B, para o cumprimento da parte essencial da missão.

Assim, quando se estuda uma missão, é preciso:

- 1.º) — Procurar a parte essencial dessa missão;
- 2.º) — Procurar sua parte subsidiaria;
- 3.º) — No caso de haver mais de uma parte subsidiaria, grupal-as em ordem de urgencia.

Convém notar que, quanto menos elevado o escalão em que se age, tanto menor é a importancia desta sub-divisão, na analyse da missão; porquanto as transformações de dispositivo são mais rápidas e muito mais fáceis.

b) — **Estudo do terreno:**

O estudo do terreno na carta ou sobre o proprio terreno tem uma importancia capital.

Reagindo sobre a missão, sobre a atuação do inimigo e sobre o emprego dos meios disponíveis, o terreno vai condicionar as decisões a serem tomadas.

Este estudo comporta duas partes:

1.ª) — Sob o ponto de vista topographico — em que o terreno é estudado apenas quanto a suas formas, comunicações, etc.;

2.ª) — Sob o ponto de vista tactico:

a) — Estudo das reacções do terreno sobre a missão;
b) — Estudo das reacções do terreno sobre as possibilidades do inimigo;

c) — Estudo de influencia do terreno sobre o emprego dos meios disponíveis.

Como vemos o estudo concernente ás letras b e c só pode ser feito no estudo dos outros dois factores da decisão.

c) — Estudo do inimigo:

Quem recebe uma missão recebe tambem um conjunto de informações sobre o inimigo.

Taes informações, quer constituam um Boletim de Informações especial, quer sejam enquadrados num simples item de ordem, contêm tudo que se sabe sobre o inimigo, no que possa intesrssar o escalão em que se age, até uma determinada hora, bem como as conclusões sobre as possibilidades do inimigo.

Além disto, caso o contacto já tenha sido tomado pela unidade interessada, o seu commandante colhe informações por conta propria, as quaes ligadas as informações já recebidas, servirão para confirmal-as ou modifical-as.

Normalmente as informações sobre o inimigo são um pouco anteriores ao momento da decisão do Chefe e portanto, na analyse sobre o inimigo, deveremos levar em consideração a circumstancia de estarmos ou não em contacto com este inimigo.

No caso de estar em contacto, é preciso:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as informações recebidas dos vizinhos e colhidas directamente; desde a hora a que se refere o escalão superior até o momento da analyse, introduzindo nesta as modificações consequentes da reacção daquellas;

3.º) — Estudar as possibilidades de modificação da situação do inimigo durante o tempo decorrido entre a decisão e a hora de execução, bem como durante a execução da operação que se tem em vista.

No caso, de não estar em contacto, é necessario:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as possibilidades de modificação do inimigo entre a hora da decisão do commando superior e a da execução da operação, bem como as modificações possíveis, durante a execução da operação.

O estudo das possibilidades do inimigo deve ser feito criteriosamente, abestendo-nos de hypotheses gratuitas sobre esse inimigo. Devemos nos restringir ao estudo das possibilidades em face das ultimas informações obtidas sobre suas actividades e diante do terreno de que elle se vae utilisar.

Quanto menos elevado o escalão de commando, tanto menor importancia tem o estudo das modificações provaveis da situação do inimigo, porquanto as decisões são tomadas em hora mais proxima da execução.

d) — **Estudo dos meios:**

O commando estuda os meios, analysando:

1.º — A capacidade dos meios disponiveis:

- quanto ao effectivo;
- quanto ao grão de instrucção;
- quanto ao estado physico;
- quanto ao valor moral.

2.º — As possibilidades de acção consequentes em face:

- da capacidade acima;
- da missão recebida;
- do terreno onde tem que agir;
- das possibilidades do inimigo.

III — DECISÕES

Encadeando assim o seu estudo, o commando, ao terminar a analyse dos meios terá uma idéa nitida sobre a manobra a executar.

A — **Idéa de manobra:**

Todo chefe, para desempenhar-se de uma missão recebida deve ter uma idéa. Essa idéa porém, deve ser tanto mais

ampla quanto maiores forem as possibilidades de mudança na situação.

Ora, quanto mais alto o escalão de commando, tanto maior o tempo decorrido entre a decisão e a execução; por outro lado maior é o tempo gasto para recepção de informações e remessa de novas ordens; assim é necessário que os commandos subordinados tenham conhecimento da idéa de manobra do chefe para que possam aplicar toda sua iniciativa no caso de mudanças de situação, sem ferir-a, pois é ella que deve nortear o conjunto. Só assim esse conjunto não será prejudicado por iniciativas isoladas; só assim os commandos subordinados poderão, exercer conscientemente a faculdade de iniciativa, sem a qual ninguém commanda.

Do exposto se conclue que, quanto mais alto o escalão de commando, tanto mais demorada será a sua actuação directa e maior deverá ser a iniciativa dos commandos subordinados, portanto mais ampla deve ser a Idéa de Manobra. Ao contrario, quanto menos elevado escalão de commando, mais cerrada será a idéa de manobra, que acabará por não ser explicita nos escalões em que o comando possa sentir as reacções do adversario e actuar directamente no sentido de annullal-as.

Dessa fórmula, concluimos que a Idéa de Manobra, existindo conjugada com uma Intenção expressa do Chefe, toma uma fórmula muito ampla nos altos escalões de commando; que no escalão Divisão ella já se apresenta isolada, porque quasi sempre a Intenção do General está bem expressa na missão recebida; que no Regimento a idéa de manobra ainda é necessaria ao conhecimento dos commandos subordinados, mas no Batalhão não ha necessidade de haver na ordem de operações um item especial sobre essa idéa. O Batalhão é a unidade tactica da Infantaria, o Major tem em suas mãos os orgãos de fogo, para emprego directo em proveito das companhias e poderá modificar, pessoalmente a actuação daquelles, de acordo com as variações da situação.

Em todo caso pôdem haver situações em que o commando do batalhão não possa actuar directamente no conjunto de

sua unidade, sendo forçado até a repartir orgãos de fogo com as companhias; em tais casos, cabe aos capitães uma maior iniciativa e portanto, a idéa de manobra deve estar expressa na ordem.

Quanto aos escalões da companhia inclusive, para baixo, não ha necessidade de tornar expressa a idéa de manobra.

Esta affirmação não implica em dizer que os pequenos chefes não tenham uma idéa de manobra, sómente o commandante do G. C., que pelo R. E. C. I., não manobra, deixará de tel-a, mas, o proprio commandante de pelotão, embora não á indique de modo especial aos commandantes de grupo de combate, só pode agir tendo uma idéa; sua indicação é dada com o dispositivo e a missão attribuída a cada grupo.

B — Dispositivo:

Assentada a idéa de manobra, para ser communicada ou não aos commandantes subordinados, o Chefe vae decidir sobre o dispositivo.

Ora, a Idéa de Manobra fixa o esforço, e este será feito pelos effectivos de que se dispõem, logo o commando, dozando-os em consequencia do esforço a pedir, vae deduzir o dispositivo da idéa de manobra.

O Dispositivo, sendo uma função do esforço, exige que a distribuição de effectivos e meios de fogo, para o apoio, seja maior nas zonas de maior esforço.

Portanto, para frentes iguaes de esforços diferentes, maior quantidade de tropa para aquella em que o esforço será maior ou para tropas de effectivos iguaes, menor frente para a que deva produzir maior esforço.

C — Repartição das missões:

Decidida a Idéa de manobra e o Dispositivo, é preciso distribuir uma missão a cada uma das unidades, isto é, a cada commando subordinado.

Esta decisão é simples, desde que se tenha em vista as duas anteriores.

D — Execução das missões:

Estabelecidas as missões é preciso coordená-las, de modo que a actuação de cada uma das unidades se entroze num todo homogêneo.

E — Ligações e Transmissões:

1.º — Para que as decisões sejam executadas convenientemente é necessário que o chefe possa transmittir suas ordens, receber e dar informações, é preciso portanto estabelecer as transmissões de modo que sejam úteis a operação que se tem em vista.

2.º — Para que a idéia do chefe possa ser bem executada e os commandos subordinados possam exercer utilmente sua iniciativa é preciso existir uma perfeita ligação de comando.

3.º — Para que as unidades vizinhas possam se auxiliar e amparar mutuamente é necessário haver uma boa ligação de combate.

F — Serviços:

Em fim, tomadas as decisões relativas à tropa, todos os chefes, em qualquer escalão, salvo o pelotão, tem que decidir quanto ao emprego dos serviços (serviços propriamente dito, trens de estacionamento ou simples trens de combate) que existam organicamente, ou não, em suas unidades e que são imprescindíveis à vida e à actuação da tropa.

É preciso verificar o que é imediatamente necessário e o que é mais ou menos dispensável para a operação em vista e assim, tomar decisões sobre os serviços.

Secção de Cavallaria

Redactor F. D. Portugal

Auxiliar: Dantas Pimentel

O Cérne de Cavallaria

Cap. F. D. FERREIRA PORTUGAL.

Havia algumas horas que os nossos tres automoveis rodavam pela estrada que liga SANTIAGO do BOQUEIRÃO a SÃO LUIZ GONZAGA e que transpõe o rio PIRATINY no Passo de SANTA MARIA.

Deixáramos aquella villa ás primeiras horas da manhã e rumáramos, inicialmente, pela estrada de TUPACERETAN, sobre o divisor de aguas do PIRATINY - JAGUARY e, após o percurso de uns 30 Km., inflectirámos para N. W., progredindo entre o PIRATINY e o ICAMAQUAN, até a Capel-la do PORFIRIO, donde corrêramos francamente para o N., atravessando o PIRATINY e o XIMBUÇU' para abordar SÃO LUIZ pelo Sul.

Contornando as cabeceiras de todos os pequenos arroios, tributarios directos ou indirectos daquelles rios, não faziamos mais do que utilizar a mesma róta que a natureza indicára aos nossos povoadores como a mais propria e mais accessivel ao movimento naquellas paragens.

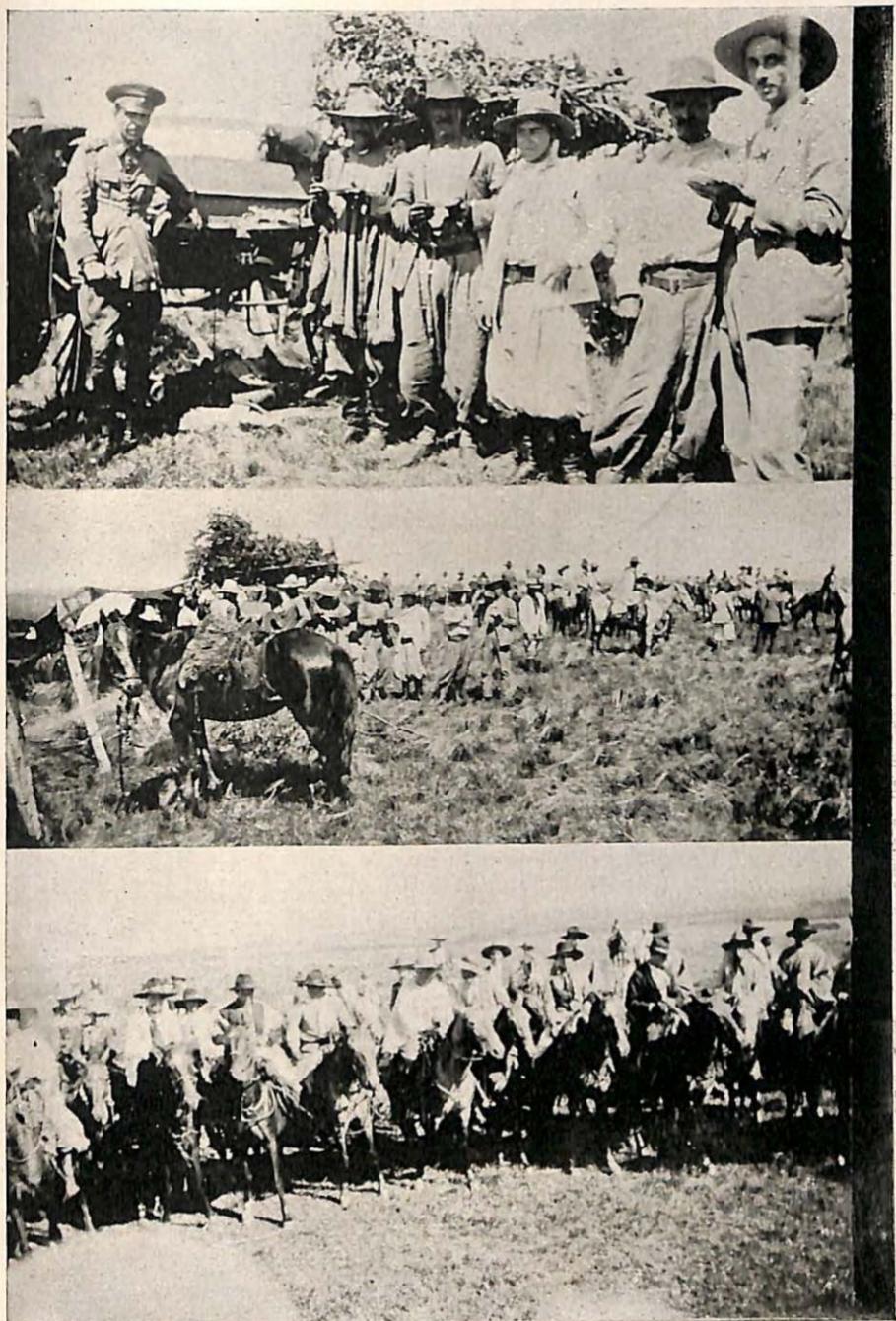
De facto, as pistas formadas pelo transitar dos primitivos do nos da terra ampliaram-se ao tropel das partidas dos conquis-tadores, e transformaram-se em estradas carroçaveis desde que os rodeiros de suas viaturas as recortaram des ulcos inconfundiveis.

As carretas de bois e, posteriormente, as carróças colo-niaes, rodaram longamente por esses caminhos, drenando os re-cursos com que a zona agricola do Rio Grande abastece a re-gião pastoril.

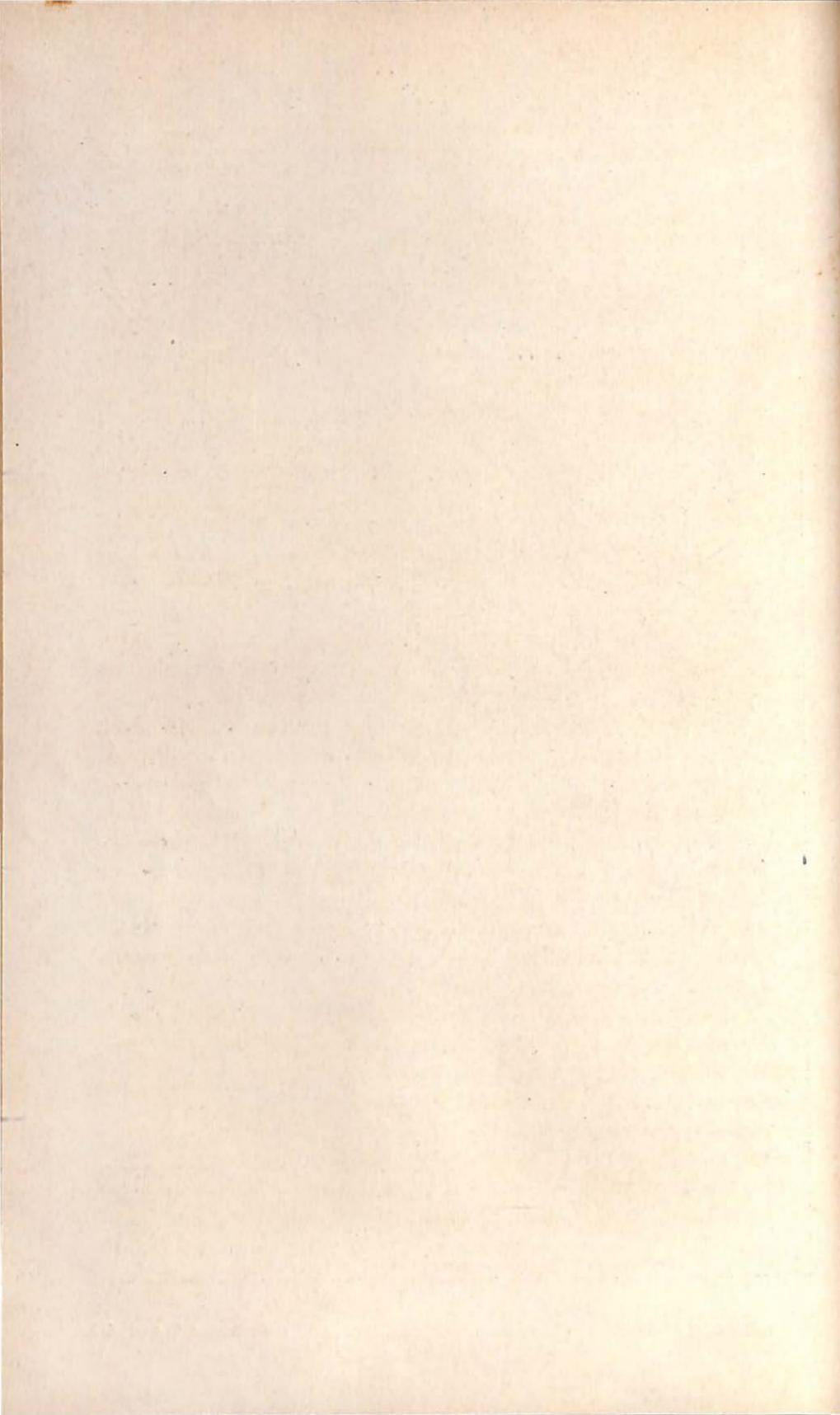
O traçado dessas rodovias não se alterou, com o transcorrer do tempo, e a sua virtude historica está precisamente no facto de serem ellas utilizadas, hoje, pelos automoveis, sem qualquer alteração em sua estructura original...

Parece que um desmedido amor á tradição não permitiu que se conspurcasse a pureza desses monumentos historicos com obras d'arte, aterros, cortes, rectificações...

O CÉRNE DA CAVALLARIA



Aspectos tomados em uma "cancha de carreiras" em São Luiz, Rio Grande do Sul.



Felizmente, os progressos da industria automovel têm favorecido tal preoccupação pois, hoje em dia, raros são os atoleiros invensives, para os cursos dagua a transpôr, ou existem as balsas tradicionaes, quando elles são profundos, ou ha a pericia confiante dos motoristas que se transformam em verdadeiros pilotos de machinas amphibias para vencerem, galhardamente, a largura dos "lageados"...

Ora, nada perturbara a marcha da nossa pequena caravana. Os automoveis portaram-se bem, e um sol intenso proporcionou-nos as melhores condições de transito que poderiamos desejar.

Já em meio da tarde, ao galgarmos a Coxilha do CEMITERIO, logo ao Sul de SÃO LUIZ, deparámos, de subito, com uma verdadeira multidão de cavalleiros que lá se reunii para assistir as habituaes carreiras de cavallos. Só então ocorreu-nos que era domingo, e que nesse dia, as "canchas" de quasi todas aspovoações do Rio Grande ficam repletas de apreciadores desse antigo esporte bretão que na campanha se realiza, ainda, sob um aspecto bem diverso dos hippodromos das grandes captaes. Assim, lá não existem pistas ellipticas, nem páreos de numerosos puro-sangues, nem "guichets" para apostas. No dorso de uma coxilha, dois trilhos rectos e paralelos marcados na relva, com algumas centenas de metros de extensão, constituem a "cancha" onde não correm senão dois cavallos de cada vez. Estes não possuem "pedigree", entretanto, a sua aptidão comprovada em disputas anteriores, o trato e o treinamento adequados valem-lhes o respeito de uma denominação especial: são os "parelheiros"...

Antes da corrida de dois "parelheiros" que commumente constitue a parte principal do programma, e á guisa de "preliminares", ha outros páreos sem importancia, muitas vezes improvisados entre os proprios circumstantes, aos quaes um desafio mal recebido transforma de espectadores em "jockeys"...

A assistencia é constituida quasi que exclusivamente por cavalleiros. Raros são as viaturas — carroças, aranhas, auto-

moveis — que conduzem as raras familias que comparecem a essas reuniões. Alli está o "gaúchada" de toda a redondeza... Moços, velhos, creanças, agglomeram-se em torno das tendas improvisadas onde se vendem bebidas e doces, ou movimentam-se em redór da pista, exhibindo numa alegria ingenua e contagiosa a elegancia natural de cavalleiros eximios. Quasi todos usam, ainda, a bombacha tradicional, o lenço ao pescoço e o chapeu com barbicacho. A bota de fóles e as "chilenas", completam, com o "rabo de tatú", esse aparato campeiro.

Na cavallhada tambem ha de tudo, desde o "parelheiro" de pelo reluzente e de algum sangue, ensilhado com serigote chapeado e "apêro" de prata até o "matungo" envelhecido que aguarda o seu destino impiedoso de "puxador de pipa"...

**

Como o tempo nos sobrava, pois estavamos á vista — nosso ponto de destino daquelle jornada — SÃO LUIZ — deixámos os automoveis e approximamo-nos da "cancha" para assistir aquelle expectaculo desconhecido para alguns dos nossos companheiros de excursão.

Emquanto aguardavamos a corrida principal, o nosso ilustre mestre da Missão Franceza, Cel. CORBE', que nos acompanhava, falou-nos da admiração que lhe causava aquella f s ta esportiva, para elle inédicta, e dos recursos preciosos com que nós deveríamos contar para possuir-mos uma excellente cavallaria, pois só ali, em nossa presença, estava o effectivo de mais de tres esquadrões.

O seu espirito militar, sempre affeito ás cousas da profissão e caracterizado por um admiravel senso da realidade, havia tirado uma illação justissima do quadro com o qual deparavamos. De facto, aquelle grupo de cavalleiros entusiastas e arrogantes não poderia ter para nós sómente uma significação esportiva. Aquella "cancha de carreira" representava, com as innumerias outras que aquella mesma hora se provoavam de verdadeiros "ginetes" em quasi todas as localidades do Rio

Grande, um potencial latente de nossa defesa nacional. Só não comprehenderia isso quem desconhecesse o papel historico que as contingencias da vida politica dos povos reserva ás suas populações da fronteira. Só não estaria em condições de comprehende-lo quem ignorasse o papel proeminente que cabe á arma de Cavallaria no inicio de uma campanha.

Em cada um dos cavalleiros que aos domingos comparecem ás coxilhas em festa do Rio Grande deve existir um verdadeiro soldado de cavallaria, forte, ousado, combativo, esmerilhador profundo daquelles "pagos" e animado por um grande sentimento patriotico que mais de dois seculos de contendas externas vivificaram de forma definitiva.

Naquelle "indiada" de bronze era facil divisarem-se os descendentes do cacique Sepé, o primeiro defensor intransigen te daquelle "rincão" . . .

Ali estavam, tambem, os herdeiros de Abreu, o mais completo typo do gaúcho guerrilheiro, que conquistou com a sua bravura serena a gloria de um titulo nobiliarchico, e que não quiz guarda-lo em sua adversidade militar, preferindo sucumbir com elle num lance heroico de desprendimento sublime . . .

Ali estavam os representantes de todos os grandes cavalleiros do BRASIL que traçaram as paginas mais brilhantes da nossa historia militar durante as pugnas do Imperio . . .

Ali estava, em resumo, o verdadeiro cére da Cavallaria Brasileira.

**

Essas considerações eram tanto mais oportunas quanto nós vinhamos de executar uma manobra de quadros em SAN-TIAGO do BOQUEIRÃO, na qual a Cavallaria desempenhara o mesmo papel relevante que sempre lhe caberá onde os espaços facilitarem as decisões pela manobra.

Ora, a manobra de quadros, esse precioso recurso de instrucção que a Missão Militar Franceza introduziu no Brasil, e que ha quinze annos aguarda o seu complemento indispensavel — a manobra com tropa — comporta sempre alguns ex-

cessos de imaginação. Por essa razão, e na falta de uma comprovação experimental, é natural que os seus coparticipantes aceitem, com certa reserva, determinados ensinamentos e, notadamente, aquelles que devem exigir na pratica uma execução difficult. E' precisamente o caso da Cavallaria. A sua intervenção, sempre fructuosa, requer tal acerto no emprego e taes requintes de execução que quasi nada se pôde esperar de uma cavallaria improvisada. Por isso, após aquellas manobras, a muitos dos que a assistiram deve haver acompanhado essa duvida desalentadora: "A nossa Cavallaria estaria em forma para o desempenho das missões que lhe couberam em SANTIAGO?"

A sinceridade dos cavalleiros só poderia responder: Não.

Ella só será efficiente quando nos seus quartéis funcionarem machinas de instrucção completas, com todas as suas peças, trabalhando continuadamente e dignas daquella matéria prima admiravel que nós viamos nos cavalleiros da Coxilha do CEMITERIO. Felizmente parece que as circunstancias se encaminham para isso. Illusão?... Optimismo?...

**

Chegou o momento da carreira principal. Os proprietarios já se "acertaram" e os "parelheiros" foram aprestados no "partidár" da "cancha". Após os ensaios costumeiros, elles partem e percorrem a pista sob a algazarra ensurdecadora da assistencia entusiasmada.

A victoria incontestada de um dos concurrentes não deu ensejo ás duvidas desagradaveis que costumam pôr um fim pouco esportivo a esses torneios...

Já o Sol se despedia daquella tarde magnifica, envolven-do toda a paisagem numa caricia de luz dourada, quando retomámos o caminho de SÃO LUIZ.

Atraz de nós morriam os ultimos commentarios animados daquelle fim de festa...

Na nossa direcção, o casario vetusto da secular povoação jesuitica soerguia-se numa collina dominante como se quizesse apreciar, por mais tempo, o spectaculo deslumbrante do ocaso...

Secção de Artilharia

Editor: Dr. J. M. G. da Cunha

Redactor: I. J. Veríssimo

(Aprovado pelo Ministro da Guerra - 1907)

Auxiliar: Senna Campos

Secção de Artilharia

Redactor: I. J. Veríssimo

Auxiliar: Senna Campos

Sobre preparação dos tiros de artilharia

Pelo Cmt. M. VERNOUX

(Revue d'Artillerie Fevereiro de 1934.)

(Traducção do Major Verissimo).

A exposição que se segue visa simplificar, o mais possível, a organização do tiro na Bia. e no Grupo, todas as vezes que se trata de um conjunto de tiros.

Os elementos de tiro, sendo classificados, como sempre, em elementos de base e em correcções, procurou-se uma classificação permitindo agrupar as correcções:

— aquellas que são características da Bia. que atira, em oposição áquellas que são communs a um conjunto coherente de Bias.

— aquéllas que são características do momento em oposição áquellas que são fixas no tempo.

Para clareza de exposição, houve necessidade de adoptar termos novos, como "correcção fixa" "elementos de base corrigidos", "elementos de partida".

Certos leitores poderão extranhar esta terminologia e não aceitá-la com agrado: o autor também não está satisfeito com ella, mas se a adoptou é porque não encontrou outra mais adequada.

Dito isto: a exposição que se segue comprehende:

- uma notícia justificativa.
- a exposição propriamente dita.
- um exemplo de applicação.

NOTICIA JUTISFICATIVA

I) O estudo que se segue, não tem por fim, modificar os principios actualmente admittidos para a preparação do tiro, sua depuração, os transportes etc. Ella tem, simplesmente, por objecto — *sem mudar os resultados* — apresentar todos esses problemas sob uma forma tão methodica quanto possível, e, em particular, facilitar e simplificar a organização do tiro na Bia. e no Grupo.

II) Os processos, actualmente, regulamentares, resolvem perfeitamente o problema *quando se trata de um tiro isolado*.

Mas a sua apresentação habitual, não facilita a preparação do tiro em todos os casos sobretudo quando se tem que preparar quasi simultaneamente, em uma ou varias Bias. de um grupo, um conjunto de tiros.

Por exemplo:

— os termos empregados na preparação do tiro para a direcção e o alcance não se correspondem.

— o que se chama “correcção total” para o alcance é chamado “correcção de conjunto” para a direcção.

Para esta ultima, grupam-se todas as modificações a introduzir nas derivas de vigilancia (que nada tem a ver com o objectivo considerado) enquanto para o alcance, opera-se a partir da distancia topographica do proprio objectivo.

— na depuração ha para o alcance uma “distancia depurada” (que representa uma distancia balistica) que se compara a distancia topographica conhecida; para a direcção, ao contrario, faz-se “marcha a ré” até as derivas de vigilancia, parallelamente e em sentido inverso daquilo que foi feito para a preparação.

Aliás, não parece que se impõe, na depuração, a dejuncção de distancia depurada salvo, no caso raro, em que se quer,

determinar, em seguida a um tiro, as coordenadas provaveis de um objectivo (1)

— no transporte de tiro — enquanto se opera para a direcção por medida do angulo de transporte — melhorado das correcções conhecidas — (como se fazia no velho methodo de transporte de tiro de Artilharia de Sitio) — opera-se para o alcance e o evento utilizando as correcções de depuração.

— enfim o “rattachement” do tiro é tratado como um problema particular (2)

III) Em consequencia, nós nos propomos, a unificar os processos empregados:

a) primeiro, reduzindo a duas as operaçoes a effectuar.

1.) Preparação do tiro sobre um ou varios objectivos — utilizando os elementos aerologicos e balisticos conhecidos, ou utilizando um ou varios tiros anteriores (da mesma Bia. ou de Bias. vizinhas).

2.) Depuração do Tiro:

b) Unificando, em seguida, os processos para a direcção o alcance, o evento.

Em logar de classificar as correcções, segundo sua origem balistica — como no methodo actual (3), propomos classificá-las segundo a sua origem practica.

Desse modo consideramos:

— as correcções devidas ao material é ás munições, que podem ser calculadas de ante mão e que são caracteristicas da Bia. que atira. E' ao seu conjunto que chamamos — *correcção fixa* (correcção da espoleta; correcção de $d_1 V_0$; $d_2 V_0$ e dp).

— as correcções devidas aos elementos do momento, de causa conhecida ($d_3 V_0 dH, d\Theta, Wx$) O seu conjunto forma o que chamamos *correcção do momento*

— por fim, as correcções de causa desconhecida que só são reveladas pelo tiro. E' a *correcção residual*.

Todas essas correcções se ajuntam aos elementos puramente topographicos, correspondente a posição conhecida da Bia. e do objectivo e que constituem o que chamamos *Elementos de Base*.

Esses elementos de base, corrigidos das "correcções" que se possuem no momento do tiro, constituem os *elementos de partida* (admittindo-se que todas essas operações são idênticas e paralelas para a direcção, o alcance e o evento)

Então se chamarmos

- B — elemento de base
- F — correcção fixa
- P — correcção do momento
- φ — correcção residual
- D — elemento de partida
- T — elemento de regulação.

Teremos:

$$D = B + F + P + \varphi \quad (1)$$

Todo problema da preparação do tiro está contido nesta formula.

Para a preparação, propriamente dita, não ha nenhuma dificuldade: se φ não é conhecido elle é despresado.

A depuração, consiste, no instante t_1 (após haver determinado o elemento de regulação T_1) em ter:

$$T_1 = B + F + P' + \varphi_1$$

Si não se conhece P_1 com precisão, subtrae-se o conjunto $P_1 + \varphi_1$ que chamamos *correcção global de depuração*.

Se, ao contrario, conhecemos P_1 , pôde-se tirar da formula φ_1 — que chamamos *correcção residual de depuração*.

E', por meio destes diversos elementos, que se poderá *sempre com o auxilio da formula (1) preparar*.

— seja um novo tiro ulterior da mesma Bia. sobre o mesmo objectivo

— seja um tiro immediato ou ulterior da mesma Bia. sobre outro objectivo (transporte do tiro)

— seja um tiro immediato ou ulterior de uma Bia. vizinha sobre um outro objectivo (amarração do tiro).

O problema assim exposto, apesar de sua complicaçāo apparente — é excessivamente simples e logico.

De qualquer maneira, mesmo se a interpretação das correcções de depuração é mal feita; si o capitão, (por exemplo) se contenta, por falta de tempo ou de reflexão, de as applicar brutalmente a outros tiros, mesmo assim, os erros resultantes são fracos e não faltas de calculo cuja repercucāo é muito mais numerosa na applicação do methodo actual.

Em conclusão:

— o methodo proposto terá, sem duvida, por effeito, de reduzir, ao minimo, as faltas

— de tornar mais facil a resolução de diversos problemas de preparação do tiro

— emfim de assegurar uma organisação do tiro no grupo e nas unidades superiores, tão facil quanto no interior da Bia.

ESTUDO RELATIVO A PREPARAÇÃO DOS TIROS

I) *Definições*

As definições abaixo se applicam igualmente e paralelamente á direcção, ao alcance e ao evento.

Assim:

Elementos de Base (B) = elementos conhecidos, de ordem topographica, calculados ou medidos e independentes

- das condições do momento
- do regimen das peças
- das munições

Taes elementos podem ser, caso se queira (e se conheça o objectivo), calculado de antemão

São:

- angulo de transporte de base
- distancia topographica
- diferença de altitude (sítio)

e, desde que se conheça a munição a empregar, é possivel deduzir o

- evento de base

Correcção Fixa (F) = conjunto de correcções devidas ao material e ás munições caracteristicas da Bia. que atira. Esta correcção pode ser calculada *de antemão* desde que se conheça a munição a empregar

São:

- correcção de espoleta
- > de $d_1 V_o$ e $d_2 V_o$
- > de dp
- a derivação.

ELEMENTOS DE BASE RECTIFICADOS

(R) = Elementos de Base aos quaes se faz soffrer uma correcção fixa

$$R = B + F$$

Esses elementos podem ser calculados de antemão, como a correcção fixa. Elles são caracteristicas da Bia. que atira.

Correcção do Momento (P) = conjunto de correcções dadas aos elementos conhecidos do momento.

Esta correcção é caracteristica de uma zona de combate, de uma distancia topographica e de uma direcção de tiro (não excedendo de 20 grados). E' uma função da distancia topographica, a mesma, num determinado instante, para um conjunto de Bias. vizinhas, (4) do mesmo calibre, atirando a mesma munição, e em direcções paralelas não excedentes de 20 grados, isto é, atirando na mesma zona de acção.

São:

- a correcção de W_y
- » » » W_x
- as correcções $d_3 V_0$, dH e $d\Theta$

Esta correcção pode ser calculada, a cada instante, segundo os dados da sondagem, para todo elemento (grupo ou grupamento) constituindo um conjunto homogeneo de Bias. Pode-se considerar que ella varia, com o tempo, de uma maneira continua.

Correcção Residual (φ) = conjunto de correcções dadas a causas ignoradas (erros topographicos, erros sobre os elementos meteorologicos etc.) que não podem ser determinadas senão pelo tiro e pela depuração de seus resultados

Si a "correcção fixa", de cada Bia., é bem conhecida, pode-se considerar a "correcção residual" gosando das mes-

mas propriedades que a "correcção do momento" de todo um conjunto de Bias. sob uma unica condição — que este conjunto seja *coherente*.

Correcção Global do Momento (c) Somma da "correcção do momento" e da "correcção residual"

Num conjunto coherente de Bias., ella gosa de propriedades analogas a "correcção do momento".

Pode ser determinada, quer pela somma das duas ultimas correcções.

$$c = P + \varphi$$

quer, directamente, pela depuração do tiro.

Correcção Total (C) = Somma de todas as correcções.

$$C = F + P + \varphi$$

Esta correcção é caracteristica de uma Bia. determinada.

Por isso, raramente, ella servirá para os tiros organizados por grupo ou grupamento.

Elementos de Partida (D) "Elementos de base" corrigidos de todas as correcções

$$D = B + F + P + \varphi$$

ou:

$$D = R + c$$

ou ainda:

$$D = B + C \text{ (utilisado raramente).}$$

Os "elementos de partida" são:

- angulo de transporte de partida

- distancia de partida

- evento de partida.

Estes elementos (para o alcance corrigido do sitio) dão os *commandos* para as transformações habituaes.

(Continúa)

NOTAS DO AUTOR

1) N. T. — A depuração não tem para objectivo limitado a determinação “das coordenadas prováveis de um objectivo” mas, ao contrario, ella permite (conhecida a distancia topographica do objectivo *A*) determinar — pela diferença entre a distancia depurada *Ad* e a distancia topographica de *A* — um certo valor dV_o (proveniente do desgaste do canhão e da vivacidade do lote de polvora). Tal valor pode ser utilisado para tiros ulteriores feitos sobre *A* ou mesmo sobre outro objectivo *B*.

2) N. T. — A nova I: G. T. A. — Franceza edição de 1933 — traz entre outras novidades — o “rattachement du tir”. Consiste isso em “utilisar os resultados obtidos pelo confronto ou regulação de uma Bia., para permittir o tiro (sobre o mesmo objectivo) de Bias. que não fizeram nem confronto nem regulação sobre esse objectivo ou objectivo vizinho”.

A operação correspondente é designada sobre o nome de “rattachement du tir”.

Na falta de outro nome chamamos “amarração do tiro”.

3) No methodo actual constata-se, por exemplo, que a correccão de dV_o é devida:

— a elementos conhecidos de antemão e caracteristicos da Bia. e das munições ($d_1 V_o$ e $d_2 V_o$).

— a elementos conhecidos no momento ($d_3 V_o$)

— enfim a elementos de origem desconhecida (δV_o).

Esta associação de elementos de origens diversas não facilita as operações como o transporte de tiro; a “amarração do tiro”, etc. (ver nota 2 do traductor).

4) Chama-se aqui, Bias. vizinhas, as Bias. distantes de $1/5$, no maximo, do alcance medio correspondente á zona de acção desse conjunto de Bias.

A venda na “A Defesa Nacional”

<i>Mémoires, Marechal Joffre.</i>	87\$400
<i>Canae e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn.</i>	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira.</i>	10\$000
<i>O cerco da Lapa e seus heroes, David Monteiro.</i>	8\$000
<i>A guerra civil, Almirante Tompson.</i>	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise-Ten. Cel. Lenglet.</i>	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

Secção de Artilharia da Costa

Redactor: J. Bina Machado

Determinação de Distâncias

Cap. WALDEMAR SEIXAS

O problema geral da determinação de distâncias a um objectivo na Artilharia de Costa é importantíssimo e é a base para o cálculo dos elementos do tiro.

"A distância inicial é a distância matemática, que deve servir de base ao oficial artilheiro para o respectivo uso das armas — Cap. de Corveta G. Bode".

A apreciação da distância de um objectivo pode ser feita de diversos modos, mais ou menos precisos, conforme os instrumentos empregados, o grão de visibilidade e o tempo disponível.

Na Artilharia de Costa, o instrumento usado é o telemetro, e o problema consiste na determinação da distância de dois pontos: um, o instrumento e o outro, o objectivo.

Com exceção dos telemetros baseados no conhecimento da velocidade do som, o problema telemétrico consiste na resolução de um triângulo onde um dos lados ou a altura é a distância procurada.

Os telemetros, excluídos os acústicos, são classificados do seguinte modo:

- 1/ — Telemetros bistáticos
- 2/ — Telemetros que utilizam processos estadimétricos
- 3/ — Telemetros monostáticos.

**

Todo comandante de bateria deve estar em condições de sempre poder atirar com eficiência.

Para isto se torna necessário o conhecimento da distância em que se encontra o navio designado para a sua bateria.

Como é possível, em muitos casos, ficar sem instrumentos para as medidas, darei a descrição e funcionamento de um sistema de emergência, onde não é exigido instrumento algum e poderá ser facilmente construído com os próprios recursos da bateria.

O seu grão de precisão é apreciável e poderá ser empregado com os mesmos resultados obtidos pelos telemetros.

A seguir descreverei o princípio geral em que se baseia o sistema, os elementos que o constituem e um croquis de conjunto.

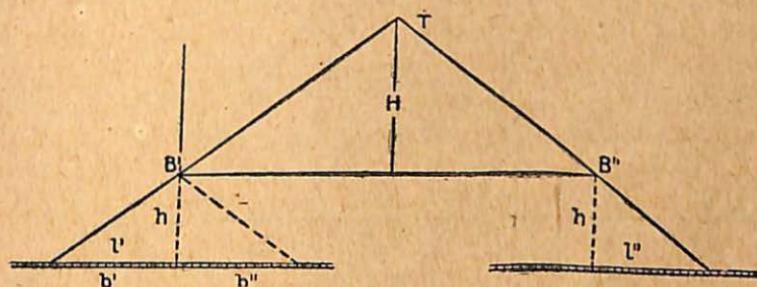
DETERMINAÇÃO EXPEDITA DE DISTANCIAS

Systema emergencia

Na falta de um telemetro para medidas de distâncias e como solução expedita pode-se determinar estas distâncias empregando-se um processo de emergencia, simples, rápido, e bastante preciso.

Somente serão necessários: uma base conhecida, duas reguas graduadas e dois fios verticais ou duas balisas, além das ligações indispensáveis.

O processo baseia-se na resolução de triângulos semelhantes, em que a **distância procurada** é um dos lados dos triângulos.

Resolução geométrica da determinação de H

Nos triângulos $B'B''T$ e $b'b''l''$ temos:

$$\frac{B'B''}{b'+b''} = \frac{H}{h} \quad \text{onde} \quad H = \frac{B'B'' \times h}{b'+b''} = \frac{\text{base}}{b'+b''}$$

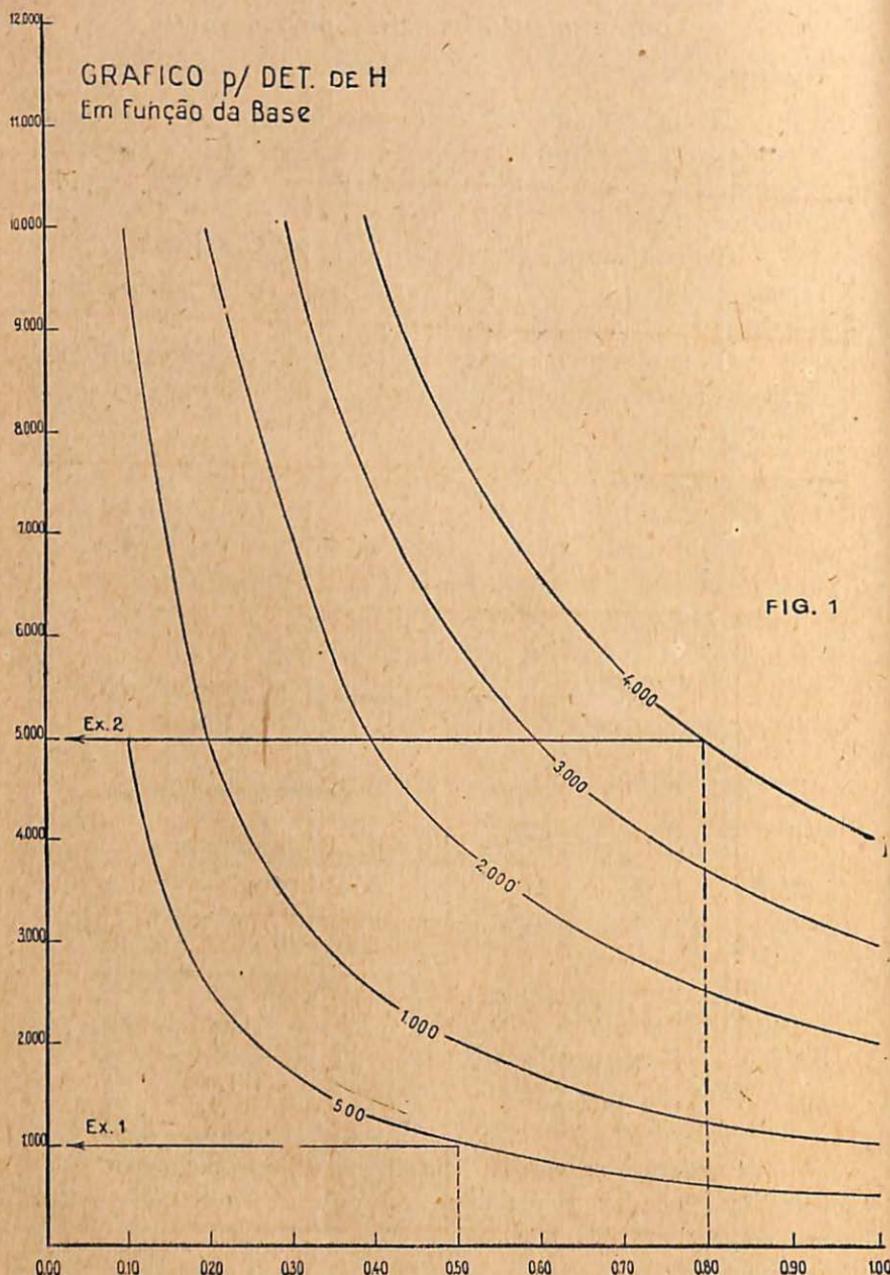
$$b'+b'' = l'+l''$$

$$B'B'' = \text{base conhecida}$$

$$h = 1 \text{ metro}$$

$$H = \frac{\text{base}}{L}$$

Conforme se verifica na figura acima, as reguas devem ficar locadas paralelamente à base e distantes 1 metro dos respectivos extremos.



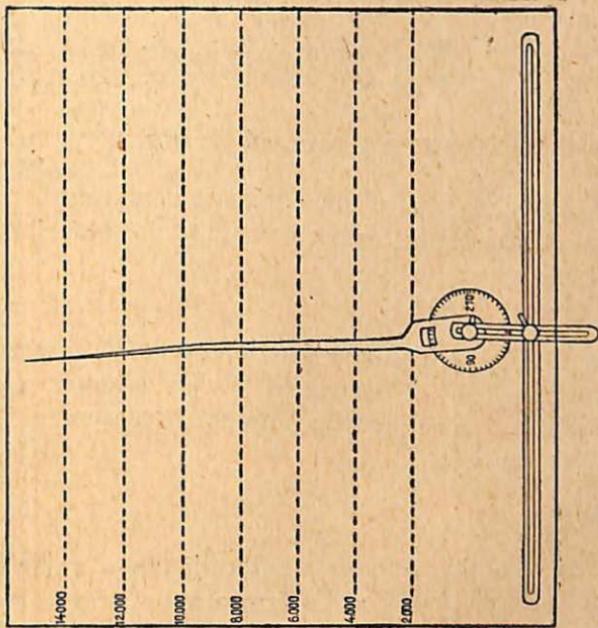
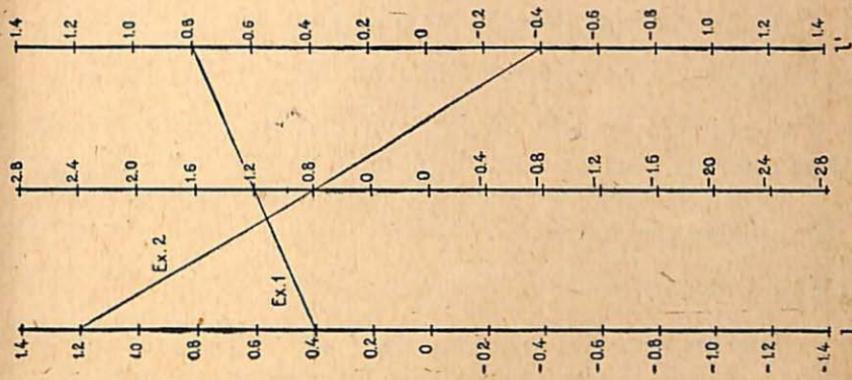


FIG. 3

O valor de um (1) metro tomado para h , foi fixado para simplificar a determinação de H , tornando-se constante o numerador da fração para cada uma das bases.

Os fios verticaes deverão ser collocados em B' e B'' .

DIAGRAMMA PARA DETERMINAÇÃO DE $L=1' + 1''$ (fig. 1)

Constituido de tres escalas com divisões iguaes, sendo duas externas situadas a igual distancia de uma central.

As externas têm a mesma graduação e a central graduação, o dobro das outras.

Emprego do diagramma

Uma vez recebidos os valores de $1'$ e $1''$, elles serão marcados nas duas escalas externas, que ligados determinarão, na outra escala, o valor de L .

Dois exemplos facilitarão a comprehensão do diagramma.

$$\begin{array}{lll} 1) - l' = 0,4 & l'' = 0,8 & L = l' + l'' = 0,4 + 0,8 = 1,2 \\ 2) - l' = 1,2 & l'' = 0,4 & L = l' + l'' = 1,2 + (-0,4) = 0,8 \end{array}$$

GRAPHICO PARA DETERMINAÇÃO DE H (fig. 2)

Dois eixos orthogonaes, um horisontal onde estão os valores de L e outro vertical com os alcances do material.

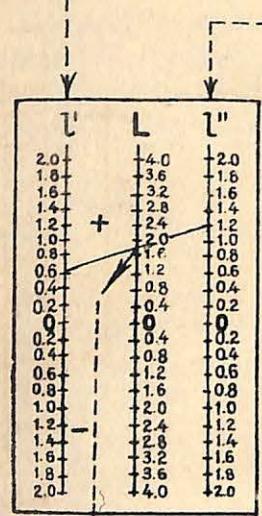
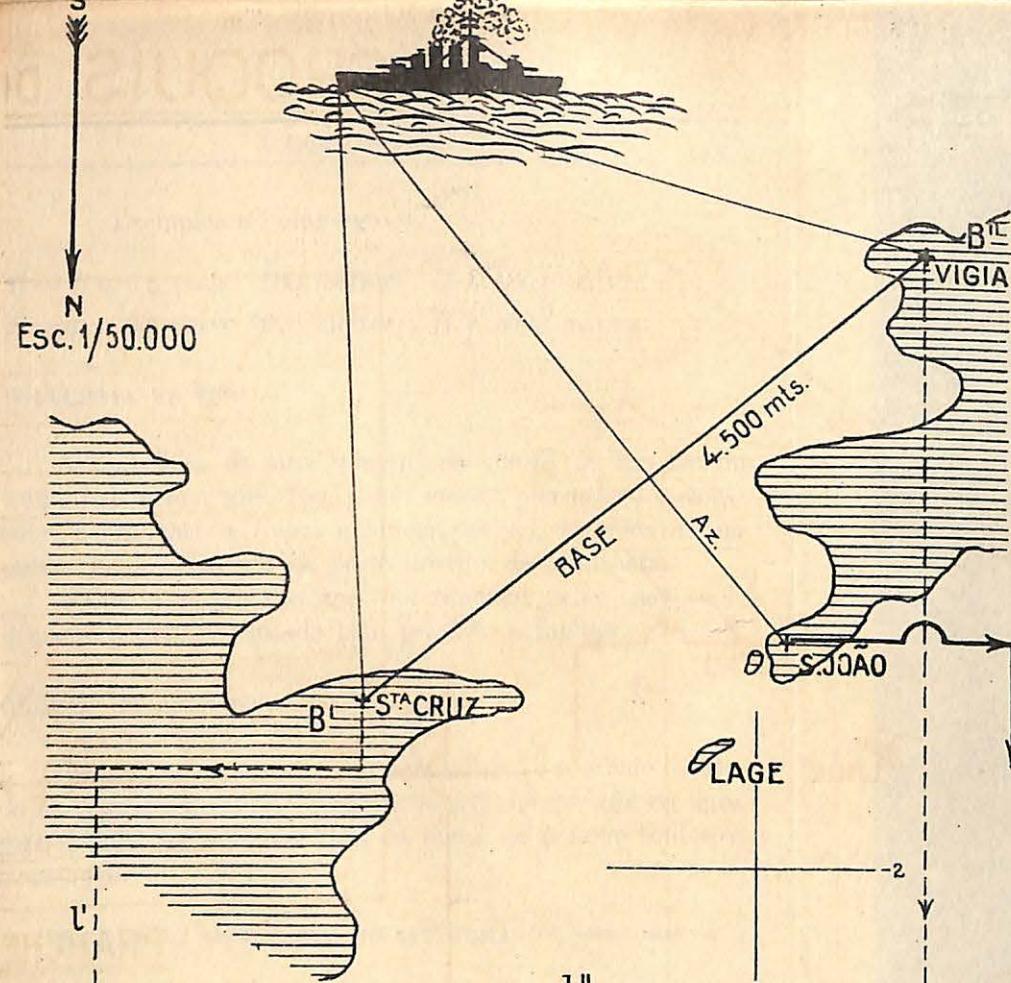
Construcção do graphico

Fixada a base, para cada valor de L e de D , teremos um ponto da base; ligando-se os varios pontos teremos a curva da base fixada. Assim se procede para as bases que se desejar traçar as suas curvas.

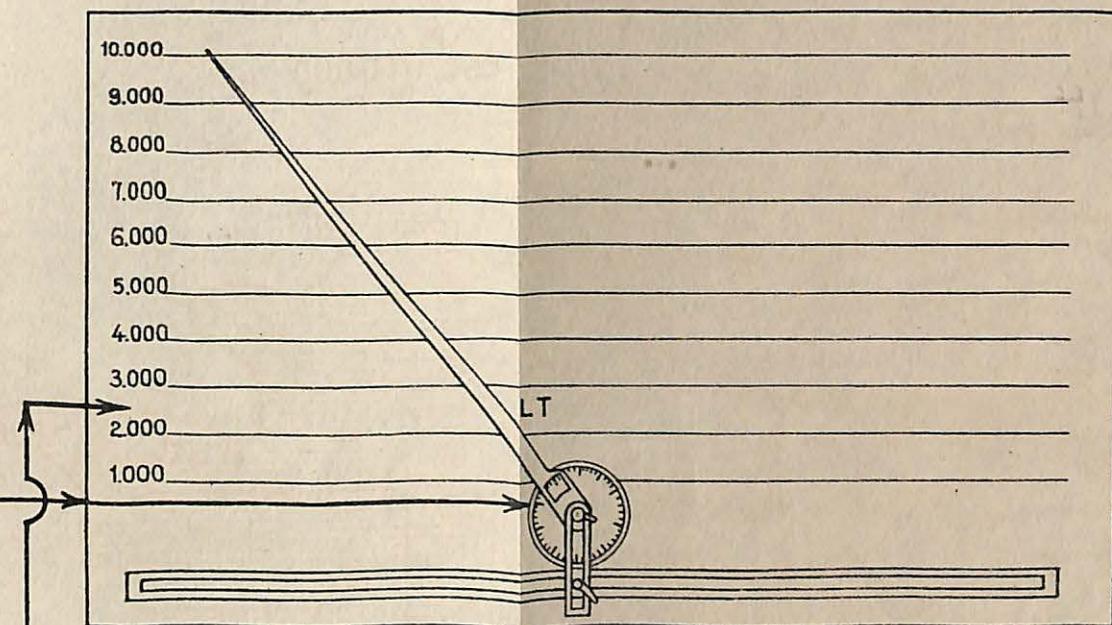
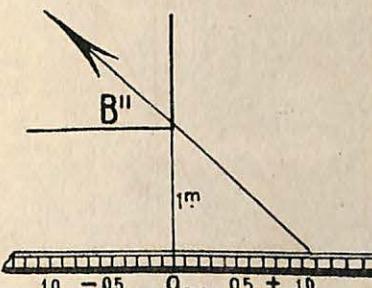
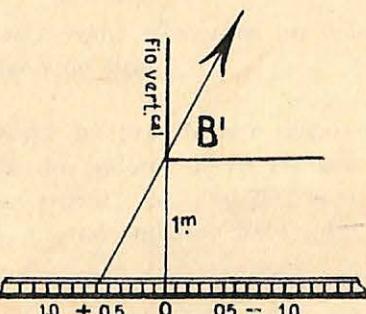
Emprego do graphico

Uma vez escolhida a base e determinado o valor de L , entra-se com este valor na escala horisontal e tirando-se uma vertical até á curva ter-se-á no eixo vertical o valor de H .

CROQUIS DO SISTEMA EMERGENCIA



Detalhe das medidas feitas nas estações B' e B''



VALOR DE H

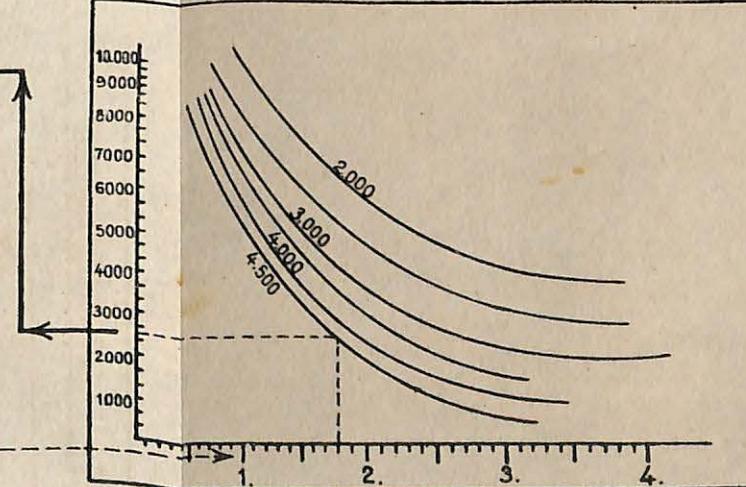


GRAFICO PARA DETERMINAR H

DIAGRAMA P/ DET. $L = L' + L''$

Exemplos do emprego:

1/ — $L = 0,5$ (base 500 metros) $H = 1000$ metros

2/ — $L = 0,8$ (base 4000 metros) $H = 5000$ metros

PRANCHETA DE TIRO

A prancheta de tiro apresentada consta de um círculo azimuthal, com regua, fixo a um cursor, podendo se deslocar sobre a prancheta e tomar qualquer posição, em vista de um outro cursor colocado na parte inferior da prancheta.

Assim, o ponto director determinado pelas suas coordenadas poderá ser locado com precisão e rapidez.

Emprego da prancheta

Registrado o azimuth vindo da bateria e recebido o valor de H , o ponto T estará determinado pela intersecção da linha correspondente a H e o bisel da regua na posição conforme o azimuth.

CROQUIS DE CONJUNTO DO SYSTHEMA DE EMERGENCIA

Designado o objectivo, no fim de cada intervallo de observação (30 segundos), serão feitas visadas sobre o objectivo pelos observadores B' , B'' e O e enviados para a camara de levantamento respectivamente os valores de l' , l'' e o azimuth.

Os valores de l' e l'' entram como elementos no diagramma e o azimuth na prancheta de tiro.

NOTA — Ao envez de empregar na prancheta o dispositivo para deslocamento da escala dos valores de H , foi adotado um círculo azimuthal para registro dos angulos, idêntico ao apresentado ao C. I. A. C., no trabalho feito sobre prancheta.

As novas fortificações francesas

Pelo Cap. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

A Camara e Senado franceses durante os meses de Junho e Julho, a pedido do Governo, votaram uma serie de leis de Defesa Nacional que, no estado actual da Europa, tem um importante significado. A França manifesta assim uma politica de paz, com a prudencia dictada pela Historia, completando aquella por uma serie de medidas defensivas.

Assim se vê que o pacto rhenano de 1925 e a applicação da politica do Locarno occidental, é firmada, depois de 1930, pela criação de fortificações sobre as fronteiras de Este e Nordeste, constituindo "ligne Maginot", cuja organisação foi continuada por Painlevé e Deladier e completada pela politica de Briand. Ainda, recentemente, as proposições de Barthou, relativas ao Locarno oriental, são acompanhadas dum novo esforço defensivo. frances. Este esforço necessário procede de duas ordens de idéas. Primeiro tudo indica, segundo a unanime opinião da comissão militar da Camara, que o estado do armamento allemão crea uma situação nova e excepcional e que a actividade militar allemã interdicta á França toda temporariação.

O Coronel Fabry, presidente dessa comissão, pode declarar da tribuna que a politica defensiva francesa exigia muito mais meios, pois que ella se applicava a todas as fronteiras, pois o aggressor poderia concentrar-se sobre 150 a 200 kilometros. Quanto ao estado de espirito que reinava actualmente na Alemanha, o marechal Pétain, ministro da Guerra, qualifica-o nos seus ultimos discursos na União Nacional dos officiaes, em 24 de Maio, e no almoço aos jornalistas militares, em 13 de Junho: "A Alemanha é naturalmente e por tradição, orientada para a guerra, nós, porém, não amamos; a guerra pela guerra".

* * *

A construcção começada, depois 1930, da linha "Maginot" nas linhas de Este, tendo por fim a protecção das fronteiras, modificou notavelmente a repartição territorial das unidades do Exercito frances. As obras de fortificação estando situadas nas imediações da fronteira obriga realizar uma ocupação permanente para evitar toda surpresa. Donde; a organisação dos sectores fortificados de Metz e de Lauter são correlativos ás unidades a os commandos destinados á occupá-las. Tal é o objecto da lei de 17 de Março de 1932, posta em execução em Abril 1933, e que modifica a lei de 28 de Março de 1928, sobre quadros e efectivos. As fortificações de menos importancia, na Alsacia, que têm com-

mandamento sobre as passagens do Rhin, são ocupadas pelos batalhões de metralhadoras.

Duma maneira geral, as organizações defensivas são guarnecididas por posto de guardas, oriundos de destacamentos de segurança destacados



ADAPTAÇÃO DO MAPPA DO MAJOR HAUS ROHDE.
PUBLICADO NO BERLINER BORSEN ZEITUNG — 1933

periodicamente, e que mantem a segurança á alguns kilometros alem das linhas, distribuindo patrulhas e rondas para as partes vazias do terreno. Foram criados 8 campos de instrucção para reforçar essas guarnições ed alerta.

Para assegurar o reforço das tropas activas das regiões fortificadas, em caso de tensão política, a lei de 24 de Junho de 1931, modificou a de 31 de Março de 1928, sobre o recrutamento do Exército, ficando autorizado a chamada, antes da mobilização, não sómente dos disponíveis, mas também dos reservistas de todas as classes afectas ás unidades de cobertura. Entre esses reservistas, se distinguem os "fronteiriços", aqueles que são domiciliados na zona imediata das fortificações. Essas foram as primeiras medidas. Um projecto de lei lido na Câmara dos Deputados em 9 de Junho de 1933, propunha a modificação da lei de 13 de Julho de 1927, sobre a organização geral do Exército e para reforçamento da cobertura da fronteira e pela criação de grandes unidades de manobra especializadas na intervenção rápida, graças à motorização.

Após um entendimento com o Marechal Pétain, a Comissão das Forças Armadas, da Câmara, distribuiu o seu parecer em Maio de 1934.

Após esse documento, o Gen. Duval, nos "Débats", em 24 de Maio 1934, assim traduziu as intenções do Governo e da Câmara, que se resumiam:

a) um Exército de cobertura das fronteiras, composto de núcleos activos, repleto de grande número de reagajados especialistas e reservistas locais.

b) uma força motorizada, elemento móvel de cobertura e pronto a entrar em ação ao primeiro sinal, composta em grande parte de soldados profissionais.

c) o grosso da força, isto é, a Nação mobilizada, tendo um escalão de formação rápida para reforçar a cobertura.

O eminentíssimo crítico militar dos "Débats" diz que essa constituição em conjunto, é do alto comando.

Entretanto, M. André Pironneau, especialista avisado de questões militares, escreveu pela mesma data no "L'Echo de Paris": "Se vê aparecer, agora, em nossa organização militar o embrião dos corpos de choque, especializados e mecanizados, que o ten.-Coronel de Gaulle, em sua notável obra "Vers l'armée de métier", mostrou a sua necessidade e traçou um plano para elas, que deve ser realizado dentro de poucos meses".

Essas medidas completam o trabalho de fortificação, pela possibilidade de manobra.

Em voto recente do Parlamento, foi concedido créditos militares destinados a reforçar a organização defensiva da fronteira. Sobre 1.275 milhões de francos, 880 concernentes às despesas excedidas dos créditos votados anteriormente para a linha "Maginot" e o resto para execução de novos trabalhos.

Entre essas obras, está planejado a construção de 8 campos de instrução de reforço das guarnições de alerta, já referida; a criação de obras sobre o plateau de Rohrbach, face à Sarre, e, por extensão, a li-

nha "Maginot", até Montmedy. Uma parte do credito seria desviado tambem para a fronteira do Norte, regiões de Maubeuge e Valenciennes. O coronel Buchet, e o Cel. Requette, em artigos successivos escreveram sobre a necessidade de fechar a "trouée" de Montmedy, de modernizar a praça forte de Maubeuge, formando um nucleo de resistencia na região fortificada de Valenciennes a Avesnes, aparando os tropas belgas, em caso de invasão e impedindo a penetração allemã ao coração da França.

(Fontes: L'Illustration
Army Ordonnance
Le Mois)

BANCO DO BRASIL-RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

<i>Com Juros (sem limites).....</i>	<i>2 % a. a.</i>
Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura.	
<i>Populares (limite de Rs. 10:000\$000).....</i>	<i>3½ % a. a.</i>
Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
<i>Limitados (limite de Rs. 20:000\$000).....</i>	<i>3 % a. a.</i>
Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados.	
<i>Prazo fixo de 3 a 5 meses 2½ % a. a. — de 9 a 11 meses de 6 a 8 meses 3 % a. a. — de 12 meses.....</i>	<i>3½ % a. a. 4 % a. a.</i>
Deposito minimo Rs. 1:000\$000	
<i>De aviso.....</i>	<i>3 % a. a.</i>
Aviso previo de 8 dias para retirada ate 10:000\$000, de 15 dias ate 20:000\$000 de 20 dias ate 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.	
<i>Letras a premio (Sello proporcional).</i>	
Condições identicas aos Depositos a Prazo Fixo.	

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.....</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l'Artillerie.....</i>	16\$800
<i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.....</i>	14\$000
<i>A Tecnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira.....</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo.....</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.....</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (traducção).....</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.....</i>	6\$000
<i>Signalisação a braços e optica, Cap. Lima Figueiredo</i>	1\$000
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo.....</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'agua para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo.....</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercícios táticos, Major Travassos.....</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.....</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval.....</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

Secção de Engenharia

Redactor: Lima Figueirêdo

A passadeira rolante

Cap. ANDRÉ METZ

(Tradução do Cap. LIMA FIGUEIREDO)

Innumeráveis tipos de passadeiras foram realizadas durante a guerra, correspondendo cada uma a situações e a missões diferentes. O tipo criado pela companhia 6/53 sob o nome de "passadeira rolante" corresponde a um lançamento *extremamente rápido*, desde que seja adrede preparada a retaguarda.

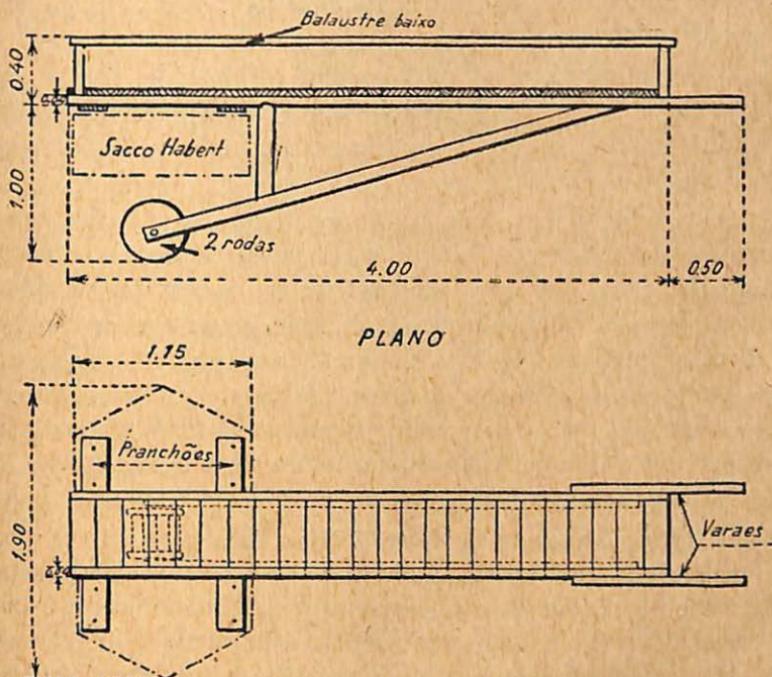
O problema que a companhia citada havia de resolver, era o seguinte: no mês de setembro de 1918, a 42.^a divisão, installada no sector de Manhoué á Brin, sobre o Seille, estava encarregada de atrair a atenção do inimigo por uma grande actividade, enquanto eram feitos os preparativos de ataque franco-alliados em outros pontos da frente. Para cumprir esta missão foram executadas duas tentativas de destruição da barragem de Manhoué e a destruição da barragem de Bioncourt, onde os sapadores das duas companhias da 42.^a divisão (6/3 e 6/53) deram provas duma audacia e dum valor technico notaveis. Além dessas operações a divisão recebeu ordem de executar golpes de mão frequentes sobre a margem inimiga.

Para esses golpes de mão era necessário achar-se um sistema de passadeira extremamente rápido e que pudesse ser transportada facilmente através das chicanas das rãdes de arame estabelecidas na margem.

A passadeira adoptada era constituída de elementos de 4 metros de comprimento providos de rodas, preparados de antemão e reunidos a saccos Habert; cada elemento era manobrado por um unico homem que o empurrava pela parte de traz; a parte da frente era mantida, na agua, pelo sacco Habert e, em terra, pelas rodas, durante o transporte e o lançamento (ver figura).

Detalhes de construcção — Cada elemento, de 4 m. de comprimento, compõe-se de duas vigas de 4 cm. × 4 cm. equidistantes de 0 m. 50 e dum taboleiro em pranchões, com balaustre baixo a somente 0m,40 acima do taboleiro (não era possível fazel-o mais alto em virtude das necessidades de lançamento dos elementos seguintes).

O lance assim constituido era supportado por uma especie de trem de aterrissagem formado de rodas (cortadas a serra, dos pranchões) cuja via era de cerca de 0m,35; a profundidade desse trem era de um metro abaixo do taboleiro, de sorte que um elemento, munido dum sacco Habert fixado abaixo da parte anterior como mostra a figura, podia rolar sobre os lances anteriores.



O sacco Habert destinado a supportar cada elemento não era fixado com antecedencia, mercê das difficuldades de

transposição das rôdés por um conjunto tão embragaçoso e tão fragil (qualquer rasgão no sacco Habert implica na sua substituição), porém podia ser ajustado instantaneamente em seu logar por meio de anneis de ligação; dois pranchões horizontaes, perpendiculares ao eixo do elemento eram, para este fim, parafusados, durante a construcção, por baixo das vigas e furados nos locaes correspondentes aos anneis; bastava, então, para fazer a ligação, passar os anneis de ligação por esses furos e mantel-os ahi por meio de cunhas preparadas para este fim. Duas peças de madeira de 1m.20 de comprimento, da mesma esquadria das vigas, eram parafusadas ao anterior das mesmas e ultrapassavam-nas de cerca de 0m,50 para traz: — serviam de *varaes* para empurrar o elemento, como um carrinho de mão e eram utilizadas em seguida para a ligação com o elemento precedente.

O conjunto dum elemento assim constituido pesava de 100 a 150 kg. e podia facilmente ser levado por 4 homens, quando não pudesse ser rolado (para a travessia de trincheiras, rôdés, funis, etc.).

Os saccos Habert não foram enchidos com palha, mas providos dum "chassis" interior de madeira ou de arame, muito mais leve do que os 80 kg. de palha regulamentares.

O conjunto com seu trem de aterrissagem e seu sacco Habert apresentava o aspecto dum aeroplano, de modo que os sapadores o chamavam de *avião* e falavam muitas vezes da *passadeira voadora*; o nome de *passadeira rolante* parece-nos melhor convir, em virtude de seu modo de lançamento.

Lançamento — Sobre a margem de partida fincavam-se, sem ruido, duas estacas de ferro de rôde de arame (em forma de sacca-rolha) no local escolhido para o lançamento; suas extremidades não deviam ultrapassar o nível do solo de 30 a 45 centimetros para não prejudicar a manobra.

Um sapador, empurrando o primeiro elemento á guisa de carrinho, o lançava n'água entre as estacas; continuava a empurral-o até que elle proprio chegasse á beira d'água e, em

seguida procedia a ligação da parte trazeira do seu elemento com as estacas da margem.

Logo a seguir um segundo sapador chegava empurrando o segundo elemento (rolando sobre o primeiro) até lançá-lo n'água; ligava os varaes do seu elemento ao sacco Habert do precedente, enquanto um terceiro sapador se apresentava por sua vez, etc....

O ultimo elemento, um pouco mais estreito e não comportando sacco Habert, formava rampa de desembarque sobre a margem de chegada; estacas, plantadas como sobre a margem de partida retinham as extremidades.

O lançamento assim executado durava sómente alguns minutos; tendo o Seille apenas, nos arredores de Brin, largura variável de 20 a 30 metros. A corrente sendo desprezível neste logar, não fôra previsto o dispositivo de ancoragem; é evidente que, sobre um rio com corrente notável, seria necessário prever a amarração dos primeiros elementos a montante e mesmo a ancoragem dos seguintes, si o rio fôsse muito largo.

Emprego das passadeiras rolantes — Uma passadeira deste modelo foi construída pela 6/53 para um golpe dê mão em Brin na noite de 16 para 17 de setembro; ella serviu em seguida a varios outros golpes de mão. A duração de fluctuação dos saccos Habert era de 3 a 4 horas e no fim deste tempo, elles começavam a ficar muito pesados (sobretudo aquelles que haviam sido furados e remendados "à la diable" pelo alfaiate da companhia), de sorte que a manobra de substituição era muito penosa.

A companhia 6/3 da mesma divisão executou em seguida passadeiras semelhantes para os golpes de mão em Arraye-et-Han. Em virtude da duração mais longa das operações, que não permittiam o emprego dos saccos Habert, substituiram-nos por toneis dispostos á direita e á esquerda do taboleiro (2 toneis por elemento); todavia os elementos assim constituidos ficavam muito mais pesados.

O processo das *passadeiras rolantes* apresenta grandes vantagens em virtude da rapidez de lançamento e de recolhimento; o lance de 4 metros é o mais pratico para obter-se uma certa maneabilidade; os inglezes empregaram, nas offensivas de 1918, as passadeiras rolantes para todo o vāo compostas de elementos muito longos; este processo não parece convir aos casos geraes, em que as difficuldades dos percursos (rédes, obstaculos, passagens estreitas ou tortuosas) podem ser encontradas antes do lançamento.

O grande tempo consumido é certamente um inconveniente. Comtudo é lei geral *que o lançamento rapido exige longos preparativos*; ora, para uma passagem que deve ser executada perto do inimigo, tudo que aumenta a rapidez do lançamento aumenta os factores do sucesso; é precizo pois que os sapadores, nestes casos, sejam prevenidos com alguns dias de antecedencia.

Aliás, uma companhia de engenharia que prevê uma construcção de passadeiras, pôde confeccionar com antecedencia, na retaguarda, elementos completos que são facilmente transportaveis, pois que rodam. E mesmo para os deslocamentos de grande amplitude, poder-se-ia empilhar dois ou tres elementos, possuindo o elemento inferior rodas mais solidas e atrelal-os a um cavallo ou ligal-os á trazeira duma viatura de ferramentas: uma companhia que adoptasse este sistema crearia uma especie de *equipagem* de passadeiras prestes a funcionar instantaneamente no momento da necessidade.

“A Defesa” inaugurará no proximo numero a sua secção de “Transmissões” que terá como redactor o Major Benjamim Galhardo, Director do Centro de Transmissões e como auxiliar o Cap. Mattoso Maia.

Estudos sociaes

Redactor: Correia Lima

Pedagogia

Redactor: João Ribeiro Pinheiro

O VALOR DO DINHEIRO

Pelo 1.º Ten.
JOSÉ SALLES

A Historia nos dá conhecimento de que, no decurso dos tempos, o valor do dinheiro tendeu sempre para a baixa. E' de importância observar que há tres diferentes tipos de movimentos de preços, distinguindo-se entre si pela longitude dos periodos que abarcam. Assim é que os preços dos tempos antigos e da Edade Media relativos aos diversos artigos, nos parecem ridiculamente baixos comparados aos da época actual.

Esse baixos preços reflectiam, em parte, o valor relativamente alto dos metais preciosos e a magnitude, também relativamente, maior das unidades monetárias fundamentais, antes de ser a amoedagem submetida a sucessivas alterações; assim é que na Inglaterra, nos séculos XIII ou XIV, podia-se comprar uma ovelha por um shilling, mais ou menos; uma pelle de ovelha por trez pence e a carne um farthing, mais ou menos, por uma libra (458 grammos e 9 decimos), tudo na moeda de então. Para maior clareza e tornando-se por base a moeda brasileira, bastante desvalorizada em relação à ingleza, façamos a conversão desses valores e veremos que correspondem a 14\$800, 18\$50 e \$154,2, respectivamente, por onde nos é possível fazer um juizo de como eram de facto irrisórios os preços, nessa afastada época. E ainda precisamos considerar que a carne era um alimento mais caro que o pão.

O descobrimento da América e a exploração dos respectivos tesouros pelos espanhóis e portugueses promoveram, na Europa, uma alta geral dos preços, trazendo consigo uma verdadeira revolução económica, porque o estímulo que isto deu lugar fez avançar com muito maior rapidez do que em qualquer outro tempo anterior da história do mundo, o comércio e a indústria. E nos séculos seguintes a curva geral dos preços continuou subindo com firmeza, sendo interrompida por movimentos inversos só ocasionalmente.

Não é, porém, essa tendência altista dos preços a causa dos problemas que hoje em dia preocupam todo o mundo, pois que estes se acham associados a outros dos tipos de movimentos dos preços. Primeiramente, observamos a existência de movimentos que se estendem por vários decénios e que são, geralmente, reflexos das trocas na produção dos metais preciosos, dos melhoramentos na organização bancária ou de uma crescente procura de dinheiro por efeito do desenvolvimento do comércio e da indústria.

Na maior parte do mundo ocidental, a marcha geral dos preços (em unidades monetárias de ouro e prata) durante a primeira metade do século XIX, foi em sentido descendente. Pelos meados do século, sobrevieram os grandes descobrimentos de ouro na Califórnia e na Austrália, dando em resultado uma alta mundial dos preços, que culminou em 1873. Ali, então, devido em parte a não ter a produção de ouro acompanhado o incremento da indústria e do comércio e em parte à maior procura do ouro que se seguiu ao geral abandono do bimetallismo, nessa ocasião, (porque este metal

tinha que attender em maior gráu ás necessidades monetarias do mundo), os preços declinaram, chegando ao minimo, isto é, ao ponto mais baixo do seculo, em 1896. Posteriormente se iniciou novo periodo de alta de preços motivado por differentes causas, sendo que a principal foi a enorme producção de ouro das minas da Africa do Sul.

Esse periodo de alta teve começo em 1897 para terminar em 1914, quando estourou, na Europa, a Grande Guerra, que por quatro terríveis annos devia enlutar a humanidade. Esta provocou um formidavel augmento das despezas publicas de todas as nações, tendo sido obtidos os fundos necessarios á respectiva cobertura, em grande parte, pela inflacção monetaria, que, na maioria dos paizes, tomou a fórmula de enormes emissões. Este periodo de forte alta, distinto do imediatamente anterior em que os preços subiram muito mais lentamente, terminou em 1920.

E' verdade que em alguns paizes, onde circulava o papel inconversivel (Allemanha, Austria, Polonia e Russia, por exemplo) o nível dos preços continuou elevando-se sob a influencia de nova inflação. Considerando, porém, o mundo em conjunto, os preços ouro a descer ou, o que é a mesma coisa, o poder acquisitivo do ouro começou a aumentar em 1920.

Onde subsiste o padrão ouro ou qualquer outro padrão metallico, os movimentos dos preços tais como os que caracterizaram os periodos de 1850-73, 1874-96 e 1897-914, se corrigem por si mesmos. Não podem continuar indefinidamente, pois devem terminar pela ação de forças criadas por ellos próprios.

Nos periodos de altas de preços, por exemplo, o custo de extração do ouro, como os demais custos de produção, aumentam; é evidente. Si os preços continuam subindo, chegar-se-á a um ponto em que algumas minas, quasi sempre as mais pobres, terão de suspender seus trabalhos. Poucos percebem a grande proporção da oferta mundial de ouro proveniente dos minereos auriferos de baixa qualidade. A obtenção de benefícios na exploração de tais minereos só é possível aproveitando-se todas as prováveis economias nos trabalhos, o que se pôde conseguir organizando-se methodicamente a produção. Basta, pois, aumentar um pouco esse custo para se obter uma considerável baixa na produção do ouro; e por isto, todo o periodo de alta de preços deve ter um fim. Diminuindo a produção do ouro a tendência dos preços soffre uma inversão, é claro.

Por outro lado, os preços não se podem mover continuadamente no sentido da baixa. A redução dos custos de extração, que se segue à baixa dos preços, torna vantajoso o explorar minereos de qualidade inferior e ainda dragar os rios que arrastam terras auríferas. O padrão-ouro, apesar de suas imperfeições, tem assim uma ação automática, como de pendulo, que ajuda a impedir as variações extremas no nível geral dos preços.

Vejamos, agora, o terceiro tipo de trocas geraes nos preços que é o mais importante. Examinando-se com alguma atenção as estatísticas dos preços

relativas ao seculo XIX, vemos que as extremidades das ondas successivas, nos movimentos de alta e baixa embora irregularmente espacejadas, parecem separadas por intervallos medios de oito ou nove annos, na Inglaterra, enquanto que nos Estados Unidos nenhuma cifra media poderia ser indicada, sob pena de erro. Esses movimentos ondulatorios são, por sua vez, constituídos de outros mais curtos que se sucedem com curiosa constância; é significativo o facto de que as cristas dessas ondulações de preços coincidem com os pontos culminantes de periodos de rapida e prospéra expansão dos negócios; os valles intermediarios assinalam periodos de depressão, precedidos a meúdo de crises económicas.

A observação destes factos deu nova importancia científica ao estudo de um problema muito antigo, qual seja a explicação das crises económicas. Todo o mundo sabe o que são essas convulsões nos negócios que parecem ocorrer a intervallos quasi constantes, apparentemente sem causa, e que se caracterizam pela cessação das compras e das ondas, grande numero de falências e tensão do mercado monetário, seguidas de largos periodos de depressão, com todos os males da desoccupação industrial. Ha cem annos passados cria-se geralmente que uma crise era o fracasso de uma "mania" especulativa, isto é, que tinham uma origem psychologica. O entusiasmo e o optimismo excessivos eram contagiosos; a expansão ia longe e a crise mesma podia, por sua vez, intensificar-se com qualidades de pessimismo parecidamente contagiosas. Ha quem creia, todavia, que a psychologia é a raiz do mal, que os negócios seriam bons si os negociantes e compradores pudesse suggestionar-se só com a crença de que os negócios caminham bem; que não ha outro responsável pela crise além da "perda de confiança" geral.

(Resumo extrahido do "El dinero e los Precios").

**O EXERCITO E A
PUBLICIDADE**
Gen. EDWÁRD MUNSON

A publicidade constitue um dos mais poderosos agentes de acção sobre a moral, visto que assegura materialmente a difusão das idéias. Ela é a base da informação e da educação que se dirigem as massas e que determinam essa communhão de pensamento indispensável á unidade que, ella põe em valor certos factos, certos objectivos, incarna as idéias e as opiniões, propaga as formas inteiramente feitas que o leitor, aceita sem discutir e sem lhes verificar o fundamento; faz penetrar no entendimento a idéia que convirá a uma situação dada, de tal sorte que se a situação se apresenta, o individuo reage na direcção prevista.

A extensão desses resultados obtidos, o numero de assumptos tratados, variam segundo o gráu e a intensidade da publicidade emprehendida. Foi a ella que a America deveu, durante a guerra, um affluxo incalculavel de fundos, uma modificação do regimem alimentar da nação, e principalmente essa es- pantosa reviravolta da opinião que tornou a guerra possivel.

Em materia de serviço militar, a publicidade affecta geralmente de forma directa; ella se exprime por ordens, circulares, memoranda, e todas as outras medidas de carácter imperativo. Materialmente, ella não ultrapassa o dominio oficial da actividade militar; mas, psychologicamente, seus efeitos são de muitas maneiras vastos, pois que estimula nosso interesse e nossa curiosidade, assim como, de certo modo, outros instintos fundamentaes, a que ella dá satisfações.

Saber como os outros se comportam no serviço é provocar a comparação e suscitar a emulação E o acto é realizado tanto mais perfeitamente quanto do desejo de se distinguir para ganhar a estima do publico, do grupo ou da unidade.

Antigamente, o Exercito parecia guardar uma certa repugnancia a respeito da publicidade, que era accusada de relajar seus ideaes. Havia n'isto um prejulgado nascido da utilização da publicidade na satisfação de certos interesses pessoaes.

Mas, limitada e controlada, a publicidade não pode apresentar sinão vantagens quando se designa por objectivo tudo que diz respeio á dignidade e á reputação do Exercito a estima publica, ao espirito de corpo, isto é, as qualidades mesmas que conferem a um grupamento a admiração e o respeito.

PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

EMILE DURKHEIM

Confundem-se, quasi sempre, estas duas palavras "educação" e "pedagogia". E, no entanto, elles devem ser cuidadosamente distinguidas.

A educação é a acção exercida, junto á individuos pelos mestres. Esta acção é permanente, de todos os instantes, é geral. Não ha periodo na vida social, não ha mesmo, por assim dizer, momento no dia em que as novas gerações não estejam em contacto com seus maiores, e, em que, por conseguinte, não recebam destes influencia educativa. Porquanto esta influencia não se fez sentir sómente nos curtos momentos em que paes e mestres communicam conscientemente, por

via do ensino propriamente dito, os resultados de sua experiência aos que veem depois delles. Ha uma educação inconsciente que jamais cessa. Pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos actos que praticamos,— influimos de uma maneira continua sobre a alma de nossos filhos ou intruendos.

Outra coisa é a pedagogia. Ella não consiste em acções, mas em theorias. Estas theorias são maneiras de conceber a educação, não são maneiras de practical-a. Por vezes, se distinguem da pratica em uso a ponto de se opporem a ellas, francamente. A pedagogia de Rabelais, a de Rousseau ou a de Pestalozzi estão em conflicto com a educação de seu tempo. A educação não é, portanto, senão a materia da pedagogia; e esta consiste num certo modo de reflectir a respeito das coisas da educação.

Na verdade, a pedagogia é intermittent, ou o foi, pelo menos, no passado; ao passo que a educação é continua. Ha povos que não tiveram pedagogia propriamente dita; de um modo geral ella não apparece mesmo senão em epoca relativamente avançada da historria. Não se encontra na Grecia, senão depois da epoca de Pericles, com Platão, Xenophontes, Aristoteles. Em Roma, apenas se assignala. Nas sociedades christãs, não foi senão no XVI seculo que ella veio a produzir obras importantes; e o surto que tomou então abrandou-se de muito no seculo seguinte para só voltar ao mesmo vigoroso desenvolvimento no XVIII seculo.

E' que o homem não reflete sempre, mas sómente quando é necessário reflectir; as condições para a reflexão não são sempre e por toda a parte as mesmas.

**O INDIVIDUO
E A ROTINA**
VAN LOON

ainda que o ponhais ao volante dum Rolls-Royce modelo 1921, continua a ser um homem com a mentalidade do mercador do século XVI.

Se, a princípio, isto vos parecer obscuro, talvez vos possa dar um exemplo mais comezinho, para esclarecer o que pre-

Um zulú de sobrecasca não passa dum zulú. Um cão amestrado a andar na bicicleta e a fumar cachimbo não deixa de ser um cão e um ser humano, dotado da mentalidade dum mercador do século XVI,

tendo dizer-vos. No cinema, os gracejos e as observações cômicas inscrevem-se muitas vezes na tela. Na primeira ocasião que se vos deparar, observai a assistência e vereis que alguns parecem absorver as palavras e, em menos dum segundo, leem todas as frases. Outros são mais lentos. Há os que precisam de vinte ou trinta segundos, para as assimilar. E, finalmente, os que só as conseguem apanhar em parte começam a entender-lhes o sentido, quando os mais perspicazes já entraram a decifrar o letreiro seguinte. O mesmo, como vos demonstrarei, acontece na vida humana.



"A Nação quer ou imagina querer uma tribuna e assembléas. Nunca desejara. Atirou-se-me aos pés quando alcancei o governo. Exerci menos autoridade do que a que me ofereciam... Hoje, tudo mudou.

O gosto das constituições, os debates, os discursos parece voltar.

Entretanto, é apenas a minoria que os deseja não se illuda. O povo — ou se preferir — a multidão só a mim é que deseja...

Não sou, como se diz, apenas o Imperador dos soldados; sou o Imperador dos camponezes, dos plebeus da França... Assim é que, mau grado todo o passado, o senhor vê o povo voltar-se de novo para mim... Ah! estão esses conscriptos, esses filhos de camponezes. Eu não os lisonjeava, tratava-os rudemente. Nem por isso deixaram de cercar-me, nem por isso deixaram de gritar: "Viva o Imperador!" E' que, entre elles e eu, ha a mesma natureza... Eu quiz o Imperio do mundo, e quem não o desejaría, em meu lugar? O mundo convidara-me para regel-o. Soberanos e subditos precipitavam-se em disputa, sob meu sceptro... Tragam-me suas ideias. Discussões publicas, eleições livres, ministros responsaveis, liberdade da imprensa — quero tudo isso... Sou o homem do povo. Se o povo quer, realmente, a liberdade, eu lh'a darei... Não odeio a liberdade. Afastei-a, quando me obstruia o caminho".

Napoleão — EMIL LUDWIG, pag. 335.

Individualismo não quer dizer democracia, mais "salve-se quem puder" e "a patria que se arranje" — PONTES DE MIRANDA.

Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"

Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i>	10\$000
» » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i> ..	10\$000
Major Od. Denys — <i>A Instrução na Infantaria</i>	10\$000
Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i>	10\$000
Maj. Danton Teixeira — <i>História Militar do Brasil</i>	10\$000
Major João Pereira — <i>Armas automaticas</i> (2.ª edição)	9\$000
Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma Sub-Unidade</i>	8\$000
Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i>	8\$000
Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando no Batalhão</i>	8\$000
Ten. Danilo Paladini — <i>O Official de Informações</i> ...	8\$000
Caderneta de Ordens e Partes.....	8\$000
(Blocos avulsos)....	2\$000
Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i>	2\$000
Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indirecto de metralhadora</i>	2\$000
Maj. Dr. Marques Porto — <i>Attestado de origem</i>	2\$000
Caderneta do Commandante.....	1\$000
Pelo correio mais 1\$000.	

Guia para a instrucção militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

O que é preciso saber da Infantaria, Ten.-Cel. Dermeval 5\$000, pelo correio mais \$800.

Combate da Infantaria, Major Soares dos Santos, 6\$000 pelo correio mais \$700.

Secção de Veterinária

Redactor; Armando Rabello de Oliveira

Impressões do Rio Grande Pastoril (1)

Pelo 1.º Ten. ARMANDO RABELLO DE OLIVEIRA

De volta da viagem que emprehendemos ao Rio Grande do Sul, em missão de compra de animaes para o Exercito, reencetamos neste numero a campanha em prol do maior incremento da criação do cavallo nacional, collocando-nos, agora, á jusante das muitas observações e ensinamentos colhidos no transcurso dessa utilissima peregrinação, realizada em plena campanha sul-riograndense.

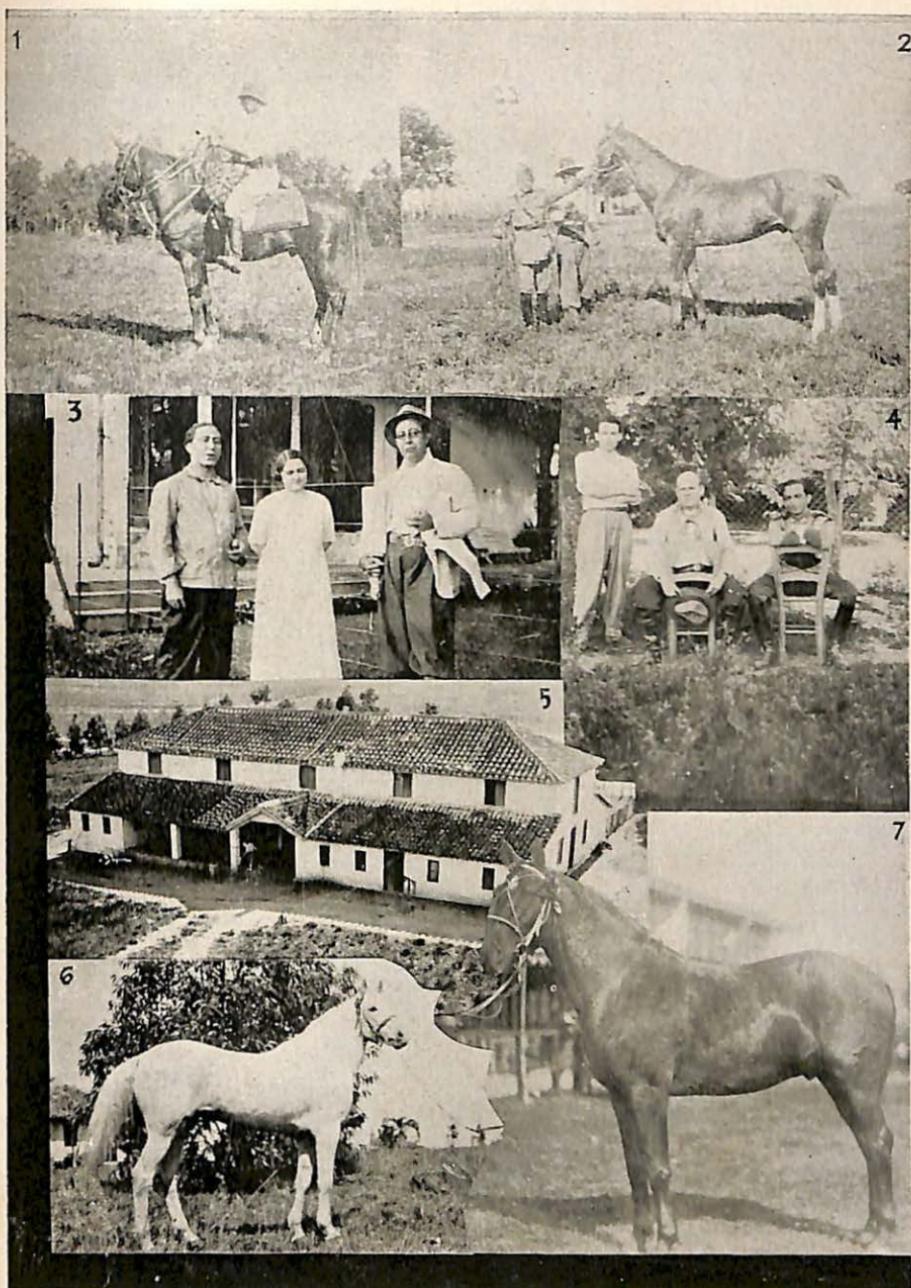
Natureza soberba e grandiosa é a que empresta physionomia assaz typica aos municipios creadores daquelle prospéra Unidade da Federação. E quem possuir o sentimento de nacionalismo bem constituido ou certa exaltação expontanea pelas causas patrias, não deixará de orgulhar-se ante a esplendida significação economica proporcionada pela campanha gaúcha, na sua feição lidicamente pastoril.

Para longe das serranias e das ondulações largas do terreno, que bem particularisam as cochilhas do planalto meridional brasileiro, ficam os admiraveis campos de criação dos municipios de Sant'Anna do Livramento, Quarahy, Alegrete e Uruguaiana, onde a vista se espraia por planicies immensas atapetadas de verde, cortadas, de longe em longe, pelas *sangas*, pequenos sulcos cavados á flor do sólo pela agua das chuvas ou alimentadas por lençóis líquidos subterrâneos. Ahi não medram as hervas comuns aos "campos sujos", de que nos falla a geographia botanica, nem mesmo a *chirca* e o *espinheiro*, que tanto depreciam algumas pastagens de boa qualidade nos municipios de Bagé e D. Pedrito.

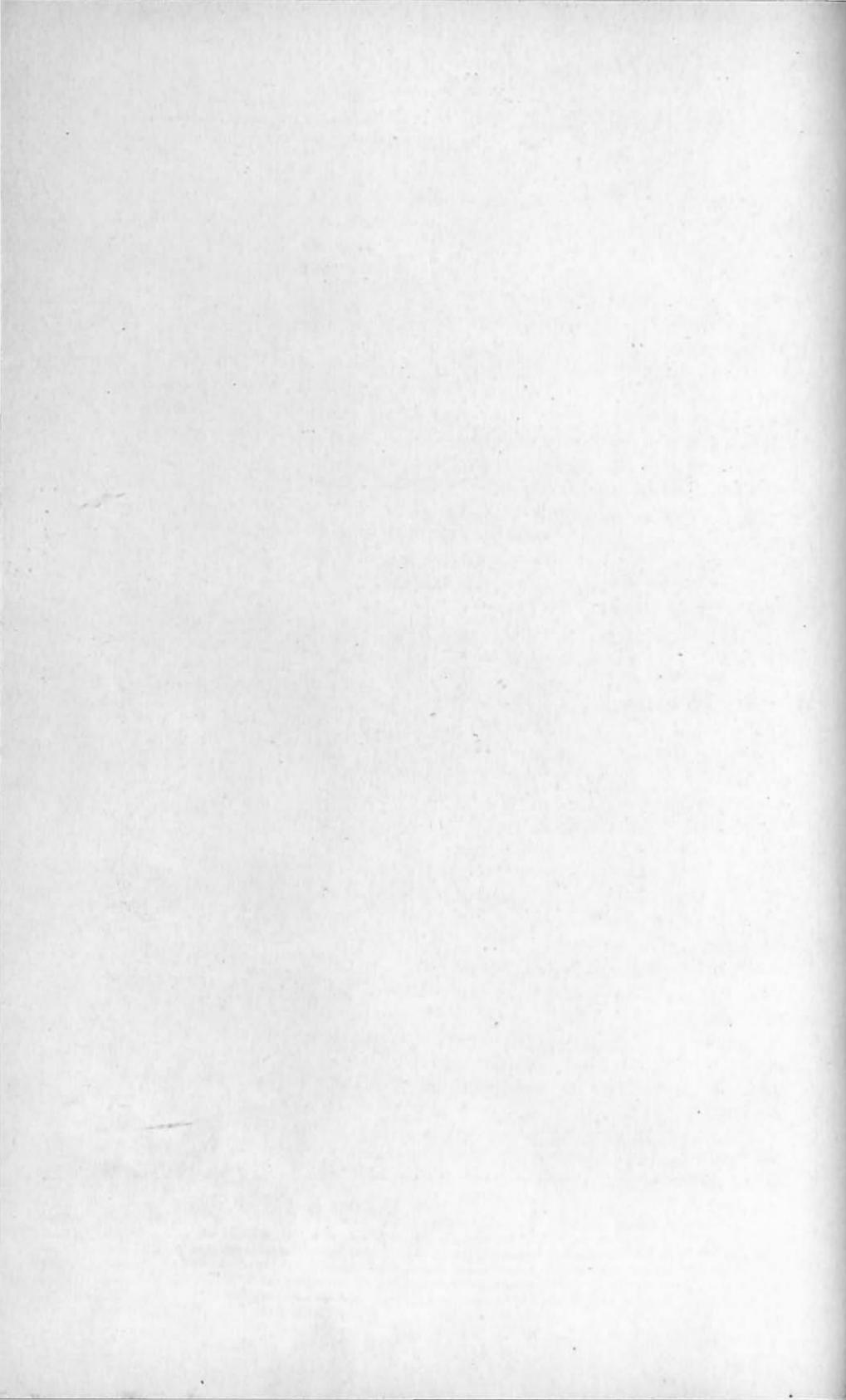
Os capões de matto, a que allude Lindman em seu estudo floristico "A vegetação do Rio Grande do Sul", tão pouco frequentes nas regiões fronteiriças que percorremos, ahi então raream de todo, substituidos por interminaveis pastagens naturaes, onde predomina o capim frechilha de permeio com leguminosas do genero trifolium. Vegetação arborea expontanea, embora de porte reduzido, constituindo precioso abrigo para o gado nos dias de *tormenta* ou nas horas de grande calor, só existe á margem dos rios, acompanhando o seu curso sinuoso, como um anteparo protector ao sopro constante dos ventos ou á insolação demasiada.

De longe em longe, na vastidão da verde planicie, desenha-se o contorno escuro das ilhótas dos arvoredos artificiales ou de plantío, notaveis pela uniformidade da vegetação, vistos em seu conjunto, constituindo

(1) A directoria recommenda a leitura deste artigo.



(1) Dr. Guilherme Eckenique, Presidente da "Associação de Criadores do Cavalo Crioulo, montando "Rasul" p. s. árabe — (2) Garanhão p. s. inglez, de propriedade do dr. Pacheco Prates
 (3) Criadores Miguel Belleza e Exma. Sra. e Aureo de Azevedo, na estancia de S. Pedro no Município de Uruguaiana — (4) O criador dr. Pacheco Prates em sua estancia de criação no Município de Uruguaiana — (5) Casa da estancia no "Haras Er Razur", no Município de Pelotas
 (6) Reproutor árabe do "Haras Er Razur", de propriedade do sr. Guilherme Eckenique Filho
 (7) "Oigale", campeão crioulo de 1933 na Exposição-Feira de Bagé.



pequenos bosques de velhos eucalyptos ou de frondosos sinamomos — árvore de nova predilecção nas estâncias — á cuja sombra se abrigam as casas de estância, com o galpão da esquila, a casa dos peões, o banheiro carapaticida, o mangueirão de pedra, a mangueira de lidar, onde se faz a doma e o amanonsiar dos potros.

Na quietude enganadora daquellas bucólicas paragens, o trabalho não estaciona nem os animos se entorpecem na dôce perplexidade da imensidão campestre; pelo contrario, sob a amenidade de ações atmosféricas estimulantes e o andejar incessante dos rebanhos que povoram os campos, o homem madruga na faina do pastoreio, absorvido pelo trato dos armentos, possuido da exacta comprehensão de assim estar concorrendo para o engrandecimento progressivo dos seus haveres.

Se accrescentarmos á descrição acima, o uso e abuso quotidiano dos *assados de ovelha* e o desgaste da sobrecarga estomacal, resultante, com algumas cuias de *matte*, teremos pintado com relativa fidelidade o scenario do ambiente pastoril sul-riograndense, cuja apparente monotonia não fatiga a curiosidade de quem chega, nem causa tédio ao mais irriquieto cidadino, antes proporciona, pelo realismo sadio da vida ao natural, novos factores de revigoração cívica e a visão actual das nossas possibilidades num dos dominios mais fecundos da nossa organização económica — a pecuaria.

A's associações rurais dos seus municipios creadores deve o Estado do Rio Grande do Sul o indice de melhoramento ora presente nos seus rebanhos de criação, e vantajosamente assignalado nas raças bovinas destinadas ao corte e nos ovinos lanígeros. Essas entidades, coordenadoras do surto pastoril em todo o Estado, organizam, todos os annos, exposições-feiras nos municipios sob sua jurisdição, com resultados praticos apreciaveis, não só pelo vulto das transações que ensejam, como pelos ensinamentos e incentivo que trazem aos creadores, não deixando, por outro lado, de constituir um acontecimento social muito util á movimentação periodica dos municipes bisonhos e arrédios. O certamen pecuario de Bagé, por exemplo, — que nos foi dado visitar no anno passado — é tido como sendo a 3.^a grande feira de animaes da America do Sul, pelo grande numero de productos que alli são exhibidos annualmente e pelo registro elevado das transações effectuadas. A essa pujante demonstração do avançado grão de aperfeiçoamento attingido pelas raças domesticas, em cultivo zootechnico, afluem, de todos os pontos do Estado, verdadeira multidão de visitantes, não sendo poucos os "cabaneiros" uruguayos e argentinos que ahí comparecem.

A secção de equinos na Exposição-Feira de Bagé, do anno transacto, teve representação deveras brillante, contando explendidos productos das raças arabe, andaluz, puro sangue inglez, anglo-arabe, crioula e de alguns poney's.

O primoroso lóte de crioulos, no qual figuravam tres animaes de procedencia argentina, constitui o motivo de maior attracção do certamen, sendo muito applaudidos sempre que eram exhibidos em frente ás tribunas sociaes.

A entusiastica e patriotica campanha posta em practica pela benemérita "Associação dos Criadores do Cavallo Crioulo" tem angariado, dia a dia, novos adeptos para a grande causa, sendo verdadeiramente edificante a actividade desenvolvida por esse pugilo de brasileiros, que em bôa hora tomou a peito tão nobilitante tarefa.

Cabe ao governo, muito particularmente ao Exercito, o dever de amparar decisivamente esse esforço em favor da emancipação industrial do cavallo brasileiro, até hoje preterida illegitimamente pelas manifestas preferencias oficialmente dispensadas aos productos exóticos, pagos sem constrainto a peso de ouro do melhor quilate.

O Director do Serviço de Remonta do Exercito procurando prestigiar aquella campanha de fomento á criação do cavallo indígena e bem comprehendendo o alcance futuro de tão meritoria iniciativa em face das necessidades militares, delegou plenos poderes ao seu representante naquella 21.^a Exposição Pecuaria de Bagé, Cap. Vet.^o Aristides Corrêa Leal, para solicitar fosse erigido o campeão da raça crioula — um potro de 2 annos de silhueta muito harmoniosa —, em figura symbolica do memorável certamen, afim de ser adquirido, como foi, a preço de animação, para de futuro utilisal-o como padreador numa das coudelarias militares.

Com a projectada exposição comemorativa do Centenario Farroupilha, a realizar-se em Porto-Alegre, em setembro deste anno, o Rio Grande reaffirmará ao Brasil inteiro e ao estrangeiro o quanto tem evoluido a sua pecuaria, nestes ultimos annos, depois que em definitivo subordinou a formação dos productos de sua industria animal á exclusiva orientação zootechnica.

Para essa magnifica festa de industria "A Associação dos Criadores do Cavallo Crioulo" está arregimentando desde agora a fina flôr dos productos inscriptos no seu Stud-Book, para apresental-os em formação de grande parada, como homenagem dos criadores do Brasil de hoje aos heroicos revolucionarios farroupilhas.

A venda na "A Defesa Nacional"

<i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i>	<i>87\$400</i>
<i>Canae e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn.....</i>	<i>7\$000</i>
<i>História militar do Brasil, Danton Teixeira.....</i>	<i>10\$000</i>
<i>O cerco da Lapa e seus heróes, David Monteiro.....</i>	<i>8\$000</i>
<i>A guerra civil, Almirante Thompson.....</i>	<i>10\$000</i>
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise-Ten. Cel. Lenglet.....</i>	<i>6\$000</i>

PELO CORREIO MAIS 1\$000

**Variedades
e
Noticiario**

O tempo do serviço militar na França

A duração do serviço militar não só preocupa hoje os círculos militares e políticos como também a opinião pública na França. Como consequência da diminuição espantosa dos nascimentos, as cifras de conscriptos não mais preenchem com recrutas os claros que se vêm abrindo. Procurar-se-á naturalmente contornar a actual lei que determina a duração de um ano de serviço e ora em vigor. Com tudo só o Senado e a Câmara, órgãos eminentemente políticos e não técnicos, poderão dar a última palavra emendando as leis em vigor na velha liberal-democracia do Senado.

O Estado Maior está estudando as possibilidades de um serviço de 15, 16, 18 e mesmo 24 meses e tudo parece indicar que será pedido o de 2 anos. Há sintomas de que mesmo os conscriptos que já completaram em outubro de 1934 seu tempo, serão retidos até abril do corrente ano, isto é servirão um ano e meio e os que o completarão em outubro de 1935 permanecerão por mais um ano. Para o ano de 1936 o Exército Francês só poderá dispor de 112.000 conscriptos, apesar do Estado Maior declarar serem precisos 200.000

“A DEFESA NACIONAL”

(DE UM OBSERVADOR MILITAR)

Neste período de renovação da mentalidade militar, em que o Exército, por exceção às administrações militares da República, está vivendo dentro de si mesmo, só restava corrigir a sensível lacuna de um órgão de coordenação intelectual capaz de promover e diffundir, uniformemente, em todas as regiões, o conhecimento dos problemas actuais que interessam à classe. Este órgão já estava embrionário na revista mantida pela élite dos officiaes do Exército e acaba de transformar-se, agora, adaptando-se melhor às suas superiores finalidades e, ampliando-se para atender ao desenvolvimento notável do meio intelectual militar.

A mentalidade que convém ao Estado crear na classe militar, para desempenho cabal das suas atribuições, em tempo de guerra e conducta

em tempo de paz, não está sómente na letra dos regulamentos que são rígidos e concisos.

A cada passo surge um problema que deve ser olhado pelos militares, com uniformidade de vistos e sentimentos e, além do mais, só através de um orgão de informações autorizado e idoneo pôde ser trazido o Exército ao corrente das coisas novas que lhe interessam. E' necessário que, para contrapôr-se aos inúmeros órgãos de publicidade que encaram os factos á mercê das suas conveniências doutrinárias, haja, também, uma fonte permanente de orientação da classe no sentido de conduzir, orientar e esclarecer esses factos de acordo com uma mentalidade unica e sã; inspirada na orientação do orgão central que deve encarar as conveniências do Exército.

Um grupo seleccionado de officiaes de todas as armas acaba de realizar esses objectivos, com a publicação do primeiro numero da "A Defesa Nacional", depois das remodelações a que alludimos. A distribuição dos assumptos é feita de tal sorte, que nenhum official do Exército, qualquer que seja a sua arma ou serviço, poderá prescindir de lê-lo. Além disto, tratando-se de um movimento louvável no sentido de aprimorar a cultura profissional militar, o incentivo e o estímulo de todos os militares á iniciativa dos seus camaradas reverterá em benefício do nível intelectual do Exército, que a "A Defesa Nacional", sem nenhuma dúvida, representa e impulsiona, há muitos annos.

O general chefe do Exército tem dito, repetidas vezes, que a Instituição militar tem função política e esse conceito gerou comentários que querem crer numa suposta incoherência do ministro que logrou restituir a disciplina ao Exército. E' que os órgãos da Imprensa, habituados a encarar os problemas da Política partidária, restringem o conceito da expressão a limites dentro dos quais não pode caber a função militar. "A Defesa Nacional", representando a élite intelectual do Exército, tem abordado, nas passagens principais destes últimos tempos da vida nacional, os aspectos superiores que interessam á actividade militar. Realmente, o soldado não pôde nem deve ser político, mas, nem por isto se justifica que ele deixe de apreciar, dentro do quadro normal das suas actividades profissionais e segundo a doutrina em que se educa, a sorte do país na convulsão de idéias que se agitam e se debatem, na hora presente. Neste particular, impunha-se-lhe, na falta de uma imprensa orientada, um orgão central de orientação intelectual que acompanhasse e analisasse o desenrolar dos acontecimentos da por assim dizer, alta política. E' uma outra missão relevante que "A Defesa Nacional" se propõe desempenhar, com grandes benefícios para a mentalidade do Exército.

Tudo isto justifica o apoio e o estímulo com que a classe militar vê a sua revista entrar, depois de transformada, na fase nova de prospe-

ridade que marca o seu ultimo numero. Recommendamos, pois, aos officiaes de terra, a leitura do primoroso numero da "A Defesa Nacional", dado ultimamente á publicidade.

Do "O Jornal".

O protesto das Nações

O Japão denunciou a França de haver construido dois couraçados de 35.000 toneladas e dois destroyers orçados em 886 milhões de francos.

Affirma o Imperio do Sol Nascente que desse modo será violado o Tratado de Washington de 1922 que não comporta o aumento da tone-lagem anhelado pela França.

Os gaulezes defendem-se' allegando que o rearmamento dos germanicos constitue uma seria e perene ameaça á paz do mundo.

Em quanto isto os allemaes renovaram sua esquadra, construindo cruzadores do typo do "Deutschland" que os ingleses fleugmaticamente denominam de "navios de algibeira" em virtude das suas dimensões lilliputianas. Apesar de pequenos esses vazos de guerra fornecem formidavel efficiencia agressiva pois os engenheiros da terra de Bismarck conseguiram: reduzir consideravelmente o peso do metal empregado, aumentar a velocidade de suas machinas e distribuir uma artilharia potentissima em reduzido espaço.

Pela denuncia do Japão se deprehende que elle procura uma brecha para augmentar tambem o seu poder armamentista...

Logo em seguida a França e a Italia protestam calorosamente contra á adopção, na Allemanha, do serviço militar obrigatorio, contrario ao Tratado de Versailles. A inquietação do mundo é fantastica...

A Expedição Iglesias

Deve, em breve, embarafustar-se pelo Amazonas a dentro a expedição chefiada pelo capitão Iglesias, de nacionalidade hespanhola.

Consoante os noticiarios dos jornaes, trata-se de estudar a mystica regiao amazonense sobre os aspectos geographico, ethnographico, floristico e zoologico. Grandes vantagens advirão para o Brasil no desvendamento dos segredos do nosso "hinterland;", pois as obras de Humboldt, von Martins, von Stein, Lund e muitos outros não nos permittem que pensemos de outra forma.

Em quanto alguns sabios alienigenas, de facto, trabalharam pelo Brasil, outros aqui aportaram sómente para ganhar dinheiro, desenvolvendo na America do Norte e no Velho Mundo a mais intensificante campanha de descredito contra nós. E como não pudemos separar o bom do mau, seria de bom aviso que technicos nacionaes acompanhassem o capitão Iglesias e apresentassem relatorios minuciosos de tudo quanto vissem.

Teremos novamente sangue na linde Colombo-Peruana?

A attitude do Senado da Colombia' tomando posição diametralmente opposta ao Presidente do prospero paiz, fez entremecer por momentos as azas do anjo bendito da Paz.

Felizmente parece que a borrasca passou. A acção decidida do Presidente colombiano e os sentimentos nobilitantes do Peru accordaram em transferir para o fim deste anno a ratificação da formula pacifista do incrito ex-ministro Mello Franco.

Mostrasse o Peru intransigencia, ou agisse o Presidencia da Colombia com animo fraco, a esta hora os tiros dos canhões estariam reboando na selva opulenta da Amazonia.

LIVROS NOVOS

Do Major DANTON TEIXEIRA, recebemos a apreciação abaixo sobre o livro do nosso companheiro de trabalho H. O. WIEDERSPAHN:

A nossa literatura militar tem sido ultimamente enriquecida com interessantes produções em varios ramos da actividade profissional.

O 1.^o Ten. Henrique Oscar Wiederspahn joven official apenas com tres annos de formatura, revela uma accentuada vocação para a Historia Militar.

Apresenta-nos o Ten. Oscar na sua obra "Canes e nossas batalhas", um criterioso estudo, commentado á luz das ideas schiefenianas.

Não admira que um novel official mostre tão cedo, no inicio de sua carreira, pendores para os altos estudos militares. O Ten. Oscar pertence a uma geração que teve a ventura de haurir conhecimentos de Historia Militar com um verdadeiro mestre — o major Agenor Leite de Aguiar.

O tenente mostra que bebe nas bôas fontes. Conhece a fundo o enredo das tropelias que abalaram por varios annos as campinas do Rio Grande e o pampa platino. Sabe do nenhum valor de certos generaes improvisados cuja aureola ainda resplandece nas paginas da Historia. Mostre-nos o tenente que se aprende tambem apontando os erros...

Reputo o trabalho do ten. Oscar excellente manual para os candidatos á Escola de Estado Maior.

Apresento ao meu distincto camarada meus aplausos, desejo que não descorçoce e que ao aperfeiçoar seus estudos na Escola de Estado Maior nos brinde com novos trabalhos sobre tão palpitante assumpto.

* * *

"A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA"

Do Major O. DENYS

A' medida que os processos de combate evoluem correlativamente com os progressos do armamento e novos meios de guerra, mais difficult e mais complexa se apresenta a instrução na infantaria, principalmente entre nós em que o serviço a curto prazo força o instructor a ministrar sómente o necessário e isto mesmo para formar um regular combatente.

Submerso não só no emaranhado das exigências regulamentares, no que diz respeito à instrução, como pela complexidade do problema, só uma longa prática e um conhecimento seguro da pedagogia militar permitirá ao instructor conduzil-a sem malabaratar os seus esforços.

Hoje felizmente o caminho se acha mais desbastado e o trabalho apresenta-se mais fácil pela contribuição que veio trazer o major ODYLIO DENYS com a sua "A instrução na infantaria". Nella são fornecidas aos instructores os elementos necessários não só para ministrar como para dozar e coordenar a instrução nos corpos de tropa. O triplice problema: que se quer?; como se quer?; quando se quer?, foi resolvido com proficiencia.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

FRANÇA

REVUE DE CAVALERIE - Janeiro - Fevereiro — os autos - metralhadoras nas Mesopotânia (1918) As transmissões na Cavalaria Ambiente de um combate visto no escalão companhia ou esquadrão a pé.

ESPAÑHA

REVISTA DE ESTUDIOS MILITARES - Janeiro — O carro de combate é uma arma ofensiva ou defensiva - A divisão quartenaria.

CAVALLARIA EM "CAVALLOS" — VAPOR



Patrulhas de cavallaria ingleza em pleno exercicio de descoberta.

Formulario para os Concelhos de Justiça Regimentaes (desertores a insubmissos)

1.º Ten. Arthur Alvim Camara

..... 193

REGIMENTO DE INFANTARIA (1)

N.º

Presidente — F..... (nome e posto)

Escrivão — F..... (nome e posto)

Autora — A. Justiça Militar

Réu — F.....

Crime — Artigo do Código Penal Militar

AUTUAÇÃO (2)

Aos..... dias do mês de do ano de na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, autuo o presente processo que adiante segue; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: Vide n.º (3) do Anexo n.º 1)

CERTIDÃO DE COMPROMISSO (4)

Certifico que aos..... dias do mês de..... do ano de....., os juizes nomeados em Boletim Regimental numero..... de..... de..... de..... senhores Capitão F....., presidente, primeiros tenentes F..... e F..... e segundo tenente F....., prestaram o compromisso legal. O que dou fé. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

JUNTADA (5)

Aos dias do mez de do anno de, na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço juntada aos presentes autos da acta da primeira sessão deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

ACTA (6)

(Da primeira sessão)

Aos dias do mez de do anno de, na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, presentes todos os juizes deste Conselho, foi pelo senhor presidente aberta a sessão, neste processo, ás horas e minutos. Presente o réu e lidos os autos, tomou o Conselho conhecimento do feito, passando-se, em seguida, a um acurado estudo do processo, juntamente com as razões de defesa. O senhor primeiro tenente F....., servindo de relator, depois de feita a sua minuciosa exposição, declarou que o processo está devidamente preparado (se for este o caso) e, por isso, solicitou fossem logo designados dia e hora para o julgamento do réu. Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão, neste processo, ás horas e minutos; do que, para constar, lavrei esta acta, que escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: A acta é um documento avulso, que se junta ao processo).

CONCLUSÃO (7)

Aos dias do mez de do anno de, na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço os presentes autos conclusos ao senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

DESPACHO (8)

DESIGNO o dia....., ás..... horas e minutos,
para ser o réu submetido a julgamento, scientes as partes.

(Data — Logar, dia, mez e anno)

(Assignatura e posto do presidente)

RECEBIMENTO (9)

Aos dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de In-
fantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os pre-
sentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Con-
selho; do que, para constar, lavrei este termo, Eu, F..... (nome e
posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

CERTIDÃO (10)

Certifico que scientifiquei as partes, na conformidade do despacho
para julgamento de fls.....; do que, para constar, lavrei este termo
e dou fé. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o es-
crevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

APRESENTAÇÃO (11)

Aos dias do mez de..... do anno de.....
faço estes autos presentes ao senhor Capitão F....., presidente
deste Conselho, para os fins legaes. E, para constar, lavrei este termo,
que escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

AUTO DE INTERROGATORIO (12)

Assentada

Aos dias do mez de..... do anno de.....;
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de In-
fantaria em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça,

presentes todos os seus membros, o réu F..... (nome e posto) e seu commandante de companhia, senhor Capitão F....., advogado do réu, passou o dito réu a ser interrogado pelo senhor primeiro tenente F....., relator, na fórmula que se segue; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

INTERROGATORIO

Perguntado qual o seu nome, naturalidade, idade, filiação, estado civil, residencia, respondeu — Chamar-se F..... (nome inteiro), ser brasileiro, com..... annos de idade, filho de..... solteiro e residente em..... (logar, rua e numero). Perguntado qual o seu posto, emprego e profissão, respondeu ser..... Perguntado onde estava ao tempo em que passou a desertor (ou insubmissso), respondeu que em..... Perguntado se conhece as pessoas que de-puzeram (ou servem de testemunhas) no processo, desde quando e se tem alguma cousa a oppôr contra ellas, respondeu que..... (ou que seu advogado dirá ou já foi dito pelo seu commandante de companhia). Consultados os demais juizes do Conselho para lembrarem as perguntas que lhes parecessem convenientes ao esclarecimento da verdade, por estes foi declarado que nada tinham a dizer (ou pelo Juiz F..... foi lembrado que se perguntasse..... (segue-se a pergunta), tendo o réu respondido que..... E, como nada mais respondeu nem lhe foi perguntado, deu-se por findo o presente interrogatorio, lavrando-se este auto, que, depois de lido e achado conforme, vae assignado, na forma da lei, por todos os membros presentes do Conselho, o accusado e seu commandante de companhia (ou advogado). Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

F..... (Presidente do Conselho).

F..... (Juiz)

F..... (Réu)

F..... (Cmt. de Cia. ou advogado).

RECEBIMENTO (13)

Aos..... dias do mez de..... do anno de....., na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os presentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

JUNTADA (14)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....; na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço juntada aos presente autos da respectiva sentença e da acta da sessão de julgamento; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

SENTENÇA (15)

Visto e examinados, attentamente, os presentes autos de processo crime em que são partes, como autora, a Justiça Militar, e réu F..... (nome e posto), delles consta que: O réu F..... soldado deste Regimento de Infantaria está accusado de haver commettido o crime previsto no artigo..... do Código Penal Militar, em virtude do facto constante do processo de..... (deserção ou insubmissão), tendo o feito seguido todos os trâmites legaes.

Isto posto, e considerando que dos autos está sobjeamente provado ter o réu F..... commettido o delicto de..... (designa-se o delicto qualificado) de que é accusado no presente processo (termo de insubmissão de fls....., termo de deserção de fls..... e mais documentos de fls....., etc.);

Considerando (no caso de confissão do crime feita perante o Conselho) que o réu confessou, em juizo, livre e espontaneamente, sem qualquer constrangimento, coação ou insinuação, ter praticado o crime, conscientemente, e ser essa confissão acordo com as circunstâncias do facto e as provas dos autos, conforme se vê dos depoimentos de fls..... e.... (indicam-se as peças do processo que corroboram a confissão).

Considerando que o réu commeteu o crime, com as circunstâncias aggravantes do artigo..... do Código Penal Militar;

Considerando que em favor do réu militam as circunstâncias atenuantes do artigo..... §..... do referido Código;

Considerando mais, etc. etc. (citar as circunstâncias que tiverem influido no julgamento);

Considerando que ditas circunstâncias se compensam;

O Conselho de Justiça por tudo isso e mais pelo que dos autos consta, resolve condenar (ou absolver, quando fôr o caso) o réu F..... (nome e posto) ás penas do grau médio do artigo..... Código Penal

Militar, computando-se, na fórmula da lei, o tempo de prisão preventiva (se houver).

Publique-se, registre-se e intime-se.

Sala das sessões do Conselho de Justiça no quartel do.....
Regimento de Infantaria, na Villa Militar, em..... do mez de.....
..... do anno de.....

F.....(Presidente)
F.....(Juiz)
F.....(Relator)
F.....(Juiz)

(Nota: A sentença é um documento avulso, que se junta ao processo).

ACTA (16)

(Da sessão de julgamento)

Aos..... dias do mez de..... do anno de....., na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça, presentes todos os seus membros, foi pelo senhor presidente do Conselho aberta a sessão, neste processo, ás..... horas e..... minutos. Apregoado pelo escrivão o nome do accusado F..... (nome por inteiro) compareceu este com o seu commandante de companhia (ou advogado), senhor Capitão F..... Em seguida, procedida a leitura das peças do processo, na fórmula da lei, passou-se ao interrogatorio do reu, visto não ter sido pedida a inquirição de testemunhas. Terminado o interrogatorio (e os depoimentos, quando houver testemunhas), foi dada a palavra ao senhor Capitão F..... commandante de companhia do accusado (ou advogado), que declarou não ter novas razões de defesa a apresentar (ou que apresentou, oralmente, novas razões de defesa). Logo, após, passou o Conselho a funcionar em sessão secreta. Feito pelo senhor relator uma exposição verbal sobre o facto arguido contra o accusado, apontadas as provas de acusação e da defesa, foram convidados os juizes a se pronunciarem sobre a causa e, recolhidos os votos, a começar pelo menos graduado (ou mais moderno), apurou-se ter o Conselho, por unanimidade de votos (ou maioria de votos), absolvido o alludido reu F..... (ou condemnado o alludido reu F..... ás penas do grau minimo (medio ou maximo) do artigo..... do Código Penal Militar). Pelo senhor relator foi, em seguida, proclamada a sentença em publica audi-

encia, em presença das partes, que ficaram scientes (ou foi pedido o prazo legal para a redacção da respectiva sentença). Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, neste processo, ás..... horas e..... minutos; do que, para constar, lavrei esta acta, que escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: A acta é um documento avulso, que se junta ao processo).

CERTIDÃO (17)

Certifico que foi intimado F..... (nome e posto) da sentença de fls....., em sua propria pessoa (ou na do seu Cmt. de sub-unidade, ou advogado), que ficou bem sciente; do que, para constar, lavrei este termo e dou fé. E. F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

ENCERRAMENTO (18)

Aos..... dias do mez de..... do anno de..... na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, deu-se por findo o presente processo; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

CONCLUSÃO (19)

Aos..... dias do mez de..... do anno de..... na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço os presentes autos conclusos ao senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

DESPACHO (20)

SEJA feita a remessa do presente processo a autoridade competente.

(Data — Logar, dia, mez e anno).

(Assignatura do presidente do Conselho).

RECEBIMENTO (21)

Aos..... dias do mez de..... do anno de..... na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os presentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

REMESSA (22)

Aos..... dias do mez de..... do anno de..... na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço remessa destes autos ao senhor..... Commandante do citado Regimento, para os fins do § 6.^o do artigo 257 do Código da Justiça Militar; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

ANNEXO N.^o 1

- 1) A ordem dos termos do processo está indicada pelos numeros que estão entre parenthesis ao lado de cada titulo.
- 2) Na primeira folha (a que serve de capa) só deve constar o cabeçalho indicado pelo numero (1) e a autuação indicada pelo numero (2).
Essa folha pode ser de cartolina.
- 3) Logo depois do termo de autuação (2), vem:
 - a) A copia do officio do presidente do Conselho, solicitando o processo de deserção;

b) A copia do officio do presidente do Conselho, solicitando as razões de defeza;

- c) As copias dos Boletins que nomeiaram o Conselho e o escrivão;
- d) O processo de deserção (ou de insubmissão);
- e) Copias dos boletins referentes ao facto;
- f) Os assentamentos militares do reu;
- g) As razões de defeza;

h) A ficha dactyloscopica (sempre que for possivel).

(Nota: — Esses documentos correspondem ao numero (3), que, aparentemente, foi omittido na ordenação).

4) Sómente depois do ultimo documento acima (3) é que vem a certidão de compromisso (4) e demais termos, de acordo com a ordem da numeração.

5) O processo deve ser feito em folha de papel almaço com 0m,22 X 0m,33.

6) Nada impede que todos os termos e a sentença sejam dactylographados, dando-se-lhes, porém, o fecho conveniente.

7) As copias de qualquer documento devem ser autenticadas pelo escrivão com o devido "Confere com o original" (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, nota da pagina 844).

As 1.^{as} e segundas vias dos documentos levam a assignatura do presidente do Conselho.

8) AUTUAÇÃO — Na autuação não é preciso enumerar os documentos (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pagina 832). Esse termo é lançado na capa do processo (Formulario, pagina 831).

9) COMPROMISSO — O compromisso dos juizes é prestado de acordo com o art. 200 do C. J. M. Desse acto deve constar nos autos a devida certidão (art. 200, § unico, do C. J. M.). Acarreta nullidade a falta desse compromisso. (Art. 247, letra K, do C. J. M.).

10) JUNTADA — Definição — Formalidade — Na juntada cita-se o documento que for. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 381 e 832).

Lançado o termo de juntada, seguem-se os documentos nelle referidos.

Sómente depois do ultimo documento é que proseguirão os termos de continuação do feito.

11) ACTA — A acta deve relatar tudo quanto na sessão ocorrer e della se deve fazer juntada aos autos do processo respectivo. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 833 e 863).

12) TESTEMUNHAS — Havendo testemunhas procede-se de acordo com o Titulo — V. Cap. II do C. J. M., observados os termos de continuação do processo.

As testemunhas serão inquiridas antes do reu (art. 206 do C. J. M.) e as testemunhas de accusação, antes das de defesa (art. 205 do C. J. M. (Art. 205 do C. J. M.).

13) TERMOS DE CONTINUAÇÃO — São aquelles que assinalam o accrescimo de actos do processo no feito. São elles: autuação, juntada, recebimento, certidão, etc. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 829).

14) CONCLUSÃO — Sempre que o processo depender de decisão ou despacho do presidente do Conselho, os autos lhe serão conclusos. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 832).

15) RECEBIMENTO — Voltando o processo ás mãos do escrivão, este lavrará o termo de recebimento (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

16) CERTIDÃO — Dos despachos e decisões cumpridas, o escrivão lavrará nos autos o termo respectivo (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 832).

17) APRESENTAÇÃO — Dos autos deve constar o termo de apresentação do processo ao Conselho, para os fins legaes (Julgamento, etc.) — (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pgas. 831 e 833).

18) ENCERRAMENTO — E' o acto pelo qual o escrivão accusa terem sido dadas por findas as diligencias e formalidades do processo. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

19) REMESSA — E' o acto que comprova a expedição dos autos de um juizo ou autoridade para outro juizo ou autoridade. (Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

20) NUMERAÇÃO — O processo será numerado, sendo a numeração lançada, seguidamente, no rosto de cada folha e na sua extremidade externa superior. A primeira folha, que serve de capa, tambem será numerada. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 831).

21) RUBRICA — Todos os termos, actos e folhas são rubricados pelo escrivão. (Art. 190, letra K, do C. J. M.).

22) SENTENÇA — A sentença deve ter a data do dia do julgamento. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 861).

A sentença será lida pelo relator em publica audiencia, della se entendendo, desde logo, intimado o reu que se achar presente, ou em caso contrario, a intimação será feita ao seu advogado (Cmt. de Cia.) ou curador (Art. 226 do C. J. M.).

O Juiz vencido poderá justificar o seu voto, por escripto. (Formulario, pag. 861).

23) SESSÃO — Haverá tantas sessões quantas forem necessarias ao julgamento do reu.

24) AUTO DE QUALIFICAÇÃO — Nos processos de deserção e de insubmissão, é desnecessario o auto de qualificação, visto os autos rela-

tivos a esses crimes equivalerem á formaçāo de culpa. (Formulario, pags. 894 e 895) (Art. 255, § 4.^o, do C. J. M.).

25) RELATORIO — A exposição do relator é verbal, feita na mesma occasiāo em que o Conselho estuda o processo. (Art. 257, § 2.^o, do C. J. M.).

O relatorio verbal encontra fundamento nos modelos das actas de sessāo de julgamento (Formulario, pags. 863, 893 e 896).

26) Se o accusado não puder ou não quizer assignar, far-se-á declaração no auto, e por elle assignarão duas testemunhas, ás quaes o auto será lido. (Art. 208, § unico, do C. J. M.; Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926).

27) Para a sessāo de julgamento o reu deve ser intimado com a antecedencia minima de 24 horas (Formulario-Bol. Ex. n.^o 344, de 1926, pag. 859).

28) Os autos ficam sob a guarda e responsabilidade do escrivāo (Art. 109, letra j, do C. J. M.).

29) Na contagem dos prazos, não se conta o dia em que começa, mas conta-se, aquelle em que finda. O prazo findará no dia immediato, se o ultimo dia fôr feriado ou domingo. (Arts. 240 e 241 do C. J. M.).

30) Se o reu fôr absolvido, o presidente do Conselho expedirá, imediatamente, o seguinte alvará (Formulario-Bol. Ex. 244, de 1926, pags. 862-863) (Artigo 257, § 6.^o, do C. J. M.):

ALVARA' DE SOLTURA

O Snr. F..... (posto e nome da autoridade que for) ou quem suas vezes fizer, sendo este apresentado, indo por mim assignado, em seu cumprimento, ponha, incontinente, em liberdade, se por outro motivo não estiver preso, F..... (nome a graduação), visto ter sido o mesmo absolvido pelo Conselho de Justiça perante o qual estava sendo processado pelo crime previsto no artigo..... do Código Penal Militar.

(Logar e data)

(Assignatura do presidente).

31) Se o reu for condemnado, o presidente do Conselho expedirá a seguinte carta de guia (mandado de prisão) (Art. 257, § 6.^o, do C. J. M.).

CARTA DE GUIA

Faço saber ao Snr. Commandante do..... (autoridade militar que for) que a presente acompanha o reu F..... (nome por inteiro),

filho de....., natural do Estado de....., com..... annos de idade, solteiro (casado ou viuvo), soldado (ou o que for) do..... (unidade a que pertencer), o qual vae cumprir a pena de..... (tempo) de prisão com trabalho, a que foi condemnado por sentença do Conselho de Justiça que o julgou, datada de..... (data por extenso), como incursa no artigo....., do Código Penal Militar. O Reu foi preso em..... (declarar a data), devendo ser posto em liberdade em..... (declarar a data).

Dada e passada em (logar, dia, mez e anno).

(Assignatura do presidente).

ANNEXO N.º 2

(Testemunhas)

Havendo testemunhas, estas serão inquiridas antes do reu, vindo, primeiramente, as de accusação e depois as de defesa (Arts. 205 e 206 do C. J. M.).

Os respectivos termos de inquirição ficarão collocados entre os numeros (11) e (12) do presente formulario.

O modelo do termo é o seguinte:

INQUIRIÇÃO DE TESTEMUNHAS

Assentada

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....; na sala das sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça, presentes todos os seus membros (ou os juizes taes e taes), o reu F..... (mome e posto) e seu commandante de companhia, senhor Capitão F....., advogado do reu; foi pelo senhor primeiro tenente relator inquirida a testemunha F..... (ou foram inquiridas, como adiante se vê, as testemunhas F....., F..... e F.....), na fórmula da lei; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

Primeira testemunha

F..... (nome, nacionalidade, estado civil, profissão ou posto e residencia), aos costumes disse nada. Testemunha que, sob compromisso legal, prometeu dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse per-

guntado. E, sendo inquirida sobre os factos constantes do documento de fls....., que lhe foi lido, respondeu que..... (segue-se a resposta); perguntado sobre....., respondeu que..... (e assim por diante). Consultados os demais juizes do Conselho para lembrarem as perguntas que lhes parecessem convenientes ao esclarecimento da verdade, por estes foi declarado que nada tinham a dizer (ou pelo Juiz F..... foi lembrado que se perguntassem.....) (segue-se a pergunta), tendo a testemunha respondido que..... Dada a palavra ao accusado para reperguntar ou contestar a testemunha, pelo mesmo foi dito que o seu advogado o faria. Dada a palavra ao Snr. F. (nome e posto), advogado do reu, por elle foi pedido se perguntassem a testemunha..... (seguem-se as perguntas); e pela testemunha foi dito que..... (seguem-se as respostas) (ou dada a palavra ao advogado, para contestar a testemunha, por elle foi dito que contestava a testemunha porque..... (seguem-se as razões da contestação). Perguntado a testemunha se mantinha, ou não, integralmente, o seu depoimento, pela mesma foi dito que sim (ou que o rectificava na parte tal). E por nada mais saber nem lhe ser perguntado, deu-se por findo esse depoimento, que, depois de lhe ser lido e achado conforme, assigna (ou visto não saber ou não poder escrever, assigna F..... a seu rogo) com o reu e o seu advogado e que, na forma da lei, vae rubricado pelo Snr. Presidente do Conselho e pelo Relator. Do que tudo dou fé. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

F..... (Rubrica do Presidente do Conselho)
 F..... (Rubrica do Relator)
 F..... (Nome por inteiro da testemunha ou de quem houver assignado a seu rogo).
 F..... (Nome do reu)
 F..... (Nome do advogado).

(Notas:— Assim se procederá com as demais testemunhas, debaixo da mesma "assentada", se forem inquiridas no mesmo dia. Não o sendo, far-se-á nova "assentada".

Se a testemunha declarar ser parente, amiga ou inimiga, dependente do accusado ou da victimia, isso mesmo se tomará por escripto, no depoimento, e será então considerada informante, não se lhe deferindo compromisso.

ANNEXO N.^o 3

(Appellação)

- I) Se houver condenação, poderá o reu (ou seu advogado) appellar

da sentença condemnatoria, dentro do prazo de 48 horas, após a leitura ou intimação da referida sentença (Art. 292 do C. J. M.).

2) O presidente do Conselho mandará juntar ao processo a petição que interpoz a appellação, lançando-lhe o despacho competente.

3) As razões da appellação serão apresentadas dentro do prazo de 5 dias, contado da data da petição do numero 2 acima (art. 292, § 1º, do C. J. M.)í

4) O escrivão lavrará o necessário termo de juntada (da petição e das razões de appellação), antes do termo de encerramento, isto é, entre os numeros (17) e (18) do presente formulario.

5) De acordo com o § 7º do artigo 257 do Código da Justiça Militar, a Auditoria competente é que cabe tomar conhecimento da appellação, para encaminhar o processo ao Supremo Tribunal Militar.

6) Os modelos são:

a) da petição (Formulario Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 869):

"Meretissimo Conselho de Justiça.

O advogado abaixo assignado (ou o reu), não se conformando com a sentença de fls..... que condemnou, no grau..... do artigo..... do C. P. M., o reu F..... (nome e posto), vem pela presente e na forma da lei, appellar da mesma sentença para o Egregio Supremo Tribunal Militar, requerendo lhe seja concedido o prazo legal para apresentação das razões escriptas, em primeira instância.

P. deferimento

(Logar ,data e nome do appellante).

b) da appellação (Formulario — Bol. Ex. n.º 344, de 1926, pags. 869-870):

RAZÕES

Egregio Supremo Tribunal Militar

O advogado abaixo assignado (ou o reu) vem, respeitosamente, appellar para esse Egregio Supremo Tribunal Militar da Sentença de fls. do meretissimo Conselho de Justiça que condemnou o reu F. (nome e posto) ás penas do grau..... do artigo..... do C. P. M.

Fundamenta o appellante o presente recurso nos seguintes motivos de direito e de facto: (seguem-se os motivos que se baseia a appellação;

nullidade do processo, do julgamento ou da sentença, ter sido esta proferida contrariamente á evidencia dos autos, ou aquillo que for).

Pelo que, á vista do exposto, pede e espera o appellante que seja reformada a alludida sentença para o fim de..... (ser o reu absolvido ou condemnado na pena minima), por ser conforme o Direito e a Justiça.

(Logar, data e assignatura do appellante).

(NOTA: — Quando houver condemnação, a remessa dos autos sómente será feita depois de extinto o prazo de appellação. (Vide os n.ºs, 1, 2 e 3 do presente Annexo n.º 3).

ANNEXO N.º 4

CODIGO PENAL MILITAR

Da responsabilidade criminal; das causas que derimem a criminalidade e justificam os crimes.

Art. 18 — As accções ou omissões contrarias á lei penal, que não forem commettidas com intenção criminosa, ou não resultarem de negligencia, imprudencia ou impericia, não serão passíveis de pena.

Art. 19 — A responsabilidade penal é exclusivamente pessoal.

Art. 20 — Não derimem, nem excluem a intenção criminosa:

a) a ignorancia da lei penal;

b) o erro sobre a pessoa ou cousa a que se dirigir o crime.

Art. 21 — Não são criminosos:

§ 1.º.....

§ 2.º.....

§ 3.º Os que, por imbecilidade nativa, ou enfraquecimento senil, forem absolutamente incapazes de imputação,

§ 4.º Os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia no momento de commetter o crime;

§ 5.º Os que commetterem o crime casualmente no exercicio ou pratica de qualquer acto lícito feito com attenção ordinaria;

§ 6.º.....

Art. 22 — A ordem de commetter crime não isenta da pena aquelle que a executar; todavia, si consistir em facto que a lei pune sómente como abuso de poder ou violação de deveres funcionaes, a responsabilidade penal que resultar da execução, em virtude de obediencia legalmente

devida a superior legitimo, recahirá, unicamente, sobre aquelle que deu a ordem.

Art. 23 — Os individuos isentos de culpabilidade, em resultado de afecção mental, serão entregues a suas familias ou recolhidos a hospital de alienados, si o seu estado mental assim o exigir para segurança do publico

Art. 24.....

Art. 25 — A isenção da responsabilidade criminal não implica a da responsabilidade civil.

Art. 26 — Não são tambem criminosos:

§ 1.º Os que praticarem o crime para evitar mal maior;

§ 2.º Os que o praticarem em defesa legitima propria ou de outrem.

A legitima defesa não é limitada unicamente á protecção da vida; ella comprehende todos os direitos que podem ser lesados.

Art. 27 — Para que o crime seja justificado no caso do § 1.º do artigo precedente, deverão intervir, conjunctamente, a favor do delinquente, os seguintes requisitos:

1.º Certeza do mal que se propoz evitar;

2.º Falta absoluta de outro meio menos prejudicial;

3.º Probabilidade da efficacia do que se empregou.

Art. 28 — Para que o crime seja justificado no caso do § 2.º do mesmo artigo, deverão intervir, conjunctamente, em favor do delinquente, os seguintes requisitos:

1.º Aggressão actual;

2.º Impossibilidade de prevenir ou obstar a acção, ou de invocar e receber soccorro da autoridade publica;

3.º Emprego de meios adequados para evitar o mal e em proporção da aggressão;

4.º Ausencia de provocação que occasionasse a aggressão.

Art. 29 — Reputar-se-á praticado em defesa propria o crime committed em resistencia á execução de ordens ou requisições illegaes, não se excedendo os meios necessarios para impedil-a.

Paragrapho Unico — São ordens e requisições illegaes as emanadas de autoridades incompetentes e destituidas das solemnidades necessarias para a sua validade, ou manifestamente contrarias ás leis.

(NOTA: — O Código Penal para a Armada foi mandado applicar ao Exercito pela lei n.º 612, de 29-IX-1889 e acha-se publicado na integra em Ordem do Dia n.º 40 ,de 1899. Elle sofreu as alterações constantes dos seguintes decretos: n.º 4.988, de 8-I-1926 (Bol. Ex. 285); n.º 5.285, de 13-X-1927 (Bol. Ex. 413); n.º 21.043, de 15-II-1932 (Bol. Ex. 96); n.º 23.125, de 21-VIII-1933, art. 136 (Bol. Ex. 62), combinado com o decreto 24.710, de 13-VII-1934 (Bol. Ex. 40).

ANNEXO N.^o 5

CÓDIGO PENAL MILITAR

Das circunstâncias aggravantes e attenuantes

Art. 30 — As circunstâncias aggravantes e attenuantes dos crimes influirão na agravação ou attenuação das penas com que hão de ser punidos.

Art. 31.....

Art. 32.....

Art. 33 — São circunstâncias aggravantes:

§ 1.^o

§ 2.^o — Ter sido o crime commettido com premeditação, mediando entre a deliberação criminosa e a execução o espaço, pelo menos, de 24 horas;

§ 3.^o

§ 4.^o — Ter o delinquente sido impellido por motivo reprovado ou frívolo;

§ 5.^o

§ 6.^o — Ter o delinquente procedido com fraude, ou com abuso de confiança;

§ 7.^o — Ter o delinquente procedido com traição, surpreza ou disfarce;

§ 8.^o

§ 9.^o — Ter o delinquente commettido o crime por paga ou promessa de recompensa;

§ 10.^o — Ter sido o crime commettido com arrombamento, escalaada, chaves falsas ou aberturas subterrâneas;

§ 11.^o — Ter sido o crime ajustado entre dois ou mais individuos;

§ 12.^o

§ 13.^o

§ 14.^o — Ter sido o crime commettido em occasião de incendio, naufragio, encalhe, colisão, avaria grave, manobra que interesse à segurança do navio, inundação, revolta, tumulto, ou qualquer calamidade publica...;

§ 15.^o — Ter sido o crime commettido em estado de embriaguez;

§ 16.^o — Ter sido o crime commettido durante o serviço ou a pretexto delle;

§ 17.^o

§ 18.^o

§ 19.^o — Ter o criminoso maus precedentes militares;

§ 20.^o — Ter o delinquente reincidido.

Art. 34 — A reincidencia verifica-se quando o criminoso, depois da sentença condemnatoria passada em julgado, commette outro crime da mesma natureza.

Art. 35

Art. 36 — No crime de deserção são ainda circumstancias aggravantes:

§ 1.^o — Ser a deserção realizada em paiz estrangeiro ou para elle;

§ 2.^o — Levar o criminoso consigo armas, ou qualquer objecto de propriedade nacional, ou subtrahido á camarada ou companheiro de serviço;

§ 3.^o — Apoderar-se de embarcação da Armada para realizar o seu intento.

Art. 37 — São circumstancias attenuantes:

§ 1.^o — Não ter havido no delinquente pleno conhecimento do mal e directa intenção de o praticar;

§ 2.^o — Ter o delinquente commettido o crime em defesa da propria pessoa ou de seus direitos, ou em defesa de pessoa ou direitos de sua familia, ou de terceiros;

§ 3.^o — Ter o delinquente commettido o crime opondo-se á execução de ordens illegaes;

§ 4.^o

§ 5.^o — Ter o delinquente commettido o crime para evitar mal maior;

§ 6.^o — Ter o delinquente commettido o crime em obediencia a ordem de superior hierachico;

§ 7.^o — Ter o delinquente bons precedentes militares, ou ter relevantes serviços prestados á Patria;

§ 8.^o — Ser o delinquente menor de 21 e maior de 70 annos;

§ 9.^o — Ter sido o delinquente tratado em serviço ordinario com rigor não permitido por lei.

Art. 38 — No crime de deserção, em tempo de paz e dentro do paiz, é considerada circumstancia attenuante a demora na concessão da baixa, além de dois meses depois da conclusão do tempo de serviço, ou na entrega da ração e fardamento, a que o delinquente tiver direito.

Art. 49 (§ unico) — A pena de prisão com trabalho imposta aos sargentos, cabos ou seus assemelhados, importará desde logo o rebatimento á ultima classe do corpo a que pertencer.

Art. 327 do Código da Justiça Militar (Bol. Ex. n.^o 300, de 1926):

"A prisão preventiva será levada em conta integralmente no cumprimento da pena. Não o será a menagem concedida nas cidades. A

concedida nos quartéis, navios e acampamentos será levada em conta na medida de um terço do tempo de sua duração".

ANNEXO N.º 6

CODIGO PENAL MILITAR

DOS CRIMES CONTRA A HONRA E O DEVER MILITAR

Insubmissão e Deserção

Art. 116 — É considerado insubmissô:

1.º O individuo sorteado ou designado para o serviço da Armada, o voluntario e o engajado que deixarem, sem causa justificada, de apresentar-se dentro do prazo que lhes fôr marcado;

2.º O designado que, voluntariamente, crear para si impedimento phisico, temporario ou permanente, que o inhabilite para o serviço da Armada;

3.º O designado que simular defeito ou usar de fraude ou artificio, com o fim de isentar-se do serviço da Armaaa;

4.º

5.º

PENA — de prisão com trabalho por 4 mezes a 12 mezes (Penalidade de acordo com o artigo 136 do decreto n.º 23.125, de 21-VIII-1933 (Bol. Ex. 62), combinado com o decreto n.º 24.710, de 13-VII-1934 (Bol. Ex. 40).

PREScripção — 8 annos (Art. 72 do C. P. M.).

PARAGRAPHO UNICO — Incorrerá nas mesmas penas aquelle que der asylo, ou transporte ao insubmissô, ou tomal-o a seu serviço sabendo que o é.

Art. 117 — É considerado desertor:

1.º Todo individuo ao serviço da marinha de guerra que, excedendo o tempo de licença deixar de apresentar-se, sem causa justificada, a bordo, no quartel, ou estabelecimento de marinha onde servir, dentro de 8 dias, contados daquelle em que terminar a licença;

2.º O que deixar de apresentar-se dentro do mesmo prazo, contado do dia em que tiver sciencia de haver sido cassada ou revogada a licença;

3.º O que, sem causa justificada, ausentar-se de bordo, dos quartéis e estabelecimentos da marinha onde servir;

4.^º O que, sem causa justificada, comunicada incontinenti, não se achar a bordo, ou no logar onde sua presença se torne necessaria em razão do serviço, no momento de partir o navio, ou força, para viagem ou comissão ordenada;

5.^º O que, tendo ficado prisioneiro de guerra, deixar de apresentar-se á autoridade competente seis meses depois do dia em que conseguir libertar-se do inimigo;

6.^º O que não se apresentar logo depois de ter cumprido sentença condemnatoria;

7.^º O que tomar praça em outro navio, ou alistar-se no Exercito, antes de haver obtido baixa;

PENA — de prisão com trabalho por 6 meses a 2 annos (Penalidade de acordo com o decreto legislativo n.^º 5.285, de 13-X-1927 (Bol. Ex. n.^º 413).

PRESCRIÇÃO — (Art. 70 do C. P. M.)

8.^º O que, em presença do inimigo, deixar de acudir a qualquer chamado ou revista.

PENA — de prisão com trabalho por 6 meses a 6 annos.

PRESCRIÇÃO — (Art. 70 do C. P. M.)

PARAGRAFO UNICO — Si a deserção fôr para o inimigo, ou efectuar-se na presença delle:

PENA — de morte.

PRESCRIÇÃO — (Art. 71 do C. P. M.)

Art. 118 — Nas mesmas penas incorrerão as praças da tripulação do navio comboiado ou mercante, ao serviço da Nação, que desertarem para o inimigo, ou abandonarem o seu navio ou posto em presença do inimigo.

Art. 119 — A praça de pret, ou seu assemelhado, que reincidir em deserção será expulsa, com inhabilitação para qualquer emprego publico remunerado, depois de cumprida a pena, contanto que esta attinja a seis annos.

Art. 120 — Todo aquelle que, embora estranho ao serviço da Arma da, subornar ou alliciar as praças para que desertem, der asylo ou transporte a desertor, sabendo que o é:

PENA — de prisão com trabalho por 1 a 2 annos.

PREScripção — 8 annos (Art. 72 do C.P.M.)

Art. 121 — Aos reformados e invalidos, que se acharem em serviço activo, serão extensivas as disposições deste capítulo em tudo que lhes ser applicavel.

CALCULO DAS PENALIDADES — (Art. 55 e §§ do C.P.M.) (Art. 32 e §§ do C.P.M.)

— A somma do grau MAXIMO mais o grau MINIMO, dividida por dois, dá o grau MEDIO.

— A somma do grau MAXIMO mais o grau MEDIO, dividida por dois, dá o grau SUB-MAXIMO.

— A somma do grau MEDIO mais o grau MINIMO, dividida por dois, dá o grau SUB-MEDIO.

Será applicado o MAXIMO, quando houver uma ou mais aggravantes sem attenuante alguma; será applicado o SUB-MAXIMO, quando as aggravantes preponderarem sobre as attenuantes; será applicado o MEDIO, quando não existirem attenuantes nem aggravantes ou quando as aggravantes e as attenuantes se compensem; será applicado o SUB-MEDIO, quando as attenuantes preponderarem sobre as aggravantes; será applicado o MINIMO, quando somente houver attenuantes, sem aggravante.

NOTA GERAL

Os casos de deserção e de insubmissão estão regulados pelos seguintes artigos do Código da Justiça Militar (reformado) Decreto n.º 24.803, de 14-VII-1934 Bol. Ex. n.º 40), a saber:

- Artigo 8.º § 3.º;
 - Artigo 9.º §§ 6.º e 7.º;
 - Artigo 257 e §§
 - Artigo 260
-

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

"A DEFESA NACIONAL"

É

DO

EXERCITO.

TRABALHAR POR ELLA

É

TRABALHAR

PELO

EXERCITO.

MANDEM SUAS

COLLABORAÇÕES

REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
 C. S. N. — Ten. Pondé Sobrinho
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
 1º Gr. Regiões — Ten. Gerardo Lemos Amaral
 D. P. E. — Cap. Toscano Britto
 Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
 Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
 Dr. Av. — Maj. Godofredo Vidal
 Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto Dias dos Santos
 Dir. I. G. — Ten. José Salles
 S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena
 Serv. Geog — Cap. Castello Branco
 Serv. Radio — Ten. Juracey Campanello
 Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
 Q. G. 1.ª R. M. — Cap. João Ribeiro
 Q. G. 2.ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
 Q. G. 3.ª R. M. — Cap. Carlos Analio
 Q. G. 4.ª R. M. — Cap. Samuel Pires
 Q. G. 5.ª R. M. — Cap. J. Baptista Rangel
 Q. G. 6.ª R. M. — Major Lopes da Costa.
 Q. G. 7.ª R. M. — Cap. Milton O'Reilly de Souza

C. I. T. — Cap. Haroldo Mattoso Maia
 Q. G. 8.ª R. M. —
 Q. G. 9.ª R. M. — Cap. Olivio Bastos.
 M. M. F. — Cap. Jurandyr Palma Cabral.
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo de Almeida
 E. I. — Cap. José Adolpho Pavel.
 E. A. — Ten. V. Rocha Santos.
 E. C. — Cap. Armando Ancora.
 E. E. — Cap. Luiz Betanio.
 Escola Technica —
 E. Av. — Cap. Archimedes Doria.
 E. M. — Ten. Geraldo Côrtes.
 E. E. F. E. — Maj. Raul Vasconcellos.
 E. I. — Cap. E. José Granja.
 E. Vt. E. —
 C. A. S. I. — Ten. Taltibio de Araujo
 C. M. R. J. —
 C. M. P. A. —
 C. M. C. — Cap. Djalma Baima.
 F. P. I. — Cap. Britto Junior.
 F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
 F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
 Corpo de Fuzileiros Navaes — Ten. Cândido da Costa Aragão.

TROPA

Infantaria

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
 Btl. Guardas — Ten. Axmar de Lima
 1.º R. I. — Cap. Sousa Aguiar
 2.º R. I. — Ten. Roberto Pessôa
 3.º R. I. — Ten. Antero de Almeida
 4.º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
 I/5.º R. I. — Ten. Bandeira de Mello
 II/5.º R. I. — 1.º Ten. Luiz Martins Chaves
 II/5.º R. I. — Alcides P. Coelho
 I/6.º R. I. — Cap. Armando Moraes
 6.º R. I. — Cap. Ary Ruch

7.º R. I. — Cap. Gilberto Carvalho
 8.º R. I. — Ten. Octacilio Silva
 I/8.º R. I. — Cap. Felicissimo Ave-lino
 9.º R. I. — Ten. Almir Lemos Fur-tado
 I/9.º R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.º R. I. —
 11.º R. I. — Ten. Luiz de Faria
 12.º R. I. — Cap. Nilo Chaves
 I/13.º R. I. — Ten. Djalma Cravo.
 13.º R. I. — Ten. Iracilio Pessôa.
 1.º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
 2.º B. C. — Ten. Marcio Mene-zes.

- 3.^º B. C. — Ten. Moacyr Rezende.
 4. B. C. — Cap. Carlos Coelho
 Cintra.
 6.^º B. C.
 7.^º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.^º B. C. — Ten. Gelei Brun.
 9.^º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
 10.^º B. C. — Ten. Ary Lopes.
 13.^º B. C. — Ten. Domingos P.
 Neves.
 14.^º B. C. — Cap. Barata de Aze-
 vedo.
 15.^º B. C. — Ten. Araquem Torres.
 16.^º B. C. — Ten. Arlindo P. de
 Figueiredo.
 17.^º B. C. — Ten. Miguel Mozzili.
 18.^º B. C. — Ten. Delio Lobo
 Vianna.

- 19.^º B. C. — Ten. Murillo B. Mo-
 reira.
 20. — B. C. Cap. Guilherme Jan-
 sen Filho.
 21. — B. C. — Ten. José Rodri-
 gues da Rocha.
 22.^º B. C. — Cap. Leandro Costa.
 23.^º B. C. — Ten. Raymundo Telles
 24.^º B. C. — Ten. Alexandre C.
 Moreira.
 25.^º B. C. —
 26.^º B. C. — Ten. Carlos Viveiros
 da Silva.
 27.^º B. C. — Ten. Mario Liborio
 Pereira.
 28.^º B. C. — Ten. Britto Carmeló
 29.^º B. C. — Ten. Clovis M. Gomes

Cavalaria

- Unidade Escola — Ten. Durval Ma-
 cedo.
 1.^º R. C. D. — Cap. Cvro de Rezende
 2.^º R. C. D. — Ten. Britto Netto.
 3.^º R. C. D. — Ten. Poti S. Freire.
 IV/3.^º R. C. D. — Ten. Claudioor
 P. dos Santos.
 4.^º R. C. D. —
 5.^º R. C. D. — Ten. Luiz Valença
 1.^º R. C. I. —
 2.^º R. C. I. —
 3.^º R. C. I. — Ten. Nairo Madeira
 3.^º R. C. I. — Ten. Agenor Medei-
 ros Martins

- 5.^º R. C. I. — Ten. Luiz Linhares.
 6.^º R. C. I. — Ten. Newton Ma-
 ciel dos Santos.
 7.^º R. C. I. — Ten. Danilo C. Nunes
 8.^º R. C. I. — Ten. Aurelino Vargas.
 9.^º R. C. I. — Cap. Marcos Azam-
 biuja.
 10.^º R. C. I. — Ten. Lauro Re-
 bello F. da Silva.
 11.^º R. C. I. —
 12.^º R. C. I. — Ten. João de Deus
 N. Saraiva.
 13.^º R. C. I. —
 14.^º R. C. I. — Edson Condessa.

Artilharia

- Gr. Esc. — Ten. Valdir de Barros
 de Azevedo.
 1.^º R. A. M. — Cap. Edgard Portu-
 gal.
 2.^º R. A. M. — Ten. Ilton Fontoura
 4.^º R. A. M. —
 5.^º R. A. M. — Ten. Barreto Lemos
 6.^º R. A. M. — Ten. Lourival Doe-
 delein.
 8.^º R. A. M. — Ten. José O. Alves
 de Souza.
 9.^º R. A. M. — Ten. Arthur da Cos-
 ta Seixas.

- 1.^º G. A. D. — Celso Alencar Ara-
 ripe.
 2.^º G. A. D. — Ten. Ruy Freire
 Ribeiro.
 3.^º G. A. D. — Ten. Amaury P.
 Lima.
 5.^º G. A. D. — Ten. Ives Fonseca.
 1.^º G. A. P. — Ten. Assis Gonçalves
 2.^º G. A. P. — Cap. Josão C. Fon-
 seca.
 3.^º G. A. P. — Ten. Eduardo Barros
 1.^º G. A. Cav. —
 2.^º G. A. Cav. —

3. ^o G. A. Cav.—Ten. Nelson Moura	Fort. Coimbra —
4. ^o G. A. Cav. —	Fort. Copacabana — Ten. Flammarion P. de Campos.
5.* G. A. Cav. — Ten. Edson Figueiredo.	Fort. Vigia — Ten. Borges Fortes.
6. ^o G. A. Cav. —	Fort. Mar. Noura.
R. A. Mix. — Ten. A. Cesar do Nascimento.	Fort. Lage — Ten. Americo Ferreira.
Fort. Santa Cruz — Ten. Leontino Andrade.	Fort. S. Luiz — Ten. Jayme de Lemos.
Fort. S. João — Cap. Waldemar Pio dos Santos.	Fort. Imbuí — Ten. Corrêa do Lago.
Fort. Itaipús — Ten. Dr. Augusto Vouzela.	Fort. Mar. Hermes —
Fort. Obidos — Cap. Ascendino Lins Bia. I. H. Da.—Cap. Leandro Costa	Fort. Mar. Luz — Ten. Nelson M. de Miranda.

Engenharia

1. ^o Btl. Ferroviario —	4. ^o B. E. — Ten. Haroldo Paca.
1. ^o B. E.—Asp. Eduardo Domingues	5. ^o B. E. — Ten. Zneitho Schuller Reis.
2. ^o B. E.—Ten. Sady M. Monteiro	
3. ^o B. E.—Ten. Luiz de Paula Pessoa.	6. ^o B. E.—Major Abacilio F. Reis

Reserva

C. P. O. R. da 1. ^a R. M. — Ten. Nelson de Carvalho.	Policia Militar — Maj. Miranda Amorim.
C. P. O. R. da 3. ^a R. M. —	F. P. I. S. Paulo — Maj. José M. d. s Santos.
C. P. O. R. da 2. ^a R. M. — Ten. Nestor Tanes	B. M. R. G. do Sul — Ten. Hermes Fernandes.
C. P. O. R. da 4. ^a R. M. —	Força P. da Bahia — Cap. Philadelphia Neves.
C. P. O. R. da 5. ^a R. M.,—José B. Pessoa.	

Art. 26 — A Administração e os Redactores são responsáveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar, e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, ás idéias espendidas nas colaborações assignadas.

Não serão restituídos, em caso algum, originaes dos trabalhos recebidos para publicar na Revista.

EXPEDIENTE

I. Sede Provisória da administração: Q. G. do Exercito, edifício de madeira. Aberta das 14 ás 17 horas.

II. Correspondencia para a Caixa Postal n.º 1.602.

Discriminar no endereço: *Ao Secretario*, assumptos de collaboração;
Ao gerente, assumptos de assignatura; *Ao Bibliothecario*, encommendas de publicações.

III. Preços de assignaturas:

Anno.....	18\$000
Semestre.....	10\$000
Numero avulso.....	2\$000
Para sargentos — Semestre.....	8\$500
Para alumnos das escolas militares e do C. P. O. R. — numero.....	1\$500
Para remessa registrada e assignaturas avulso, por semestre, mais.....	1\$800

Os pagamentos devem ser feitos adeantadamente e as assignaturas começam com o numero de janeiro ou de julho.

O Gerente é encontrado na redacção ás quarta-feiras das 15 ás 17 hs.

Boletim Colombophilo